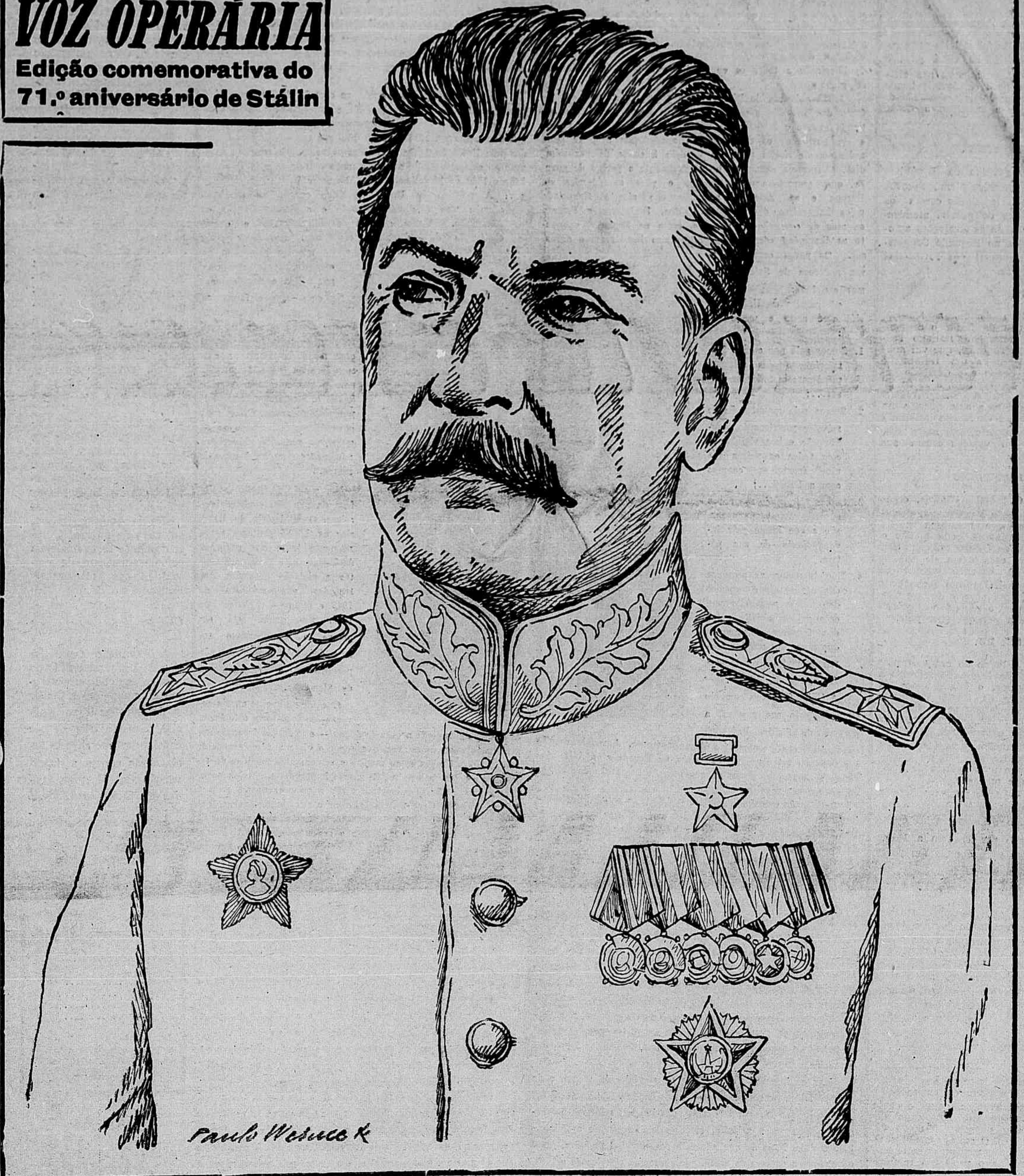


GLORIA A STALIN

GUIA DOS POVOS, CAMPEÃO DA PAZ

VOZ OPERÁRIA

Edição comemorativa do
71.º aniversário de Stálin



nos 4 cantos do mundo

POLITICA MUNDIAL

Stálin - Campeão da Luta Pela Paz

VOZ das AMÉRICAS
ARGENTINA

URSS

Stálin foi reeleito por unanimidade de votos para o Soviete de Moscou nas eleições para os Soviets locais que se iniciaram a 17 do corrente em toda a União Soviética.

ALEMANHA

O governo da República Democrática Alemã aprovou uma legislação contra os crimes de guerra, atendendo assim às resoluções aprovadas no Segundo Congresso Mundial dos Partidários da Paz.

ITALIA

Com destino a Moscou, partiu da Itália o dirigente comunista italiano Palmiro Togliatti, que vai submeter-se a um tratamento de saúde e prolongado repouso. Togliatti, a 14 de julho 1948, recebeu graves ferimentos a bala quando um agente da reação italiana e do imperialismo norte-americano atentou contra sua vida.

PASQUISTÃO

O jornal «Dawn», órgão da Liga Muçulmana, declarou que nenhuma nação muçulmana pode apoiar o uso da bomba atômica, porque essa arma de guerra viola os ensinamentos de Maomé. O mesmo jornal pede ao governo que declare fora da lei o uso da bomba atômica por qualquer país.

EE. UU.

A bordo do navio francês que o levará de regresso à Europa, o Ministro do Exterior da URSS, Vichinski, entrevistado pelos jornalistas reafirmou que a guerra não é inevitável. Vichinski denunciou mais uma vez a política dos Estados Unidos como uma política de guerra e agressão.

— A imprensa reflete a opinião geral de que o «estado de emergência» declarado por Truman a 16 de dezembro é mais um passo para a guerra.

INGLATERRA

O governo inglês recebeu uma nota do governo soviético insistindo sobre a necessidade de submeter a julgamento o imperador japonês Hirohito, reconhecido criminoso de guerra, e varios generais responsáveis pela agressão japonesa iniciada em 1941.

FRANÇA

O jornal «L'Humanité», referindo-se à proclamação do «estado de emergência» por Truman, acusa o chefe do governo americano de fazer ameaças, à moda de Hitler. O mesmo jornal continua a condenar veementemente o projetado rearmamento da Alemanha ocidental comandada pelos imperialistas laicos.

N A data de hoje, 21 de dezembro, Josef Stalin completa 71 anos. E neste dia milhões de homens, mulheres e jovens de todo o mundo rendem suas homenagens mais calorosas ao querido comandante das lutas da classe operária, homenagens como nenhum homem jamais conheceu. E' que, como disse certa vez o bravo militante do proletariado Georgui Dimitrov, «Stálin é internacional como a classe operária. Stálin é internacional como a doutrina marxista-leninista que mostra o caminho da libertação a todos os explorados e a todos os oprimidos do globo.»

Estas palavras de Dimitrov são comprovadas pela experiência dos anos de ascensão do fascismo, do período da segunda guerra e destes cinco anos do após guerra. Os povos e em particular os trabalhadores, aprenderam a amar mais ardentemente Stálin pela sua devoção à causa da paz mundial. Viram-no denunciar infatigavelmente o perigo de guerra que acarretava o hitlerismo e seus apaniguados da Europa e na Ásia, e armamentismo alemão financiado pelos banqueiros dos Estados Unidos, Inglaterra e França os atos de agressão do nazismo, como na Espanha, enquanto as chamadas «democracias ocidentais» insuflavam o agressor. Os povos escutaram a voz poderosa de Stálin afirmar em 1939:

«A política da União Soviética é clara e compreensível:

1. Somos pela paz e pelo fortalecimento das relações práticas com todos os países...;
2. Somos pela manutenção de relações pacíficas de aproximação e boa vizinhança com todos os países que têm fronteiras comuns com a URSS...;
3. Somos pelo apoio aos povos que são vítima da agressão e que lutam pela independência de sua pátria.
4. Não tememos as ameaças dos agressores e estamos dispostos a responder com dois golpes a cada golpe dos fautores de guerra, que procurem atentar contra a inviolabilidade das fronteiras soviéticas».

A União Soviética cumpriu rigorosamente sua palavra, a palavra de Stálin. Defendeu

consequentemente a paz até o último momento. Agredida, repeliu a agressão e esmagou os agressores, na Europa e na Ásia, ajudando a numerosos povos na sua luta de libertação dos velhos opressores estrangeiros e nacionais.

Política de princípios, política socialista, a política de defesa intransigente da paz mundial dirigida por Stálin se mantém nestes dias decisivos que atravessa a humanidade sob nova ameaça de guerra e agressão. E' a bússola dos povos.

Os imperialistas dos Estados Unidos e seus sequazes prepararam febrilmente a guerra, concertam pactos militares agressivos como o do Atlântico Norte e o do Rio de Janeiro. Stálin denuncia que tais pactos conduzem à guerra. Os Estados Unidos programam o rearmamento intenso e ao máximo das nações da Europa ocidental — contra a vontade dos povos respectivos. Stálin mostra que o rearmamento jamais salvaguardou a paz e, ao contrário, sempre levou à guerra. No seio da ONU a delegação soviética denuncia que os pactos de guerra violam flagrantemente a Carta das Nações Unidas e propõe bases claras para a colaboração pacífica entre os povos. Contra o armamentismo, a delegação soviética na ONU propõe um plano perfeitamente exequível de redução dos armamentos e das forças armadas das 5 grandes potências.

Mas os imperialistas porfiam no caminho da guerra e da agressão. Dos planos passam às ações diretas. Aproveitam um conflito interno como o da Coreia para intervir militarmente naquele pequeno país asiático, ameaçando diretamente a China e toda a Ásia. Mais do que nunca, a paz mundial periclitava. E é novamente a palavra de Stálin que abre uma clareira de paz: sua resposta a uma mensagem do Primeiro Ministro da Índia afirmando categoricamente:

«... a conveniência da solução pacífica da questão coreana através do

Conselho de Segurança, com a participação imprescindível dos representantes das 5 grandes potências, entre elas o Governo Popular da China».

Diante de tal resposta, é claro que os agressores da Coreia, é que desejam a guerra; impedem a composição normal do Conselho de Segurança, do qual, pela Carta da ONU, a China é membro efetivo; e se revelam como inimigos rancorosos do povo chinês, tentando afastar da comunidade das nações 475 milhões de seres humanos pelo crime de terem varrido a escravidão imperialista de seu território e escorraçado os laços americanos de Chiang Kai Shek.

No outro extremo do mundo, no coração da Europa está o problema alemão. Em relação a ele, a posição de Stálin é a mesma: resguardar a Europa de uma nova agressão alemã como as que ocorreram em 1914 e 1939. Fiel aos compromissos assumidos pela União Soviética quando os povos sangravam para se livrar do nazismo Stálin afirmou numa entrevista a 17 de setembro de 1946 ao jornalista inglês Alexander Worth:

«... A política da União Soviética quanto ao problema alemão visa a desmilitarização e a democratização da Alemanha. Creio que a desmilitarização e democratização da Alemanha constituem uma das mais importantes garantias ao estabelecimento de uma paz sólida e duradoura».

No entanto, que fazem os Estados Unidos, Inglaterra e França como ocupantes da Alemanha ocidental? Rearmam essa parte da Alemanha e a transformam num trampolim para a guerra contra a União Soviética e as Democracias Populares da Europa. Criam uma nova Wehrmacht, utilizando os mesmos generais hitleristas condenados como criminosos de guerra.

Mas a ação de Stálin em defesa da paz não conhece barreiras. O Ministério do Exterior da URSS protesta neste momento junto aos governos da Inglaterra e da França contra a violação grosseira dos tratados anglo-soviético de 1942 e franco-soviético de 1944, nos quais está expresso o compromisso solene dos três países de não permitirem o rearmamento da Alemanha.

E' evidente que os atuais governos da Inglaterra e da França ouvem unicamente a «voz do dono» — o grunhido feroz do imperialismo norte-americano, que impõe o «estado de emergência» nos Estados Unidos como modelo a semelhantes medidas de repressão e terror nos países do campo imperialista. Mas os povos desses países não se submetem a tão criminosos passos para a guerra mundial. O povo francês, como o povo inglês, que sofreu os terríveis bombardeios de aviação hitlerista, tem motivos de sobra para fazer da luta contra o rearmamento da Alemanha uma luta em defesa da própria sobrevivência nacional da França, gravemente ameaçada. Entre o proprio povo alemão frutifica o exemplo da República Democrática Alemã, da qual Stálin traçou uma perspectiva que enche de esperança e confiança todos os povos, quando afirmou na sua mensagem a Wilhelm Pieck e Otto Grottel:

«A criação da República Democrática Alemã marca uma reviravolta na história da Europa. E' indubitável que a existência de uma Alemanha democrática pacífica paralelamente à existência da pacífica União Soviética exclui a possibilidade de novas guerras na Europa, põe fim aos derramamentos de sangue na Europa e torna impossível a submissão dos países europeus pelos imperialistas internacionais.»

E' a sábia política de Stálin que o mundo ainda deve não ter sido lançado à fogueira de uma guerra total, a guerra atômica com que o canibal Truman ameaça os povos.

O aniversário de Stálin é, por isso e por tudo o que ele ensinou à classe operária para libertar-se da opressão capitalista uma festa dos povos que amam a paz. E deve ser uma data de poderosas manifestações anti-guerreiras, uma das formas de homenagearmos o campeão da luta pela paz mundial — STALIN — cujo nome quer dizer — Paz.



Os ferroviários argentinos se declararam em greve geral, imobilizando todo o serviço ferroviário do país. A tentativa do governo ditatorial de Peron de frustrar o movimento foi frustrada. Os grevistas não atenderam à intimação governamental para voltarem ao trabalho, só devendo fazê-lo quando forem atendidas suas exigências.

Um comunicado da Central Grevista acentua: «A corporação não se impressiona com ameaças de nenhuma espécie e só fará negociações depois de libertados os ferroviários presos».

As exigências dos grevistas são as seguintes: Aceitação da tabela de aumento de salários; suspensão de todas as medidas de repressão; demissão do chefe do Departamento ferroviário, Pablo Lopez.

EE. UU.

O diretor geral do Departamento de Mão de Obra do governo Ianque, Glen Brackway, revelou que os Estados Unidos estão tratando de importar mão de obra escrava dos países da América Latina, em caso de guerra. O recrutamento teria início na colônia americana de Porto Rico, nas Antilhas britânicas e no México

CUBA

A Federação Democrática de Mulheres exigiu do govern. que não envie tropas cubanas para a Coreia. A despeito do terror policial, os partidários da paz continuam recolhendo assinaturas contra a intervenção dos Estados Unidos na Coreia e exigindo a proibição da arma atômica.

VOZ OPERARIA

Diretor Responsável:	
WALDIR DUARTE	
Assinaturas:	
Anual	Cr\$ 30,00
Semestral	15,00
N.º avulso	0,50
N.º atrasado	1,00
Av. Rio Branco, 257 — 17.º andar — salas 1711 e 1712 — Rio de Janeiro — D. Federal BRASIL	

Assine o Apêlo de Estocolmo

21 DE DEZEMBRO - DATA UNIVERSAL DE TODOS OS QUE AMAM A PAZ



JOÃO AMAZONAS

tos dos incendiários de guerra e que essas batalhas são expressão também de suas lutas e nela estão apoiadas.

Os povos sentem que seus anseios e aspirações se identificam com a política de paz da U.R.S.S.

Os povos lutam pela interdição da bomba atômica, arma de terror e extermínio das populações civis; a União Soviética é a vanguarda da luta pela interdição das armas atômicas. Os povos ansiosos e preocupados pela desenfreia-da corrida armamentista que se desenvolve nos países capitalistas, particularmente nos Estados Unidos, protestam e reclamam que cesse tão louca e monstruosa política; a União Soviética é o arauto dos sentimentos dos povos na luta para pôr fim à corrida armamentista. Os povos vêem crescer indignados os efetivos militares dos países capitalistas, destinados à guerra; a União Soviética é o porta-voz dos povos do mundo inteiro quando propõe objetivamente a redução imediata de um terço das forças militares das grandes potências. Os povos não querem o rearmamento alemão e a União Soviética é que interpreta esses sentimentos quando luta por uma Alemanha unida, pacífica e democrática. Os povos do mundo, enfim, desejam veementemente que o foco guerreiro aceso pelos norte-americanos na Coreia seja extinto; a União Soviética é, ainda, o porta-voz desses anseios dos povos — a União Soviética propugna e luta pela solução pacífica do conflito coreano.

A política de paz da União Soviética, que é também a política de paz dos povos de todo o mundo, tem impedido o desencadeamento da guerra mundial. Os povos do mundo inteiro apoiam a política de paz da União Soviética ao mesmo tempo que se apoiam nessa política para reforçar suas lutas contra os incendiários de guerra em cada país.

Sim. O mundo não foi ainda lançado na mais monstruosa de todas as guerras, graças à política de paz da União Soviética, conjugada aos esforços dos partidários da paz de todo o mundo. Mas a política de paz da U.R.S.S. se chama política staliniana de paz. E' ao camarada Stalin, antes e acima de tudo, que a humanidade deve os dias que vivemos sem os horrores da guerra mundial.

Stalin é o guia, o inspirador, o organizador supremo das batalhas pela paz travadas em todo o mundo. Stalin é o chefe genial do imenso e invencível campo das forças da paz. Stalin encarna os anseios mais profundos de todos os que odeiam a guerra, de todos que desejam ardentemente a paz.

A data do seu 71.º aniversário é, assim, uma data universal dos que amam a Paz. E' uma data de sincero reconhecimento e de profunda gratidão dos povos de todo o mundo ao camarada Stalin por tudo quanto tem feito para salvar a humanidade da destruição e da morte na guerra imperialista.

Nosso querido povo, que após milhões de assinaturas sob o Apelo de Estocolmo e que luta valentemente contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia, se associa de todo o coração às grandes homenagens que se prestam ao camarada Stalin e lhe tributa o mais vivo reconhecimento por sua orientação sábia e ação consequente em prol da paz que salva também nosso povo e nossas cidades dos horrores indescritíveis da guerra.

Salve 21 de dezembro, jornada de fé na vitória final. O camarada Stalin defende a causa mais sentida de todos os povos. A paz vencerá a guerra.

A GRANDE batalha dos nossos dias é, sem dúvida, a batalha entre os que querem e preparam a guerra mundial e os que desejam e defendem a paz para todos os povos.

A guerra é a política do campo imperialista dirigida pelos magnatas norte-americanos. Eles precisam da guerra, da vida e do sangue de milhões de pessoas, para tentar fugir à crise econômica que os ameaça fatalmente e para aumentar os seus fabulosos lucros de senhores absolutos da indústria armamentista. Eles sonham, como Hitler, com o domínio mundial, sonham vêr os povos submissos, gemendo sob as botas de um Mac Arthur qualquer, esmagados e vencidos pela força dos canhões, dos exércitos mercenários, das bombas atômicas de Wall Street.

«A guerra é inevitável», gritam todos os dias os porta-vozes da alta finança. E os planos de assaltos são preparados e executados, os comandos em chefe da agressão são nomeados, a mobilização geral é realizada. A imprensa e o rádio, todos os serviços de propaganda monopolizados pelos grandes banqueiros, se desmandam em fomentar o clima da histeria guerreira. Guerra! Guerra atômica e bacteriológica para dizimar as populações civis e arrasar cidades, para destruir escolas e hospitais, fábricas e plantações.

As chamadas da guerra já envolvem mesmos os povos da Ásia. A inquietação se estende por todos os lares. As mães esposas e noivas sentem com intensidade cada vez maior que a vida dos seus entes queridos está terrivelmente ameaçada.

Mas os imperialistas norte-americanos e ingleses não conseguiram até agora realizar plenamente seus sinistros intentos. A guerra mundial não pôde ainda ser desencadeada. Seus planos são modificados, adiados e sofrem fracasso após fracasso. E por que? A que se deve isto? E' que, à política guerreira dos imperialistas, se opõe vigorosamente a política de paz da União Soviética, que inspira e mobiliza milhões de pessoas para a luta comum contra a guerra. Jamais em toda a história da humanidade houve um tão profundo e extensivo movimento pela paz. A União Soviética constitui a força principal e a vanguarda dos partidários da paz de todo o mundo.

Por mais que a cínica propaganda dos imperialistas tente embair a opinião pública e se esforce por trocar o rótulo das coisas, os povos do mundo inteiro vêem cada dia e cada hora que a União Soviética trava uma batalha pacífica para derrotar os sanguinários propósi-



Lenin, Stalin e Sverdlov

SAUDAÇÃO DA U. J. C. A STALIN

AO CAMARADA STALIN, GUIA E MESTRE DA JUVENTUDE

A UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA DO BRASIL envia por ocasião do teu 71.º aniversário as suas mais calorosas felicitações.

Nos teus 71 anos, queremos saudar a vida gloriosa do construtor do socialismo, do campeão mundial da paz.

Em ti, queremos saudar o maior amigo da juventude. O Komsomol que edificaste é hoje o exemplo de todas as juventudes do mundo. E o mundo que construiste, o objetivo e anseio de todos os povos.

Para que teu mundo bom viva, para que a nossa juventude possa viver como a juventude do teu país, estamos lutando.

E, a nossa maior homenagem, grande Stalin, é a certeza que te damos de que estamos em guarda para impedir que os moços do Brasil lutem contra a tua Pátria. Para impedir que eles sigam para a Coreia, como o desejam nossos governantes, servos fiéis dos teus inimigos. Para levá-los pelo caminho da Paz como o desejas.

Somos o novo. Com o nosso vigor somos uma força poderosa junto ao povo. Tu mesmo nos dizes que ganharemos a paz.

Iluminados por teu exemplo e sob a tua liderança, nós a ganharemos, grande Stalin!

A União da Juventude Comunista do Brasil



COMENTARIO NACIONAL

Atuar no seio da classe operaria, organizar e unir suas fileiras para as lutas de Libertação Nacional

A ameaça da guerra mundial está suspensa sobre os povos.

A quadrilha imperialista de Truman, batida na Coreia pelos gloriosos exércitos de libertação do povo coreano, aumenta de ferocidade e tenta esconder a derrota com desesperadas provocações contra os povos livres, destinadas a generalizar a todo o mundo o conflito sangrento que desencadearam na Ásia.

E é nestas condições que a ditadura servil de Dutra procura obter vantagens políticas, após a derrota que sofreu nas últimas eleições, entregando-se mais abertamente ao padrão imperialista através do qual se entende com os demais bandos políticos das classes dominantes e com eles planeja desencadear o mais selvagem terror contra o povo, esmagando as liberdades ainda existentes sob o estado de sítio ou emergência, que já se pede abertamente através da tribuna do Parlamento ou das colunas da imprensa da reação. Este, o sentido das confabulações dos presidentes dos partidos de burgueses e latifundiários com o repulsivo «quisling» Raul Fernandes, este o sentido da campanha insolente contra o Clube Militar e oficiais democratas e patriotas de nossas forças armadas.

Não são apenas os infames créditos de guerra que se votam no Parlamento — como os 50 milhões de cruzeiros para abastecimento dos mercenários de Truman ou os 700 milhões para a aquisição de dois cruzadores nos quais se pretende levar nossos marinheiros às operações de guerra dos agressores nos mares asiáticos — mas é, igualmente, a ofensiva geral que se articula contra as liberdades públicas que denunciam a todo o povo a realidade daquela dramática advertência de Prestes, no Manifesto de Agosto: «E' a guerra que nos bate às portas e ameaça a vida de nossos filhos e o futuro da nação. E' a guerra que ameaça os nossos lares e para impedir ao nosso povo os criminosos vassallos de Truman procuram avançar no sentido da ditadura fascista, planejando abrir campos de concentração onde sejam assassinados os patriotas e partidários da paz que se erguem contra os seus crimes.

A situação de nosso país é, pois, de séria gravidade. Mas, nós, os comunistas, devemos encará-la serena e confiantemente, compreendendo que aumentam nossas responsabilidades diante de nosso povo, cercado de perigos mortais, mas também certos de que, com o vigoroso crescimento das forças da paz e do socialismo, há, mundialmente, todas as condições favoráveis e, nacionalmente, possui o nosso povo as energias revolucionárias necessárias para derrotar implacavelmente os seus implacáveis inimigos.

Nossa, exclusivamente nossa, é a responsabilidade de despertar essas energias de nosso povo, organizá-las e canalizá-las revolucionariamente para a luta em defesa da paz, pela libertação nacional e a Democracia Popular. E esta é a maior honra que pode haver para patriotas.

(concluí na 10ª pág.)

Stálin, Guia e Mestre do «Komsomol»

ZULEIKA LAMBERT

A juventude é a nossa futura, nossa esperança camaradas. É a juventude que há de substituir a nós, os velhos, e ela que há de levar nossa bandeira até o final. Estas palavras foram pronunciadas por Stálin, em Fevereiro de 1933, durante o 1.º Congresso Geral dos Operários de Choque das Granjas Coletivas.

A compreensão profunda do que representam os jovens no movimento revolucionário, fez com que Stálin, à frente do 1.º Estado Socialista, com paciência, tenacidade, grandioso amor e solicitude, forjasse o glorioso «Komsomol» (União Leninista das Juventudes Comunistas), exemplo e orgulho para a juventude de todo o mundo.

Criou-o à sua imagem. Reflete o Komsomol a coragem, a audácia, o heroísmo e a sinceridade do inspirador e organizador das vitórias do povo soviético, do fiel continuador da obra heróica de Lenin, o grande Stálin.

O «Komsomol» criado e educado por Lenin Stálin seguiu e segue com firmeza o Partido Bolchevique, do qual foi e continua sendo o fiel auxiliar, sua mais combativa reserva. O Komsomol, como diz Mijailov, seu secretário geral, está sempre disposto a cumprir qualquer tarefa que lhe indique o camarada Stálin e vencer qualquer dificuldade em nome do triunfo da grande causa do comunismo.

Em uma organização assim, forjada com a fibra, dirigida por tão grande mestre, seria capaz de escrever nas páginas do movimento revolucionário mundial, na edificação do socialismo, na grande guerra de libertação dos povos e na luta pela manutenção da paz em todo o mundo as grandes feições e as heroicas façanhas que inscreve em suas bandeiras de combate. Três ordens que hoje engalanam a bandeira do «Komsomol» — leninista-stalinista, possuem uma existência de lutas e de trabalhos: a da «Bandeira Vermelha», recebida em recompensa aos méritos conquistados nas frentes de guerra civil; a da «Bandeira Vermelha do Trabalho», outorgada pelo espírito de iniciativa revelado nos movimentos dos operários de choque e da emulação socialista durante os anos do 1.º quinquênio stalinista; e finalmente a mais alta recompensa do país, a «Ordem de Lenin», pelos relevantes serviços prestados à pátria durante a guerra contra a Alemanha Hitlerista, bem como pelo grande trabalho realizado no sentido de educar a juventude soviética no espírito de abnegada fidelidade à pátria.

A juventude soviética sabe que os seus méritos, a sua bravura e heroísmo não seriam possíveis sem o desvelo, o carinho de Stálin, com os seus ensinamentos e direção firme, sem a ajuda sem limites que recebe do grande construtor do comunismo.

Aprendendo de seu mestre o heroísmo, a firmeza, a intrepidez pôde o «Komsomol» justificar plenamente as esperanças que nele haviam depositado a Pátria, o Partido Bolchevique e o camarada Stálin. Basta assinalar que na última conferência do «Komsomol» de Moscou, celebrada em 47, dos delegados presentes, 50 eram deputados ao Soviét Supremo da URSS e da R.S.F.S. da Rússia, 839 (moços e moças) foram condecorados com ordens e medalhas da União Soviética, dez eram heróis da URSS e muitos outros inovadores da técnica, mestres de alto rendimento do trabalho e laureados com prêmios Stálin nas ciências, na técnica, na literatura e nas artes.

Durante a grande guerra patriótica ofereceram os jovens comunistas generosamente a defesa de sua pátria e de toda a humanidade, contra as hordas de Hitler, todas as suas forças, toda a sua ardente energia. E na luta não regateou seu sangue e nem mesmo suas vidas preciosas. Com o nome de Stálin no coração, jovens como Zóis, Lisa, Matrosov, Smirnov ajudaram com o sacrifício da própria vida a marcha vitoriosa dos exércitos vermelhos, desde o Volga e Stalingrado até ao coril da féria fascista em Berlim.

Soube ainda o «Komsomol», com honra e entusiasmo, ajudar a cada um dos seus membros a conhecer com perfeição o bolchevismo, a tornar-se digno de ser membro do Partido Bolchevique. Foi assim que ele forjou, em seus primeiros 20 anos de existência, 2 milhões de jovens que ingressaram no Partido Bolchevique, formando uma legião de moças e moços capazes de levar adiante a causa do comunismo; aptos para fortalecer e construir o Estado Soviético e defender palmo a palmo a terra soviética; a respeitar à humanidade e suas isas extraordinárias conquistas.

Não há dúvida que tão altos êxitos jamais seriam alcançados somente com a intrepidez e o valor da mocidade soviética; não seriam possíveis sem a orientação firme e segura de Stálin. Isto o afirmou com ênfase o camarada Mijailov, quando no XII Congresso do «Komsomol» disse: «O «Komsomol» agradece ardentemente o grande chefe, o sábio, mestre e amigo da juventude, o camarada Stálin, por haver salvo a pátria dos bárbaros fascistas, por haver salvo da escravidão e do extermínio a jovem geração de nosso país. Em nome da juventude soviética e Congresso jura ao camarada Stálin manter-se

quando no XII Congresso do «Komsomol» disse: «O «Komsomol» agradece ardentemente o grande chefe, o sábio, mestre e amigo da juventude, o camarada Stálin, por haver salvo a pátria dos bárbaros fascistas, por haver salvo da escravidão e do extermínio a jovem geração de nosso país. Em nome da juventude soviética e Congresso jura ao camarada Stálin manter-se

sempre e em tudo fiel ao leninismo e em seguir sempre e em todo o Partido de Lenin e Stálin».

Esse amor ao Partido Bolchevique, essa coesão em torno da orientação segura de seus dirigentes, esse carinho e atenção às palavras e à orientação de seu dirigente máximo, SÃO AS CAUSAS FUNDAMENTAIS dos sucessos do «Komsomol».

O mundo voltou novamente a ser ameaçado pelo horror de uma nova guerra mundial. Os agressores anglo-americanos prepararam-se febrilmente para atear o incêndio da guerra atômica, com a qual pensam esmagar os povos, aniquilar o comunismo e transformar em chuva de ouro o sangue dos povos. Mas eles se chocam com a frente da paz dos povos organizada mundialmente e dirigidos pela União Soviética.

A União Soviética é a mais sólida garantia da paz mundial.

O «Komsomol», ao lado de todo o povo soviético, sob a orientação do P.C. Bolchevique e de Stálin, ajuda a URSS a tornar-se cada vez mais no baluarte da paz mundial, na fortaleza inexpugnável contra a qual se despedaçam todas as provocações, todos os preparativos guerrilheiros e agressões do imperialismo anglo-norte-americano.

Hoje quando Truman e seus lacaios manipulam o bravo povo francês, procurando abrir o caminho para levar os povos de todo o mundo a uma terceira guerra mundial, a bandeira gloriosa do «Komsomol» é destraldada mais alta do que nunca, num desafio enérgico aos que pretendem emeter seu facinho de porco no jardim soviético.

Pelas suas feições, pela sua vida heroica e abnegada na construção do comunismo, pela sua posição de vanguarda na luta contra o fascismo e contra as incendiárias de uma nova guerra, pela sua participação ativa e fundamental na P.M.J.D., a juventude do «Komsomol» serve de exemplo e inspira todos os moços e moças do mundo, exerce enorme influência no movimento juvenil progressista.

Em nossa pátria, inspira à explorada juventude brasileira, que aguenta sobre os seus ombros a maior parte do peso da política de guerra e de fome levada a efeito pelo bando que ocupa o governo do país, completamente vendido ao imperialismo yanque. Abre-nos perspectivas, dá-nos forças e entusiasmo para com coragem, audácia e abnegação levarmos à prática a solução revolucionária apontada pelo Manifesto de Agosto, no qual Prestes, discípulo de Stálin, traça o caminho que, percorrido sem vacilações, levará nossa juventude à conquista de um mundo feliz, igual ao em que hoje já vive, estuda, trabalha e se diverte a radiosa juventude criada por Stálin, a juventude soviética.

O «Komsomol» inspira principalmente a nossa União da Juventude Comunista, QUE DEVE GUARDAR em relação ao P.C.B. e ao seu líder Luiz Carlos Prestes, o amor e o carinho, revelados a todos os momentos, pela Juventude do «Komsomol» a Stálin e ao Partido Bolchevique. É o camarada Mijailov, dirigente do Komsomol, que ressalta para nós a importância desse fato: «Foi graças aos esforços do Partido Bolchevique que no «Komsomol» se formaram e se desenvolveram magníficos quadros fiéis com toda a alma ao P.C. Bolchevique, ao seu Comitê Central, ao camarada Stálin. Sem isso seria impossível cumprir com honra as tarefas que implicam, na educação comunista de toda a juventude soviética».

Pelo que fez e continua fazendo pela juventude soviética, pelo seu carinho para com a luta dos jovens de todo o mundo, pela sua dedicação à causa da paz e da libertação dos povos — é por tudo isso que a mocidade brasileira, ao lado dos jovens de todas as partes do mundo, saudam com emoção e carinho o 71.º aniversário do grande Stálin.

Ao saudar o aniversário de Stálin, que criou e educou o heroico «Komsomol», bandeira que inspira a juventude oprimida que luta por sua libertação, nós repetimos o juramento de que JAMÁS PEGAREMOS EM ARMAS CONTRA A UNIÃO SOVIÉTICA, QUE JAMÁS LUTAREMOS CONTRA NOSSOS JOVENS IRMÃOS DA PÁTRIA SOCIALISTA.

Ao contrário, seguiremos seu exemplo e formando no Frente Democrática de Libertação Nacional, sob o comando de Luiz Carlos Prestes, marcharemos sem vacilações para libertar o país do jugo do imperialismo e do latifúndio e constituir um governo democrático popular para nossa pátria.

Vamos saudar Stálin reforçando a luta pela paz: NÃO PERMITINDO o embarque de jovens brasileiros para ajudar as agressões yanques na Coreia; PROTESTANDO contra a aprovação de um crédito de 50 milhões para sustentar os exércitos mercenários de Truman; MANIFESTANDO enfim nossa solidariedade à juventude da China e da Coreia que se batem valentemente contra a agressão imperialista.

Vamos saudar Stálin multiplicando nossos esforços na mobilização da juventude brasileira para a luta pela libertação nacional, a fim de abrir para nossa pátria o caminho do progresso, para enfraquecer o imperialismo e o campo de guerra e fortalecer o campo da paz e da democracia.

Viva a Juventude soviética e o «Komsomol» e que tenha muitos anos de vida e seu mestre e guia, o grande Stálin!

STALIN E A AUTO-CRÍTICA

Que significa instruir os quadros pela experiência de seus próprios erros?

Lenin nos ensina que revelar conscientemente os erros do Partido, estudar as causas que engendraram esses erros e buscar as medidas necessárias para corrigir esses erros é um dos meios mais seguros para uma instrução e uma educação verdadeiramente justas dos quadros do Partido; para uma instrução e educação verdadeiramente justas da classe operária e das massas trabalhadoras. Lenin diz:

«A atitude de um partido político diante desses erros é um dos critérios mais importantes e mais seguros para julgar se este partido é sério e se ele se desinchou REALMENTE de seus deveres para com a CLASSE e as

MASSAS trabalhadoras. Reconhecer francamente seu erro, descobrir suas causas, analisar as circunstâncias em que nasceu, examinar atentamente os meios de corrigir este erro, eis a marca de um partido sério, eis o que se chama, para este partido, desinchumbir-se de seus deveres, educar e instruir sua CLASSE e, em seguida, as massas».

Isso significa que a dever dos bolcheviques não é encobrir seus erros, fugir à sua discussão, como muitas vezes acontece entre nos, mas o de reconhecer honesta e abertamente seus erros, encobrir honesta e abertamente as medidas necessárias para corrigir esses erros, para corrigir seus erros honesta e abertamente.

(Stálin — Para uma formação bolchevique)

A correspondência trazendo-nos a denúncia ou a notícia dos fatos de interesse, capaz de mobilizar e organizar a massa para a luta, deve ser encaminhada sem demora, diretamente e sob registro para VOZ OPERÁRIA. A redação desse material deve ser feita em linguagem simples, clara e objetiva, sem palavras místicas e sem preocupação dos comentários. Os fatos tal como sucederam devem ser o objetivo dos nossos correspondentes. Os fatos verdadeiros.

Repetimos: os fatos, nada mais que os fatos, numa correspondência que deve ser redigida com poucas palavras, para ser lida sem cansar e possibilitar a publicação do maior número e da maior variedade.

Para isso, é necessário que os nossos correspondentes — preciosos auxiliadores de VOZ OPERÁRIA — sejam capazes de compreender a importância excepcional da tarefa que realizam, sejam honestos

VIDA DE «VOZ OPERÁRIA»

integrados na massa da fábrica, sintam e vivam os seus problemas, conheçam integralmente todas as reivindicações da massa trabalhadora da empresa e participem ativamente de seus movimentos reivindicatórios.

Além do trabalho de afundar a VOZ, visando sobretudo atingir a classe operária nas empresas e garantir um alto nível de sua circulação, a criação da rede de correspondentes de fábrica da VOZ, é uma tarefa imediata, a fim de estabelecer «in-locos» a ligação permanente do jornal com a massa.

O correspondente de fábrica deve ser um homem honesto e verdadeiro, ter sensibilidade política, ser preciso e de ação

rápida e gozar da confiança da massa trabalhadora da empresa.

Nem um fato, por menos importante que pareça, nenhum acontecimento de interesse da massa trabalhadora deve ficar sem publicidade; desde a greve, até a mesquinha perseguição individual dentro da fábrica, à multa que diminui o salário, à transferência de seção, à suspensão ou à dispensa do trabalho, o acidente por falta de segurança do trabalho, ao atraso do relógio para prolongar as horas de serviço ou à denúncia de manobras patronais para burlar o direito do trabalhador, tudo isso deve ser objeto da preocupação dos nossos correspondentes de fábrica. Nada lhes deve escapar.



Stálin, Kalinin e Voroshilov por ocasião de uma festa esportiva em Moscou.

União e Ação Contra a Guerra

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL se agrava, colocando todos os povos diante do perigo iminente de guerra.

Em tal emergência, podemos cruzar os braços e esperar que os inimigos da humanidade iniciem uma nova carnificina universal?

Não! Isto seria um crime, seria compactuar com os guerreiros, com os arrasadores de cidades, com os massacreadores de mulheres e crianças, com os monstros que sacrificam a juventude do mundo em proveito dos grandes negócios internacionais: a Standard Oil, a General Elétrica, a General Motors, Rockefeller e Morgan, Vanderbilt e Ford, os monopolistas de Nova York e Chicago.

Diante da gravidade da situação internacional, todos nós, comunistas e patriotas, amigos da paz, temos que desenvolver um intenso trabalho de agitação e propaganda junto às grandes massas: nas fábricas, escolas, fazendas, pedregais de terra, em todas as concentrações humanas, de fora em casa, colocando o problema da PAZ ou GUERRA

e da necessidade de não nos submetermos passivamente aos fazedores de guerra.

- QUE FAZER?
- COMO NOS COMPORTAMOS DIANTE DO PERIGO DE GUERRA?
- PODEMOS DEFENDER EFICAZMENTE A PAZ?
- OU A GUERRA É INEVITÁVEL?
- JÁ CONVENCIMOS REALMENTE AS MASSAS DO PERIGO IMINENTE DA GUERRA MUNDIAL?
- QUAIS AS EVIDÊNCIAS DESSE PERIGO?

Temos o dever de esclarecer às grandes massas e individualmente a cada compatriota sobre todas estas questões, saber responder a todas, visando a defesa da paz, visando ações concretas, de massas, contra a guerra que ameaça a nossa própria vida, visando tornar impossível que o nosso país seja arrastado nos planos guerreiros dos que atizam a chama de uma nova conflagração mundial.

filhos para a guerra na Coreia ou contra qualquer outro país.

FATOS:

O II Congresso Nacional de Defesa da Paz, realizado em São Paulo, em novembro último, reunindo representantes de todo o Brasil e de todas as camadas da população. Foi demonstrado ali que 4 milhões e 500 mil brasileiros assinaram o Apelo de Estocolmo contra as armas atômicas.

— Declararam-se greves que demonstram o ânimo de luta da classe operária, embora ainda longe de grêmios que deve chegar.

— A luta efetiva contra o infame «artestado de ideologia» da ditadura edleza de Dutra.

— Luta dos camponeses do Perceutá pela posse da terra.

— A luta pela conquista do Abono de Natal atingindo todos os trabalhadores.

Entretanto, em face da gravidade da situação internacional, estas lutas são ainda muito pequenas. Não se tem sabido aproveitar as condições objetivas (o descontentamento das massas), a instabilidade da ditadura de Dutra para educar as massas e desencadear lutas vigorosas.

Ainda não se está aplicando como é necessário a orientação do Manifesto de Agosto e as Resoluções do Comitê Nacional (sobre o trabalho sindical, organização da juventude). É insuficiente a divulgação e o esclarecimento que tem sido feita do Manifesto de Agosto. Não estamos ganhando as massas para a orientação do Manifesto. Estamos atrasados na construção da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL e na luta pelos 9 PONTOS DO PROGRAMA DA FDLF.

1 — Uma Nova Guerra ameaça a Humanidade

Os últimos acontecimentos revelam a extrema gravidade da situação internacional.

a) — A DERROTA DO IMPERIALISMO NA CORÉIA faz crescer o desespero dos provocadores de guerra.

FATOS:

— A declaração de Truman, a 30 de novembro, de que os Estados Unidos estão estudando o lançamento da bomba atômica sobre a Coreia e a China.

— Mobilização parcial nos Estados Unidos.

— Mac Arthur anuncia que a participação dos voluntários chineses ao lado dos patriotas coreanos significa uma «nova guerra» e pede autorização para se lançar contra a China.

— Truman convoca uma reunião dos chefes militares do pacto de guerra do Atlântico Norte.

— Da reunião entre Truman e o primeiro ministro inglês Attlee sai um comunicado de guerra, com a rejeição categórica da retirada das tropas norte-americanas e associadas que invadiram a Coreia.

— A Comissão de Créditos da Câmara de deputados dos Estados Unidos aprova, a 15 de dezembro, créditos de guerra suplementares no montante de 16 bilhões 850 milhões de dólares.

— No mesmo dia, Truman anuncia a nomeação de um subarbo internacional e traficante de guerra, o presidente do truste de Wall Street GENERAL ELECTRIC, Charles Wilson, para dirigir a «mobilização industrial» dos Estados Unidos, isto é, converter cada vez mais a indústria de produção de artigos de consumo em indústria de guerra.

— A 16 de dezembro, Truman declara o «Estado de Emergência» nos Estados Unidos, visando assim cercar ainda mais as liberdades democráticas e sujeitar o povo norte-americano aos planos da guerra imperialista.

— A 16 de dezembro, também o Secretário adjunto do Departamento de Estado, Edward Miller, convoca os Ministros do Exterior dos países da América Latina, visando concertar planos para envolver os nossos povos na guerra

imperialista.

b) — Mas a guerra não é inevitável.

— Dia a dia reforça-se o campo democrático e anti-imperialista dirigido pela gloriosa União Soviética.

— O Congresso Mundial dos Partidários da Paz, reunido em Varsóvia, com a representação de 82 países, anuncia a mais importante vitória da luta contra a guerra: mais de 60 milhões de assinaturas contra a bomba atômica e declarando criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar essa arma contra qualquer. O Congresso Mundial da Paz traça como tarefas importantes para esta nova fase de luta contra a guerra: a solução pacífica para o problema da Coreia; Condenar toda tentativa de remilitarizar a Alemanha e o Japão; Denunciar todos os atos de agressão armada onde quer que eles ocorram; Exigir a proibição das armas atômicas; Exigir a redução geral dos armamentos e das forças armadas atuais; Condenar a propaganda de guerra e seus agentes, exigindo sua punição.

— Crescem as lutas de libertação nacional dos povos coloniais e semi-coloniais: Indochina, Indonésia, Malásia, Birmânia, Egito, debilitando a retaguarda do imperialismo.

— Levantam-se protestos de massas no mundo inteiro contra a ameaça de Truman de usar a bomba atômica contra os povos da Ásia.

— Ofensiva vitoriosa do povo coreano para expulsar os invasores estrangeiros do solo pátrio.

Assim, são grandes as possibilidades de manter a paz. A causa da paz pode ser vitoriosa.

Mas isto exige elevar o nível das lutas contra a guerra. Exige mais ação e organização em defesa da paz. Nos países coloniais e dependentes, como o nosso, a melhor contribuição é a luta pela libertação nacional, que só pode ser assegurada através da conquista de um governo democrático-popular, com a derrubada, portanto, da camarilha que representa os grandes fazendeiros e capitalistas, agentes do imperialismo ianque.

2 — Reflexo da Situação Internacional No Brasil

Esse agravamento da situação internacional se reflete profundamente em nosso país no sentido da intensificação da preparação da guerra, agravando ainda mais as condições de vida do povo, particularmente dos trabalhadores, e a opressão sobre as grandes massas, determinando o aguçamento da luta entre os dois campos internamente.

FATOS:

— O crédito de 50 milhões de cruzeiros pedido por Dutra e aprovado por pessedistas, udenistas, getulistas e demais representantes das classes ricas no Parlamento.

— Crédito de 700 milhões de cruzeiros para comprar navios de guerra destinados a ajudar as aventuras de agressão e conquista desencadeadas pelo imperialismo ianque.

— Lei do Serviço Militar, atingindo todo cidadão brasileiro entre 16 e 45 anos de idade.

— Projeto de envio de 20.000 brasileiros para a guerra contra a Coreia.

— Ofensiva da imprensa sádica de preparação psicológica para a guerra.

— Entrevista do chanceler de Wall Street, Raul Fernandes, com os chefes dos Partidos das classes dominantes, inclusive o traidor da pátria e nazista Plínio Salgado, concertando a «união sagrada» para a guerra.

— Declaração de Getúlio Vargas de que está disposto a levar o Brasil à guerra norte-americana, caso os Estados Unidos o exijam.

— A ordem de prisão preventiva contra Prestes e os membros do Comitê Nacional do Partido Comunista têm por objetivo intimidar as massas na luta contra a guerra.

— Outra medida de preparação guerreira e de repressão aos patriotas que lutam contra a guerra é a anunciada reunião dos chefes de polícia dotada a América, sob a chefia dos gangsters do serviço secreto americano, a Gestapo ianque FBI (Federal Bureau of Investigation).

— Aproveitando-se da onda de reação e preparação para a guerra, aumenta a extorsão da bolsa do povo com novos impostos (somente o selo chamado de «educação» aumentou de uma só vez 50 por cento); a lei de inquilinato, em favor dos proprietários de imóveis; a carestia da vida em ritmo acelerado

3 — MAS O POVO BRASILEIRO LUTA

O povo brasileiro, entretanto, está demonstrando que não quer servir de carne de canhão dos banqueiros de

Nova York. O povo brasileiro luta contra a guerra. Repele indignado a simples menção de mandar nossos irmãos e

4 — Nossas tarefas atuais.

Os últimos acontecimentos confirmam a justiça da análise feita no Manifesto de Agosto. Por isso mesmo devemos intensificar a luta por uma efetiva aplicação da orientação nele traçada.

Nossa atividade entre as massas deve desenvolver-se no sentido de elevar a luta pela paz, ligando-a estreitamente à luta pela libertação nacional e a conquista de um governo democrático-popular.

No momento presente devemos destacar as seguintes tarefas de massas, em ligação com a luta pela aplicação do Manifesto de Agosto:

1) — Encerrar até 31 de dezembro a campanha de assinaturas pela proibição da bomba atômica. Fazer grandes demonstrações de massas e desencadear a mais vigorosa onda de protestos contra a ameaça de Truman de empregar a bomba atômica contra os povos da Ásia.

2) — Lançar, após o encerramento da campanha contra a bomba atômica, uma QUINZENA DE LUTA CONTRA A GUERRA, que se realizará de 1.º a 15 de janeiro, devendo porém ser preparada desde já, tendo como centro a palavra de ordem:

— «UNIÃO E AÇÃO CONTRA A GUERRA — O BRASIL NÃO DEVE PARTICIPAR DA GUERRA NA CORÉIA».

Neste sentido, levantar com audácia as lutas

— CONTRA O ENVIO DOS 20.000 BRASILEIROS PARA A COREIA.

— CONTRA O CRÉDITO DE 50 MILHÕES DE CRUZEIROS (cuja aprovação final ainda depende do Senado).

— CONTRA OS 700 MILHÕES DE CRUZEIROS PARA NAVIOS DE GUERRA.

— CONTRA A PROPAGANDA DE GUERRA (da imprensa sádica, do rádio, etc.)

— CONTRA A NOVA LEI DO SERVIÇO MILITAR QUE SE ENCONTRA NA CAMARA.

— SOLIDARIEDADE AO POVO COREANO.

E também:

— Divulgar a Carta da Paz e lutar pelos 10 pontos da Resolução saída do Congresso Mundial dos Partidários da Paz.

— Programar uma recepção aos delegados do II Congresso Mundial da Paz, na qual estes prestarão conta de sua atividade no Congresso de Varsóvia.

O 30º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DA ESPANHA

DOLORES IBARRURI

N. da R. — No artigo anterior, de autoria de Dolores Ibaruri, Secretária Geral do Partido Comunista da Espanha, lider da luta do povo espanhol pela República e contra a tirania franquista, estão condensados os principais trechos de um importante trabalho da grande dirigente político.

Como estas pedras de um naufrágio. Os comunistas espanhóis comprovaram na sua própria experiência a grande verdade de que só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir sua missão de combatente de vanguarda.

Dolores se refere agora ao surgimento do Partido, em 1932, como dirigente da classe operária da Espanha, quando por iniciativa de José Diaz foi expulsa a antiga direção que havia convertido o Partido em



Com a fundação do Partido Comunista em abril de 1929, abriu-se uma nova página na história do movimento operário espanhol. A Grande Revolução Socialista de Outubro desempenhou um enorme papel no despertar da consciência das massas populares de Espanha, despertou e levantou para a luta milhares de operários, camponeses e intelectuais progressistas que buscavam ansiosos o caminho para um porvir feliz.

Um grupo estreito e sectário. Muitas eram as tarefas que, devido à situação que o país atravessava e entre estas figurava a de impedir, depois da sublevação anti-republicana de Sanjurjo, que as forças reacionárias tomassem de novo o poder em suas mãos. Análise então as principais causas que levaram a revolução na Espanha, ao cair a monarquia, a ser dirigida pela burguesia e não pelo proletariado. Foram estas a divisão do proletariado espanhol, a concepção menchevique do Partido Socialista sobre a direção da revolução burguesa e a debilidade orgânica do Partido Comunista. A participação dos socialistas no governo, por outro lado, trouxe ilusões e confundiu os trabalhadores simples que acreditavam ingenuamente chegar ao poder por meio de reformas. Esta crença errônea paralisou a atividade revolucionária de uma parte do proletariado, permitindo a reação agrupar suas forças e passar ao ataque. Os ministros socialistas foram forçados a abandonar a colaboração com os ministros reacionários e saíram do Governo com uma triste aureola.

As relações do Partido Comunista da Espanha com o movimento comunista internacional, através da Internacional Comunista, ajudaram-no a preencher esta lacuna ideológica, aprendendo na experiência revolucionária de outros países e, sobretudo, na grandiosa experiência do Partido Bolchevique, dirigido por Lenin e Stálin.

Isto tornou possível que a influência do Partido Comunista se fizesse sentir em todas as agitações populares daquela época, na qual a classe operária e os camponeses eram impedidos à luta pela brutal exploração de que eram objeto, por sua resistência à guerra do Marrocos, em que morriam milhares de jovens espanhóis, e por seu ódio à ditadura militar fascista do general Primo de Rivera.

Na marcha, no desenvolvimento do Partido e da luta revolucionária, foram ficando à margem aventureiros e pessoas estranhas e instáveis, às quais o ascenso revolucionário das massas empurrou para o campo da luta e que reflexo do movimento arrastou para

Jenaria — dia Dolores — e por isso o Partido foi lançável na denúncia da sublevação fascista de Franco, desde fevereiro até julho de 1936, usando todas as melhorias de seu alcance.

Se tornava mais próximo. O Partido Comunista obteve com um trabalho tenaz e persistente que no seio do Partido Socialista, a despeito dos seus chefes, se formasse uma corrente favorável à colaboração com os comunistas. Isso tornou possível que no movimento insurrecional de outubro de 34 contra o governo fascista com dirigente da classe operária da Espanha, quando por iniciativa de José Diaz foi expulsa a antiga direção que havia convertido o Partido em

Simultaneamente, o Partido Comunista colocava nas frentes da Serra, próximo a Madrid, homens comprovados por sua firmeza e combatividade que, à frente das Milícias Populares e com a colaboração ativa de militares leais barraram a marcha dos fascistas sobre Madrid, detendo-os nas encostas da Serra, de onde não puderam avançar até que a traição da Junta de Casado abriu a Franco as portas da capital da República.

Narra Dolores agora como o Partido organizou a resistência popular em outras regiões da Espanha, como desempenhou seu papel de única força combatente de vanguarda de um povo heroico e de uma classe operária que não regatearam nem o sangue nem a vida para defender a República e a democracia. O Partido foi também o iniciador da formação do Exército Popular, contra a vontade do ministro socialista da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, e o organizador da indústria de guerra.

O Partido Comunista — escreve Dolores — ao participar no governo durante a guerra deu vida às aspirações seculares dos camponeses pobres e operários agrícolas de possuir a terra, realizando uma amplíssima reforma agrária, que calou tão fundo na consciência dos homens de campo que, ainda hoje os franquistas tropeçam com a resistência dos camponeses que depois de haver possuído a terra, não se resignam a viver submetidos à feroz exploração semi-feudal restabelecida por Franco no campo.

Depois da derrota da República — prossegue Dolores — que o Partido Comunista jamais considerou como definitiva, o Partido se esforçou para restabelecer a unidade da classe operária com todas as forças anti-franquistas. Forçados na escola Stalinista da luta e da fidelidade à classe operária e às massas oprimidas e exploradas, os comunistas espanhóis continuam sua atividade no interior do país e na emigração. E hoje, de um modo mais

Procuremos corrigir a situação e compreendendo sua gravidade, o Partido Comunista dirigiu-se ao Partido Socialista apresentando-lhe a proposta de constituir uma frente única para fazer mais eficaz a mobilização das massas contra o nazifascismo, que não dá

Os Planos Quinquenais Stalinistas

OSALDO PERALVA

Toda a imensa grandeza da União Soviética, nos mais diversos campos da atividade humana, tem sido constituída de maneira planejada e particularmente na base dos Planos Quinquenais Stalinistas. Desde aqueles dez dias que abalaram o mundo até princípios de 1928, a tarefa fundamental do poder soviético consistiu em defender a pátria dos trabalhadores contra os ataques dos seus inimigos externos e internos, em defender a República do proletariado contra as tentativas das classes exploradoras de retomar o governo, em restaurar a economia nacional, em construir e defender os setores socialistas da economia, contra o boicote dos imperialistas e sabotagem dos contra-revolucionários.

Depois disso é que tiveram início os Planos Quinquenais Stalinistas, destinados a transformar radicalmente a vida do país, destruindo até as raízes os restos do regime social capitalista e erguendo, sobre os seus escombros, os alicerces e em seguida o próprio edifício do socialismo, que hoje atinge o ponto mais alto de sua primeira etapa, em transição para o comunismo.

Ao dar o balanço do primeiro Plano, Stálin destacou seus objetivos fundamentais e seus resultados. Quais eram esses objetivos? Dotar o país da mais moderna técnica de produção, transformá-lo de país agrícola e fraco em país industrial, numa potência econômica, ampliar a frente socialista da economia e consequentemente reduzir os setores do capitalismo, criar condições para a supressão das classes, conduzir a agricultura, pequena e dispersa, pelo caminho da grande economia agrícola coletiva, assegurando assim a base econômica do socialismo no campo e afastando a possibilidade de reviravoltas do capitalismo na URSS, engendrado como observa Lenin, a cada instante, inevitável e constantemente, pela pequena propriedade. O plano visava também criar as bases técnicas e econômicas para elevar ao máximo a capacidade de defesa do país.

E quais foram os resultados? Basta dizer que o Plano foi cumprido em apenas quatro anos, exatamente nos mesmos anos em que o mundo capitalista mergulhava na maior violenta crise de sua história. No próprio dizer de Stálin, foram feitos em quatro anos mais do que podiam esperar as imaginações mais ardentes. Os objetivos foram atingidos e superados pelas realizações: criou-se

uma indústria pesada moderna, que era aliás o elo do Plano, construiu-se uma agricultura coletiva e mecanizada, melhorou consideravelmente a situação material e cultural das massas trabalhadoras, suprimiu-se o desemprego, liquidou-se a miséria no campo, eliminou-se no essencial o comércio de tipo capitalista, reanimado no período da NEP, ao passo que se desenvolveu o comércio soviético, comércio de novo tipo, sem capitalistas nem especuladores, sendo assim rijamente golpeados os restos das classes exploradoras.

Esses êxitos magníficos, jamais alcançados por qualquer outro regime e que poderiam ser classificados de milagre, se não fosse socialismo, demonstraram a solidez granítica do Poder Soviético e sua superioridade incontestável sobre o sistema capitalista, já em avançada fase da crise geral em que desesperadamente se debatia. Além disso, destruíram a mentira dos burgueses de que os operários só poderiam viver governados por seus exploradores, que os operários só sabiam destruir e não construir, pulverizaram a tese oportunistas dos trotskistas e outros inimigos do povo de que é impossível edificar o socialismo em um só país e, finalmente, numa demonstração evidente de sua importância internacional, mobilizaram contra o capitalismo as forças revolucionárias da classe operária de todos os países (Stálin).

Presentemente a União Soviética conduziu o seu quarto Plano Quinquenal Stalinista, que desde outubro deste ano foi superado.

O primeiro foi o Plano em que se desferiram os golpes decisivos nos restos do capitalismo e se lançaram os alicerces do regime socialista. O segundo e o terceiro foram os Planos de construção própria, ditados do socialismo, de desenvolvimento intensivo não só da indústria pesada, como também da indústria leve, de um regime em que o lema fosse ainda «de cada um conforme a sua capacidade, a cada um conforme o seu trabalho» mas em que já não houvesse a menor prática da exploração do homem pelo homem, em que a abundância de objetos de consumo já permitisse a todos os habitantes da URSS uma vida bastante confortável.

Efetivamente, quando o terceiro Plano foi alterado e superado com a brutal agressão

de uma indústria pesada moderna, que era aliás o elo do Plano, construiu-se uma agricultura coletiva e mecanizada, melhorou consideravelmente a situação material e cultural das massas trabalhadoras, suprimiu-se o desemprego, liquidou-se a miséria no campo, eliminou-se no essencial o comércio de tipo capitalista, reanimado no período da NEP, ao passo que se desenvolveu o comércio soviético, comércio de novo tipo, sem capitalistas nem especuladores, sendo assim rijamente golpeados os restos das classes exploradoras.

Esses êxitos magníficos, jamais alcançados por qualquer outro regime e que poderiam ser classificados de milagre, se não fosse socialismo, demonstraram a solidez granítica do Poder Soviético e sua superioridade incontestável sobre o sistema capitalista, já em avançada fase da crise geral em que desesperadamente se debatia. Além disso, destruíram a mentira dos burgueses de que os operários só poderiam viver governados por seus exploradores, que os operários só sabiam destruir e não construir, pulverizaram a tese oportunistas dos trotskistas e outros inimigos do povo de que é impossível edificar o socialismo em um só país e, finalmente, numa demonstração evidente de sua importância internacional, mobilizaram contra o capitalismo as forças revolucionárias da classe operária de todos os países (Stálin).

Presentemente a União Soviética conduziu o seu quarto Plano Quinquenal Stalinista, que desde outubro deste ano foi superado.

O primeiro foi o Plano em que se desferiram os golpes decisivos nos restos do capitalismo e se lançaram os alicerces do regime socialista. O segundo e o terceiro foram os Planos de construção própria, ditados do socialismo, de desenvolvimento intensivo não só da indústria pesada, como também da indústria leve, de um regime em que o lema fosse ainda «de cada um conforme a sua capacidade, a cada um conforme o seu trabalho» mas em que já não houvesse a menor prática da exploração do homem pelo homem, em que a abundância de objetos de consumo já permitisse a todos os habitantes da URSS uma vida bastante confortável.

Efetivamente, quando o terceiro Plano foi alterado e superado com a brutal agressão

de uma indústria pesada moderna, que era aliás o elo do Plano, construiu-se uma agricultura coletiva e mecanizada, melhorou consideravelmente a situação material e cultural das massas trabalhadoras, suprimiu-se o desemprego, liquidou-se a miséria no campo, eliminou-se no essencial o comércio de tipo capitalista, reanimado no período da NEP, ao passo que se desenvolveu o comércio soviético, comércio de novo tipo, sem capitalistas nem especuladores, sendo assim rijamente golpeados os restos das classes exploradoras.

Essa vertiginosa progressão, dessa marcha cada vez mais acelerada da União Soviética, faz resplandecer no horizonte os primeiros raios do mundo comunista que amanhece numa sexta parte do globo. Agora é de que se trata na URSS — da passagem gradual para o comunismo. O cumprimento dessa tarefa, sobre todas honrosa e bela, é calculada pelo camarada Iudin em cerca de 3 novos Planos Quinquenais. Sob o comando de Stálin, estimulados pelas grandiosas vitórias nacionais e internacionais, os povos soviéticos poderão redobrar seus esforços, obrar prodígios e abreviar ainda mais o início

de um regime que tem como lema em cada um conforme sua necessidade e de cada um conforme sua capacidade e que será a concretização do sonho mais generoso da humanidade de todos os tempos.

Esta, em resumo, a incomensurável obra de Stálin, realizada através de seus Planos Quinquenais: não apenas apara do poder a burguesia, mas liquidar, numa grande parte do mundo, a escravidão capitalista, edificar em todos os seus aspectos o regime socialista e abrir para os povos soviéticos e para todos os demais povos as portas amplas e livres da sociedade comunista.

UMA LIÇÃO DE STALIN

EDUCAR-SE COM AS MASSAS

LENIN ensinou-nos a não somente educar as massas, mas a nos educarmos com as massas.

Isso significa, inicialmente, que nós, dirigentes não devemos cair na persuasão e devemos compreender que, se somos membros do Comitê Central ou comitês de povo, isto não quer dizer que possamos dispensar os conhecimentos necessários para ditarmos de um modo justo. A graduação, por si mesma, não dá os conhecimentos e a experiência. E, com maior razão, o título não dá.

Que quer dizer isso? Isso significa, em segundo lugar, que essa experiência socialista, a experiência dos dirigentes, não é suficiente para que se aja de uma maneira justa que é necessária, por conseguinte, completar nossa experiência, a experiência dos dirigentes, com a experiência das massas, com a experiência da massa dos membros do Partido; com a experiência da massa operária, com a experiência do povo.

Isso significa, em terceiro lugar: não devemos encontrar um minuto e, com maior razão, não romper nossos laços com as massas.

Isso significa, em quarto lugar: ouvir atentamente a voz das massas, a voz dos simples membros do Partido, a voz de quem se chama «pessoas simples», a voz do povo.

Que significa dirigir de maneira justa? Isso não quer dizer, absolutamente: ficar num escritório e ditar diretivas.

Dirigir de maneira justa quer dizer: Primeiramente, encontrar a justa solução do problema. Ora, é impossível encontrar a justa solução sem ter em conta a experiência das massas que experimentam em seus próprios ombros, os resultados de nossa direção;

Em segundo lugar, organizar a aplicação da justa solução. Ora, isto não seria possível sem uma ajuda direta das massas;

Em terceiro lugar, organizar o controle da execução desta solução, coisa igualmente impossível sem a ajuda direta das massas.

Nós, os dirigentes, não vemos as coisas, os acontecimentos, os homens senão de um lado, por assim dizer, do nosso campo visual e consequentemente, mais ou menos limitado. As massas, ao contrário, vêem as coisas, os acontecimentos, os homens, de um outro lado, por assim dizer, de baixo. Por conseguinte, seu campo visual é, ele também, em certa medida, limitado. Para se ter uma justa solução do problema é preciso reunir essas duas experiências. E somente neste caso que a direção será justa.

Eis e que é, não somente educar as massas, mas também educar-se com as massas. (Para uma Formação Bolchevique)

Stálin. Continuador de Lenin

ASTROJILDO PEREIRA

Stálin não é apenas o melhor discípulo de Lenin, o seu colaborador mais responsável nas grandes tarefas da Revolução de Outubro; mas também o seu continuador, dando-se a esta palavra um sentido profundo, vivo, dialético. Stálin continuou fielmente a obra de Lenin, como um marxista-leninista — impulsionando-a, desdobrando-a, ampliando-a. E isto, acrescenta-se desde logo, quer na atividade prática, quer na atividade teórica. Um gênio herdeiro de outro gênio.

Lenin fora igualmente um continuador — no mesmo sentido — da obra de Marx e Engels. Lenin criou o Partido Bolchevique — obra prima de organização, e dirigiu a Revolução de Outubro — obra prima de estratégia política. E já antes, como durante os primeiros anos da Revolução, até morrer, o seu labor teórico infatigável não somente se empenhou na tarefa de defender e sustentar os princípios fundamentais do marxismo contra as deformações e traições de oportunistas de toda a espécie, como contribuiu grandemente ao enriquecimento da teoria. Para exemplo, o problema do imperialismo como fase superior do capitalismo, o problema do desenvolvimento desigual do capitalismo nos diversos países, o problema da hegemonia do proletariado na revolução socialista e a aliança dos operários e camponeses, sob a ditadura do proletariado, etc. etc., sem esquecer a sua obra filosófica em que o volume MATERIALISMO E EMPIRIOCRITICISMO soa como um monumento impercível da ciência marxista.

Quando se afirma que o marxismo é a única ciência social verdadeira, isto quer dizer que o marxismo é uma ciência viva, que contém em si mesma os elementos de uma permanente vitalidade. Eis porque Lenin e Stálin, homens do gênio da altura de Marx e Engels, não se preocuparam em escrever uma nova teoria, diferente ou contrária à teoria dos fundadores do socialismo científico. Adotaram e assimilaram o marxismo, mas de maneira realmente marxista, com espírito criador, elevando-o cada vez mais, sempre de acordo com as novas e diversas condições históricas de tempo e de lugar.

Não menos importantes que as de Lenin, são as contribuições de Stálin ao tesouro comum. A publicação das suas obras completas já nos revelaram o que ele vinha realizando, desde a juventude, muito antes da Revolução de Outubro; mas seu trabalho gigantesco depois de outubro, e sobretudo depois da morte de Lenin, e com efeito qualquer coisa de verdadeiramente extraordinário, que só o qualificativo de gênio pode exprimir com exatidão. Um exemplo apenas: sua solução dada ao problema nacional e à luta das colônias contra o jugo imperialista. Os acontecimentos destes últimos trinta e três anos, que tiveram na revolução bolchevique o seu ponto de partida, comprovaram e aí estão comprovando os nossos olhos a justiça absoluta da sua teoria.

A Rússia tsarista era uma potência imperialista que dominava e oprimia dezenas de povos conquistados ao império no decorrer de séculos. A Revolução de Outubro libertou todos esses povos e liquidou o imperialismo russo, como a transformação da antiga Rússia feudal-capitalista num país socialista, governado pelo

Stálin, não é apenas o melhor discípulo de Lenin, o seu colaborador mais responsável nas grandes tarefas da Revolução de Outubro; mas também o seu continuador, dando-se a esta palavra um sentido profundo, vivo, dialético. Stálin continuou fielmente a obra de Lenin, como um marxista-leninista — impulsionando-a, desdobrando-a, ampliando-a. E isto, acrescenta-se desde logo, quer na atividade prática, quer na atividade teórica. Um gênio herdeiro de outro gênio.

Lenin fora igualmente um continuador — no mesmo sentido — da obra de Marx e Engels. Lenin criou o Partido Bolchevique — obra prima de organização, e dirigiu a Revolução de Outubro — obra prima de estratégia política. E já antes, como durante os primeiros anos da Revolução, até morrer, o seu labor teórico infatigável não somente se empenhou na tarefa de defender e sustentar os princípios fundamentais do marxismo contra as deformações e traições de oportunistas de toda a espécie, como contribuiu grandemente ao enriquecimento da teoria. Para exemplo, o problema do imperialismo como fase superior do capitalismo, o problema do desenvolvimento desigual do capitalismo nos diversos países, o problema da hegemonia do proletariado na revolução socialista e a aliança dos operários e camponeses, sob a ditadura do proletariado, etc. etc., sem esquecer a sua obra filosófica em que o volume MATERIALISMO E EMPIRIOCRITICISMO soa como um monumento impercível da ciência marxista.

Quando se afirma que o marxismo é a única ciência social verdadeira, isto quer dizer que o marxismo é uma ciência viva, que contém em si mesma os elementos de uma permanente vitalidade. Eis porque Lenin e Stálin, homens do gênio da altura de Marx e Engels, não se preocuparam em escrever uma nova teoria, diferente ou contrária à teoria dos fundadores do socialismo científico. Adotaram e assimilaram o marxismo, mas de maneira realmente marxista, com espírito criador, elevando-o cada vez mais, sempre de acordo com as novas e diversas condições históricas de tempo e de lugar.

Não menos importantes que as de Lenin, são as contribuições de Stálin ao tesouro comum. A publicação das suas obras completas já nos revelaram o que ele vinha realizando, desde a juventude, muito antes da Revolução de Outubro; mas seu trabalho gigantesco depois de outubro, e sobretudo depois da morte de Lenin, e com efeito qualquer coisa de verdadeiramente extraordinário, que só o qualificativo de gênio pode exprimir com exatidão. Um exemplo apenas: sua solução dada ao problema nacional e à luta das colônias contra o jugo imperialista. Os acontecimentos destes últimos trinta e três anos, que tiveram na revolução bolchevique o seu ponto de partida, comprovaram e aí estão comprovando os nossos olhos a justiça absoluta da sua teoria.

A Rússia tsarista era uma potência imperialista que dominava e oprimia dezenas de povos conquistados ao império no decorrer de séculos. A Revolução de Outubro libertou todos esses povos e liquidou o imperialismo russo, como a transformação da antiga Rússia feudal-capitalista num país socialista, governado pelo

Stálin, não é apenas o melhor discípulo de Lenin, o seu colaborador mais responsável nas grandes tarefas da Revolução de Outubro; mas também o seu continuador, dando-se a esta palavra um sentido profundo, vivo, dialético. Stálin continuou fielmente a obra de Lenin, como um marxista-leninista — impulsionando-a, desdobrando-a, ampliando-a. E isto, acrescenta-se desde logo, quer na atividade prática, quer na atividade teórica. Um gênio herdeiro de outro gênio.

Itália, Japão e suas satélites de então. Stálin congregou-se então, de forma definitiva, e maior estratégia militar de toda a história da humanidade de.

Estou escrevendo estas coisas muito pacientemente, com o intuito de poder exprimir verdadeiramente a minha opinião a menor exageração. Espero que a minha opinião seja útil e que seja compreendida. Stálin é um gênio universal, do mesmo nível e extensão de Lenin, de Marx, de Engels. Ainda há pouco não surpreendia de, mesmo ao que acompanhava de perto a sua obra, com o seu trabalho sobre problemas de linguística? Mas, e isto é que é realmente importante de ser posto em relevo, estes homens de gênio tão poderosos não surgiram e se sucederam, no decorrer de pouco mais de um século, por mero acaso. Não é também por acaso que podemos apreciar, como os maiores gênios que a humanidade já produziu em qualquer tempo. Eles foram e são o que são porque representam a classe operária em ação no mundo. Sem dúvida, outras classes, sobretudo em seus períodos de ascensão histórica, têm produzido gênios admiráveis de pensamento e ação. Mas nenhuma outra classe, no passado, ofereceu condições para o aparecimento de homens da envergadura de Marx, Engels, Lenin e Stálin. Porque essas classes, mesmo em seus períodos de ascensão histórica, eram guiadas por objetivos limitados à sua própria condição e dentro das condições da sociedade dividida em classes. Ao a classe operária possui objetivos históricos mais amplos, justamente porque os seus interesses coincidem com os interesses de toda a humanidade e porque sua missão histórica consiste em simultaneamente libertar-se e a si mesma e libertar a humanidade da sociedade de classes.

Não também uma história parciais que os classes em desenvolvimento, condenados ao empobrecimento, com a sua capacidade dirigente limitada, só produzem chefes e condutores mesquinhos. A época que estamos vivendo é a época em que se estabelece o comunismo, numa série de países, entre os dirigentes da classe operária em ascensão e os dirigentes da burguesia em decadência. Além de Stálin e seus colaboradores, homens de primeira ordem, surgiram pelo mundo em Dintchev e Tsung, um Tsung, um Mao Tse Tung, um Amador Thovar, um Palmiro Togliatti, um Ustrialov, um Tachou e aqui no América o nosso Prestes. Que homens apresentam a burguesia, na atualidade, à frente dos seus governos? Uma rédea de insuperáveis mediocridades: um Truman, um Attlee, um Franco, um De Gasperi, um Ploven, um Prio Soares, um Bao Dai, um Dutra, um Getúlio... O mesmo contraste pode ser observado, produzido pelas mesmas razões, nos somenos da filosofia, da ciência, da arte, da literatura. Não há a quem a história e o espírito apreciados ultimamente nos Estados Unidos, derradeiro baluarte do capitalismo mundial, se chama, nem mais nem menos Truman Capote, autor de desabonadas porras pornográficas, obra intelectual de um mundo em ruínas.

Stálin, e continuador de Lenin, represento hoje a própria gênio da classe operária e tem a seu lado, e apoiado, e que há de melhor, mais alto, e mais puro em todos os países do mundo, centenas de milhões de homens e mulheres. Eis é o chefe vivo, respeitado e amado por todos os povos

Stálin, não é apenas o melhor discípulo de Lenin, o seu colaborador mais responsável nas grandes tarefas da Revolução de Outubro; mas também o seu continuador, dando-se a esta palavra um sentido profundo, vivo, dialético. Stálin continuou fielmente a obra de Lenin, como um marxista-leninista — impulsionando-a, desdobrando-a, ampliando-a. E isto, acrescenta-se desde logo, quer na atividade prática, quer na atividade teórica. Um gênio herdeiro de outro gênio.

Stálin, não é apenas o melhor discípulo de Lenin, o seu colaborador mais responsável nas grandes tarefas da Revolução de Outubro; mas também o seu continuador, dando-se a esta palavra um sentido profundo, vivo, dialético. Stálin continuou fielmente a obra de Lenin, como um marxista-leninista — impulsionando-a, desdobrando-a, ampliando-a. E isto, acrescenta-se desde logo, quer na atividade prática, quer na atividade teórica. Um gênio herdeiro de outro gênio.

Stálin, Grande Chefe Militar

STALIN E a Política

José V. Stálin, sábio chefe, mestre e amigo de todos os trabalhadores, e um grande chefe militar. O genio militar de Stálin desempenhou um papel verdadeiramente salvador para o país soviético e teve enorme importância para o destino da humanidade. Extremoso, querido e infinitamente amado pelo povo,

Major General A. SHERBAKOV

país soviético. Lenin apreciava a maneira excepcional o seu genio. A enorme correspondência entre Lenin e Stálin, prova sua firme amizade e mostra como sendo chefe do Estado soviético, Lenin consultava sempre Stálin sobre os mais importantes pro-

vitoria. Foi educador e dirigente dos comissários de guerra, sem os quais, segundo afirmou Lenin, não teria havido Exército Vermelho. Stálin percebia e reunia a pedações os mais astutos e pérfidos planos estratégicos dos inimigos e lançou por

não souberam utilizá-las e seus exercitos foram derrotados.

Importantíssimo merito de Stálin para com a Patria e para com toda a humanidade progressista consiste em que descobriu todas as possibilidades e encontrou os metodos e meios mais eficazes para aproveitar as vantagens economicas, morais e politicas do regimen social e do Estado soviético.

Sob a direção de Stálin e baseando-se em seus geniais planos estratégicos, os novos comandos militares, selecionados, promovidos e educados por ele, realizaram brilhantes operações nas frentes da grande guerra patriótica.

Em cada uma das operações realizadas nas cercanias de Moscou, em Stalingrado, em Voronezh, perto de Kursk e Belgorod, em Kharkov, junto a Leningrado, Minsk, Iasi e Kishinev, e também na ultima ofensiva, culminante, contra os centros fundamentais da Alemanha hitlerista em principios de 1945, em todas as partes, manifestou-se brilhantemente o genio de Stálin como chefe militar.

Graças ao genio do grande Stálin, o povo soviético, dirigido pelo Partido Bolchevique, defendeu a independencia e a liberdade de sua patria e libertou os povos da Europa do jugo fascista. Os cidadãos soviéticos dirigem sempre seus pensamentos e seus sentimentos para Stálin, já que ele conduz o país, e através das dificuldades e das provas da guerra, salvou a patria de morte e a levou a vitoria.

No terreno da ciencia militar, Stálin é um inovador que rompe audazmente com tudo que é caduco e antiquado. Só o grande Stálin pôde estabelecer a correlação científica entre as diversas armas contemporaneas na ofensiva e na defesa e elaborou a formação das reservas, de enorme importancia para a guerra. Stálin determinou com procição genial o momento e a direção em que se tinha de desfazer o golpe principal contra o inimigo e apontou o caminho para a mudança decisiva da correlação de forças a nosso favor, para superar as forças do inimigo no curso da guerra.

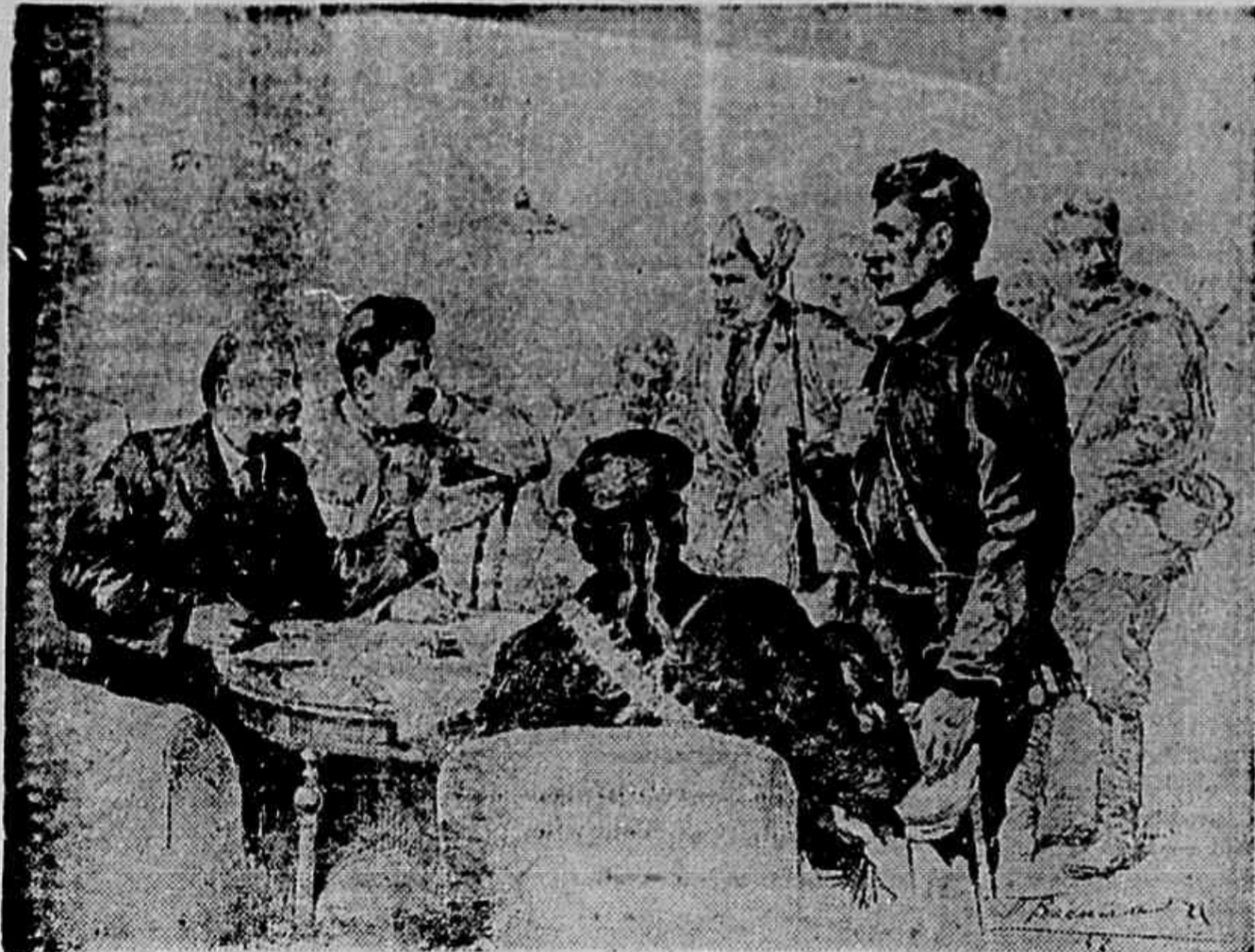
Stálin elaborou a tese dos fatores de ação permanente que decidem a sorte da guer-

«... Em política, para não errar, é preciso olhar para a frente e não para trás.

«... Em política, para não errar, é preciso ser revolucionário e não reformista.

«... Em política, para não errar, é preciso manter uma política proletária, de classe, intransigente, e não uma política reformista de acomodação de interesses entre o proletariado e a burguesia».

(Stálin — «História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS»).



Stálin, com Lenin, em conferência com representantes da Guarda Vermelha, durante a Revolução de Outubro

Stálin reúne em si os traços de um filosofo, de um sábio chefe político de massas de milhões de trabalhadores, de um estrategista clarividente e perspicaz, e de um grande tático e organizador insuperável de massas.

Stálin construiu, ombro a ombro com Lenin, o grande Partido Bolchevique, levantou as massas para a vitoriosa Grande Revolução Socialista de Outubro e criou o exercito do primeiro Estado socialista do mundo, em meio de uma encarniçada luta contra numerosos inimigos interiores e exteriores da jovem Republica Soviética. José V. Stálin foi o principal apoio de Lenin na construção do Exército Soviético e na direção e organização da defesa do

temas da politica do Estado soviético e os da estratégia e da tática militares. Lenin não resolvia um só problema politico ou militar mais ou menos importante sem prévia consulta a Stálin.

Nos anos da guerra civil, Lenin e o Comité Central do Partido enviavam Stálin para as frentes mais perigosas e decisivas para a Revolução. Ali onde aparecia Stálin, o Exército Vermelho conquistava invariavelmente a vitoria. Stálin foi o artifice dos mais importantes planos estratégicos, inspirador e organizador direto de todas as mais importantes vitorias do Exército Soviético. José V. Stálin é a encarnação da maior intrepidez, da vontade inquebrantável de luta e da segurança na

terra toda a sua ciencia e arte militares.

Nos anos da guerra civil, José V. Stálin assentou os fundamentos da ciencia militar mais avançada do mundo, a ciencia militar stalinista, que é o grau superior de desenvolvimento da ciencia militar. Depois do termino da guerra civil, Stálin se preocupou infatigavelmente em consolidar as forças da União Soviética e de aperfeiçoá-las. No segundo Congresso dos Soviets da U.R.S.S., Stálin prestou, em nome do Partido, um grande juramento: não poupar esforços para fortalecer o Exército Vermelho e a Marinha de guerra. O juramento prestado por Stálin se cumpriu, contra a raivosa resistencia do bando trotskista e bukharinista, vendido aos serviços de espionagem imperialista. Graças á perspicacia e decisão de Stálin, esse bando contra-revolucionário foi desmascarado e liquidado pelo Partido Bolchevique.

Baseando-se na sábia politica stalinista de industrialização do país soviético e de coletivização da agricultura, as forças armadas da URSS, foram crescendo, ganhando vigor e elevando sua capacidade para o combate. José V. Stálin orientou e continua orientando as ideias técnicas dos projetistas de tanques, de aviões e de artilharia e é o inspirador e organizador da construção de uma grande marinha de guerra.

Graças á constante solicitude de Stálin, o país socialista soviético se preparou em tempo para a defesa ativa. A guerra contra a Alemanha hitlerista constituiu uma grande prova para todas as forças e possibilidades do povo soviético. O povo soviético e suas valorosas forças armadas suportaram com honra, sob a direção comprovada e sábia de seu genial chefe e capitão, essa penosa prova.

Stálin ensina que na historia das nações e na historia dos exercitos tem havido casos em que existiam todas as possibilidades para o exito, para a vitoria, mas essas possibilidades ficaram sem ser aproveitadas, já que os dirigentes não as perceberam,



Stálin e dois chefes do Exército Soviético: Voroshilov e Budennyi Q

na, da defesa ativa e das leis da contra ofensiva e da ofensiva, da cooperação das armas e do material belico nas

condições da guerra contemporanea, do papel das grandes massas de tanques e da aviação na guerra moderna, e da artilharia, a arma mais poderosa. Nas diversas fases da guerra, o genio stalinista encontrava soluções justas, que tinham em conta todas as particularidades da situação.

Nos anos da grande guerra patriótica, o nobre povo soviético, apreciou de forma ainda mais profunda a grandeza do seu chefe, mestre, capitão e amigo José V. Stálin, seus serviços abnegados á patria soviética e sua infatigável solicitude pelo desenvolvimento e a prosperidade da potencia socialista. O nome estremecido de Stálin é simbolo da unidade moral e politica da sociedade soviética.

STALIN E A GUERRA DE GUERRILHAS

Nas regiões ocupadas pelo inimigo é preciso organizar destacamentos de guerrilheiros, a pé e a cavalo, formar grupos diversionistas para a luta contra as unidades do exercito inimigo, para acender em todas as partes a guerra de guerrilhas, para destruir as pontes, as estradas, inutilizar as linhas telefônicas e telegráficas, incendiar os bosques, os depósitos, os comboios. Nas regiões ocupadas é preciso criar condições insuportáveis para o inimigo e todos os seus cúmplices; é preciso persegui-los e aniquilá-los sempre e em todas as partes, fazendo fracassar todos os seus empreendimentos.

(Do discurso pronunciado na Rádio de Moscou, a 3 de Julho de 1941, por ocasião da agressão hitlerista á U.R.S.S.)



Stálin e Voroshilov

METODO STALINISTA DE CONTROLE CONTROLE DE CIMA PARA BAIXO E DE BAIXO PARA CIMA

«Que significa: controlar os militantes, verificar a execução das tarefas?

Controlar os militantes é controlar, não segundo suas promessas e declarações, mas segundo os resultados de seu trabalho.

Verificar a execução das tarefas é verificar não apenas nos escritórios, não apenas pelas atas oficiais, mas, antes de tudo, nos locais de trabalho, de acordo com os resultados efetivos da execução.

Tal verificação é necessária, de modo geral? Incontestavelmente. Ela é necessária, de principio, porque só uma tal verificação permite conhecer melhor o militante e estabelecer suas qualidades reais. Ela é necessária, a seguir, porque só um tal controle permite estabelecer as qualidades e os defeitos do aparelho de execução. Ela é necessária, enfim, porque só um tal controle permite estabelecer as qualidades e os defeitos das próprias tarefas.

Certos camaradas pensam que só se pode controlar as pessoas, de cima quando os dirigentes controlam os dirigidos de acordo com os resultados de seu trabalho. É falso. O controle do alto é evidentemente necessário como uma das medidas efetivas que permitem controlar os homens e verificar a execução das tarefas. Mas o controle de cima está longe de esgotar toda a obra de verificação. Existe ainda outro gênero de controle, o controle de baixo, quando as massas, quando os dirigidos controlam os dirigentes, assinalando seus defeitos e indicando os meios de corrigi-los. Este gênero de controle é um dos meios mais eficazes para avaliar os homens.»

(J. STALIN — PARA UMA FORMAÇÃO BOLCHEVIQUE)

Gratidão das Mulheres a Stalin

ARCELINA MOCHEL

Está em festa a União Soviética, esse mundo novo edificado numa sociedade sem exploração onde há trabalho para todos, onde é profunda a confiança no ser humano, que ama a natureza e a transforma em benefício da vida grandiosa de sua pátria. Está em festa esse mundo feliz, saído dos sacrifícios da classe operária subjugada e faminta pela burguesia mostrando, hoje, ante a realidade dos fatos, que os trabalhadores unidos construíram um regime diferente, sem crises e sem desemprego, sem fome, e sem direitos, em substituição à forma capitalista de governar povos, mantendo-os sob a exploração e o obscurantismo.

A União Soviética é a vida sem medo, sem guerra, onde a paz é a única bandeira tremulante no coração de cada indivíduo. É a civilização; é a cultura; é a liberdade; é o amor e a justiça.

A festa dessa terra distante e querida por todos os povos é pelo aniversário do generalíssimo Stalin. 71 anos de vida faz o mestre e guia da causa sagrada da Paz! Todos os povos estão jubilosos.

As comemorações desse aniversário, de repercussão internacional, têm o sentido de imensa gratidão e carinho por Stalin, pela sua ação em benefício da vida tão bela dos povos livres e pelo exemplo que nos dá, a nós outros, povos ainda escravos e semi-coloniais que tanto temos a vencer e a construir.

O 21 de dezembro é o recordar de toda a trajetória política do trabalho infatigável de Stalin desde sua mocidade, ao lado do proletariado russo, colocando-se, em qualquer das circunstâncias à frente das suas lutas.

Festejar o septuagésimo primeiro aniversário de Stalin, significa, fundamentalmente, para as mulheres, agradecer ao grande líder dos povos o que ele tem feito pelos direitos da mulher, hoje assegurados na gloriosa União Soviética, onde a mulher é livre de qualquer opressão.

Graças ao querido Stalin e ao Partido Bolchevique, bem diversa é, hoje, a situação da mulher na U.R.S.S., elevada à igualdade com o homem em todos os domínios da vida econômica, cultural, pública, social e política. Sem mais sentir inferioridade, a mulher soviética sabe que é parte integrante da vida criadora de sua pátria e dirige o seu povo desde o Soviet Supremo à fábrica ou ao colchose. Com as máquinas ou com os arados, a mulher comanda e constrói; na cultura como na arte, ela contribui paralelamente ao homem, para a grandeza de seu país.

Heroínas da guerra patriótica, cantam louvores pelo aniversário de Stalin. É a sua gratidão pela libertação de Moscou, pela vitória de Stalingrado; é a gratidão pela reconstrução de milhares de lares desfeitos, pelo retorno dos filhos ao aconchego materno. É a gratidão das heroínas da União Soviética, aquelas que ostentam as medalhas de sangue de seu companheiro

Estrangeiro aventureiro
Que deseja este solo
Grande, rico e de bela paisagem
Que pensa pelo mundo
Que pensa conquistar
A...
— Que bem vê como tro...
Itália

Meu povo ludibram
— Que bem vê como paisagem
Que pensa conquistar
Tua sinistra mancha
Pelas terras que não de vir
— Maduros tempos de hoje
Das concessões primaveras —
Que deseja alogar
No negro crepe e no sangue
— Vermelho que explode —
O amor dos meus irmãos
Pelos irmãos de além muros

Estrangeiro aventureiro
Se pensa que o nome oitavo
Permanece indiferente
As manobras dos seus dedos
Sujos dedos que mergulhados
Na docil carne e no sangue
Das entranhas do petróleo
Se pensa que o nome oitavo
Permanece indiferente

Se pensa que o nome oitavo
Permanece indiferente
Ao sinistro caminhar
Teu sinistro caminhar
Pelas segredos mais curtos
Das esmeraldas mais raras
Da Pátria que me embolor
Se pensa que o nome oitavo
Permanece indiferente
Aos punhos ensanguentados
Que escondes nos falsos sorrisos
Dos traidores acrometidos
Estrangeiro aventureiro
Sai do teu covil e olha
O Morro dos Dois Irmãos.
Olha, estrangeiro, olha bem
O Morro dos Dois Irmãos
Nova herança do meu povo
Da minha gente semente
Esperança — doce pétala
Doce pétala orvalhada
Que se levanta no orle
Da manhã anunciada
Olha, estrangeiro, olha bem
O Morro dos Dois Irmãos
Gravados na dura pedra

O MORRO DOS DOIS IRMÃOS

Poema de
Aluizio Medeiros



Amor, crença, confiança
Pelas terras que não de vir
— O nome eterno de Stalin
Heroica estrêla vermelha
Que nesse destino heróico
Estrangeiro aventureiro
Não contes em tua pele
O arrepiado orle
Que sempre gelar nas veias
Teu voz emudecer
E tua carne tremer
Teu simplesmente em olhas
O Morro dos Dois Irmãos?
Arrepiado teu pelo
Cêta teu sangue, eu bem sei
Emudece tua voz
Treme tua carne eu bem sei
Teu simplesmente em olhas
O Morro dos Dois Irmãos
— O amor dos meus irmãos
Pelas irmãos de além muros

Dezembro, 1950



Durante uma reunião do Soviet Supremo: Trotski, Stalin, Zhdanov e Bulganin

O CONSTRUTOR DO PARTIDO

ALTAMIRO GONÇALVES

STALIN completa este mês 71 anos de idade. No mundo inteiro a data de 21 de dezembro se comemora com regozijo e grandes lutas não só pelo proletariado e seus partidos de vanguarda — os P.P. CC. — como por milhões de democratas e patriotas não comunistas que vêem em Stalin, o campeão da Paz, o amigo de todos os povos, o paladino da independência dos povos coloniais, semi-coloniais e dependentes.

A vida de Stalin é um exemplo de luta pertinaz e corajosa para todos os militantes revolucionários, um exemplo de saber e clarividência. Falar de sua importância no movimento revolucionário, equivale a falar de sua vida inteira, pois começou a atuar no movimento revolucionário marxista da velha Rússia nos primeiros albos da mocidade. Isto significa que a sua contribuição para o socialismo, se estende por um período de mais de 50 anos. E que contribuição!

Stalin foi sempre, em toda sua vida, um defensor acérrimo, um construtor do Partido, ao qual assinava o papel mais decisivo no movimento revolucionário marxista, como destacamento organizado da classe operária. «Sem um Partido revolucionário, a classe operária é como um exército sem Estado-Maior. O Partido é o Estado-Maior de combate do proletariado».

Essa compreensão da importância do Partido, da solidez de sua organização, da firmeza de seus princípios ideológicos, fizeram com que Stalin se encontrasse sempre ao lado de Lenin, com seu mais íntimo colaborador, nas grandes lutas travadas no seio do POSDR, entre bolcheviques e mencheviques, das quais surgiu o glorioso Partido Comunista bolchevique, guia e chefe do proletariado russo, na conquista do poder e na construção do socialismo.

Mas esse Partido, forjado nas duras lutas do proletariado russo, como destacamento de vanguarda da classe operária, para estar à altura da sua missão histórica, precisava temperar-se na luta sem tréguas contra todas as formas de oportunismo, da esquerda ou da direita.

Nessa luta vamos encontrar Stalin, sempre ao lado de Lenin, no combate tenaz aos

desvios dos Trotski e Radek, dos Kamenev e Zinoviev, no seio do CC., como nas bases do Partido, defendendo-o na penetração das ideologias estranhas ao proletariado, zelando pela solidez de sua organização, elevando seu nível ideológico e político

Tão grande tem sido e está sendo a contribuição de Stalin no seio do Partido Bolchevique, que se houvesse se limitado a esta contribuição já seria enorme sua influência na formação dos demais P.P. CC., que no mundo inteiro se beneficiam das experiências e êxitos do glorioso P. C. (b), na URSS

Mas a obra de Stalin está muito longe de limitar-se aos horizontes de um só país, mesmo que esse país constitua por si só uma sexta parte do mundo. Ela se projeta no campo internacional, já através do combate impetuoso aos desvios oportunistas e as adulterações ao marxismo, já através do debate e solução dos principais problemas do movimento revolucionário mundial.

Neste 21 de dezembro de 1950, quando festejamos o septuagésimo primeiro aniversário de Stalin, em condições particularmente graves para a humanidade sobre quem pesam as ameaças de uma nova guerra imperialista, a obra de Stalin na construção dos Partidos Comunistas, significa para nós, comunistas brasileiros, um exemplo e um roteiro a seguir, um in-

citamento à luta para construção desse Partido do tipo leninista, o mais alto instrumento de combate ao imperialismo, capaz de guiar a classe operária e seus aliados, pelo caminho da revolução para e anti-imperialista, abrirem o caminho para a revolução proletária para o socialismo e a sociedade comunista.

A cada hora, em todos os momentos, no curso de nossa atividade revolucionária, devemos ter sempre presentes na memória aquelas palavras de Stalin quando referindo-se a nossa história e às tarefas do proletariado no novo período na época dos choques abertos entre as classes, da derrocada do imperialismo e da tomada do poder pelo proletariado, diz aos alunos da Universidade Sverdlov: «Da necessidade de um novo Partido, de um Partido combativo, de um Partido revolucionário, bastante intrépido para conduzir os proletários a luta pelo Poder, bastante capaz para orientar-se nas condições complexas da situação revolucionária e bastante flexível para transportar todos e cada um dos escolhos que se interpõem no caminho para seus fins».

Sem um Partido assim, não se pode nem pensar na derrocada do imperialismo, na conquista da ditadura do proletariado.

Esse novo Partido é o Partido do Leninismo. O camarada Stalin é a encarnação desse Partido.

Como julgar os quadros?

J. STALIN

«Que significa: escolher judiciosamente os militantes e com eles dividir judiciosamente o trabalho?»

Isto significa: escolher os militantes, em primeiro lugar segundo o índice político, isto é, ver se eles merecem confiança política, e, em segundo lugar, de acordo com o índice político isto é, ver se eles convêm a tal ou qual trabalho concreto.

Isto significa: não transformar a maneira de julgar

seriamente num praticismo estreito, o que acontece quando cuidamos das capacidades dos militantes, mas não nos ocupamos de sua fisionomia política.

Isto significa: não transformar a maneira política de julgar na só e única maneira de julgar, o que acontece quando nos ocupamos da fisionomia política dos militantes, mas não cuidamos de suas capacidades.»

(Do trabalho «Para uma formação bolchevique»)

Carta ao Camarada Stalin

MARCO ANTONIO COELHO

Camarada Stalin!
O vosso 71º aniversário desperta em milhares de trabalhadores e intelectuais de todos os recantos do mundo o desejo e a vontade de exprimir os sentimentos que todos possuem, de afeto, admiração e gratidão para com o comandante dos povos soviéticos.

Da opinião do homem do povo, desses milhões de «parafusos» anônimos, surge um pensamento comum, que nos sentimos no dever de vos transmitir.

A nossa região, grande companheiro e mestre, o estado de Minas Gerais, é a parte cercada e pontilhada de montanhas do interior do Brasil. A nossa gente mora em sua maioria no campo. Nas cidades pulsa um proletariado vigoroso, mas oprimido pelo atraso, pelas doenças e pela violência policial. Nas minas, as mais profundas do globo, estão o desemprego, os assassinatos, os «choccos» que desmoronam os túneis sepultando vivos os trabalhadores e a sílicose que sítia o pulmão até derrotá-lo. Nas empresas têxteis domina a exploração estudada e a tuberculose fatal. Nas ferrovias os miseráveis salários, que só são pagos em atraso, matam os homens em pé que morrem como o gado sem água nas gaiolas, onde é transportado.

No campo, onde vive 70% do nosso povo, é o atraso espantoso, a exploração animal dos lavradores e o analfabetismo organizado oficialmente para manter o regime. Nas lavouras de café, de arroz, milho e feijão, dos «coroneis» donos das terras, vagueiam bocas famintas, semeando a miséria. É a canga da exploração semi-feudal.

Mas não se resume só nisto a raiz dos nossos males. Grande, muito grande, é a responsabilidade dos exploradores estrangeiros. Aqui em nosso estado a concorrência imperialista levou à falência uma fábrica de alumínio, mas os americanos constroem uma base aérea para aviões a jato, que não possuímos no Brasil. Os colonizadores modernos nos trazem também contas, colares, espelhos e pentes, que atulham os armazéns.

A nossa indústria se acha em derrocada. Os aumentos dos gêneros sofrem semanalmente uma modificação. E o imperialismo, para evitar protestos contra o desvio de nossa economia em proveito dos interesses egoísticos de Wall Street, procura agora modificar igualmente a nossa cultura e o nosso sentimento nacional. Deseja nos impingir um «sentimento continental», outra forma da «cultura cosmopolita», através do seu imundo cinema, da sua criminosa e bem característica literatura juvenil standardizada e das sociedades culturais organizadas com o suborno dos dólares. Diante desse sentimento da defesa continental da degradação humana, do crime e da torpe exploração, não nos curvaremos jamais, porque toda essa insidiosa campanha possui o objetivo cínico de nos transformar em mercenários para sua louca aventura contra a pátria do socialismo, agora que já não podem esconder sua fragorosa derrota na Coreia, os poucos traidores que aceitam esta participação infamante estão isolados porque a causa guerreira que defendem é contrária aos mais sagrados interesses de nossa pátria e do nosso povo. A causa dos povos chinês e coreano, de todos os que lutam pela liberdade, é a nossa própria causa.

Este é o retrato do nosso país, camarada Stalin, governado por um grupo de traidores, grupo dos que possuem as terras, as fábricas de morte nas cidades e que são os socios das sucursais da «coca-cola» e do «superflit».

Os nossos governantes administram o Brasil como as suas fazendas. As leis são os seus caprichos; os homens tratados como bestas de carga; a cultura afastada como um perigo porque traz a rebelião ou então restringida, como um privilégio para uma minoria de eunucos;

o terreno explorado sem cuidados e afinal hipotecado a banqueiros estrangeiros, para dar largos proveitos imediatos.

E por isso que eles não querem manter relações com a União Soviética. Eles se sentem envergonhados de que seja traçado um paralelo entre eles e os homens que dirigem a pátria do socialismo. O secretário da nossa embaixada em Moscou era um ébrio. Vosso governo es-

tranhou isto, mas para Dutra o motivo de reprovação foi a conduta de vosso governo. Romperam por isto as relações oficiais. Fato triste, mas significativo.

Camarada Stalin: neste país longínquo, a maioria da nossa gente o encarava até há pouco de maneira falsa. É certo que um pequeno grupo de vanguarda já compreendia o significado real da vossa pátria — a pátria de todos os trabalhadores. Mas a opinião dominante era



★
aStalin, que mudou a fisionomia da velha Rússia, proporcionando felicidade a todo o povo, é alvo do carinho das crianças soviéticas, que nele vêem o seu benfeitor.
★

O 30.º Aniversário do P. C. da Espanha

(Conclusão na pág. central)

firme e conseqüente ainda que em 1933 e em 1935, dedicam e dedicarão suas energias a agrupar as forças operárias e anti-franquistas, não somente à luta pela recuperação da República, mas também para impedir que a Espanha seja convertida em um campo armado, em uma base estratégica dos incendiários de guerra anglo-americanos contra o próprio povo espanhol, contra a União Soviética e os países que se libertaram do jugo capitalista nacional e estrangeiro. E isto sem renunciar à crítica sobre atitudes contrárias aos interesses do povo, mantidas por diferentes forças e partidos políticos.

Após manifestar a confiança do Partido Comunista na combatividade da heroica classe operária de Espanha, seu amor à democracia e ao socialismo e de citar a histórica declaração de Molotov de que «vivemos num seculo em

que todos os caminhos conduzem ao Comunismo», afirma Dolores que trinta anos de atividade do Partido Comunista, seu trabalho constante para fundir-se com as massas, por dar-lhes uma consciência revolucionária marxista, não passaram em vão.

Dolores termina com estas palavras:

No aniversário da fundação do Partido Comunista da Espanha, duas tarefas fundamentais se originam da situação nacional e internacional para os comunistas espanhóis:

Em primeiro lugar, lutar sem descanso em defesa da paz, ameaçada pelos incendiários de guerra imperialistas anglo-americanos, já que a luta pela paz está intimamente ligada à luta por uma Espanha Republicana e democrática. E em segundo lugar a despeito da atitude provocadora de certos dirigentes socialistas e anarquistas, agentes de escarados do imperialismo anglo-ianque, trabalhar com

entusiasmo pela unidade da classe operária, pela unidade das forças anti-franquistas para a formação da Frente Nacional Republicana e Democrática.

Para cumprir com honra essas tarefas, os comunistas deverão esforçar-se para dominar a arma invencível da teoria marxista-leninista, que lhes dará confiança em suas próprias forças e nas da classe operária, energia e segurança para vencer as dificuldades e lhes ajudará a encontrar saída para todas as situações por complicadas que pareçam.

A realização destas tarefas será a melhor maneira de celebrar o aniversário da fundação do Partido Comunista, a melhor homenagem que podemos prestar a todos os que criaram na luta, sob nossas bandeiras, sonhando com uma Espanha libertada da opressão reacionária e fascista, com uma Espanha Democrática e Popular, com uma Espanha Socialista.

a lançada pelos donos do poder, pelos anunciantes da grande imprensa e pelos bispos que surtam e oprimem o clero nacional e a massa de fiéis. Porém, em 41, a censura já não mais conseguiu esconder e mentir. Vivíamos naquela época com o coração suspenso, pois a besta fera andava à solta. Logo o calor da batalha de Smolensk enxugou as lágrimas da queda de Paris. Nesses primeiros dias ficamos apreensivos. Até ali o chacal havia realizado o que prometera, mas a nossa confiança era ilimitada, camarada Stalin, porque a Estrela Vermelha do Kremlin é a nossa bússola, pois sempre nos levou, sob a vossa direção, às vitórias grandiosas que modificaram o rumo dos acontecimentos. Depois do vosso discurso as rugas das nossas preocupações desapareceram. Havíamos escutado pela rádio de Moscou a sábia afirmação: «a história demonstra que não ha e nunca houve exercitos invencíveis». Desde então marchava o nosso pensamento pelas estepes sangrentas, no meio da fuzilaria, da miséria e da confiança no amanhã. Chegando a Stalingrado, camarada, compreendemos em toda sua extensão o heroísmo inigualável de um povo e do seu guia. E a marcha dura até a vitória era tão mais sentida por nós porque seus reflexos batiam duramente em nossa pátria, arrebatando passo a passo com as cadeias da tirania. Já no cerco de Berlim, passeávamos pelas ruas de nossa capital acariciando o vermelho setim da vossa bandeira, a sagrada bandeira da estrela, da força e do martelo. Desde então, a calúnia profissional, a mentira imposta pelo terror, nada mais puderam contra o profundo amor de nosso povo pelos heróis de Leningrado, Stalingrado, Kiev, Karkov e por vós, forjador de heróis.

Camarada Stalin: sabemos que em Moscou existe um museu onde os vossos amigos guardam os presentes que vos são enviados de todo o universo. Muitos presentes ainda vos serão entregues de nossa pátria, mas queremos chamar a vossa atenção para dois retratos que foram enviados do nosso Estado, os retratos de dois heróis, de William Dias Gomes e de José dos Santos (Lambari). William, camarada, era um operário jovem e bravo. Chefiava os 5.000 mineiros da Cia. Morro Velho, lugar onde há cem anos os amigos de Mister Churchill exploravam selvagememente a terra e os homens. Há dois anos, a 7 de novembro, quando os operários elevavam o seu grito de alegria pela vitória da gloriosa revolução Leninista, mais de 20 facionados armados pela polícia delataram William por terra. Foi ele assassinado porque lutava por mais pão e por liberdade para os seus e porque ensinava pacificamente aos operários a experiência dos bolcheviques que mostraram na teoria e na prática como se pode acabar com a exploração do homem pelo homem.

Lambari, era um negro valente. Companheiro de William, assistiu à morte deste, substituindo-o no comando, sem temor dos punhais dos ingleses. No ano passado a las horas da noite, foi cercado por três miseráveis que o liquidaram.

O presente dos operários, dos camponeses e dos intelectuais de Minas Gerais, mais significativo, é o retrato desses heróis, cujo sangue vermelho nos estimula na luta, porque todos os dois tombaram, camarada, pela causa de que sois a bandeira e a esperança.

Por isto vos enviamos estes 2 retratos que simbolizam a nossa luta, sofrida e heroica, por educar nos imortais princípios do socialismo os milhões de trabalhadores do Brasil.

Terminando esta carta, que outra coisa vos posso dizer, camarada Stalin, numa hora em que os incendiários de guerra americanos tomam novas, mais febris e criminosas medidas para a agressão e a cada derrota insistem no seu sonho impossível de domínio mundial? Que dizer, senão isso? «Hoje mais que nunca, longa vida ao camarada Stalin, para que ela conclua o mais rápido possível a maior obra de nosso tempo, maior obra da história, a sua obra gigantesca de campeão da paz e da felicidade humana.»

ATUAR NO SEIO DA CLASSE OPERÁRIA

(Conclusão da 3ª pág.)

como o são os comunistas: se colocarem realmente à altura desta responsabilidade e conduzir o nosso povo à vitória sobre os seus cruéis inimigos.

Neste momento, portanto, toda a nossa abnegação de patriotas e revolucionários deve ser posta à prova na mobilização e organização das grandes massas, que precisam ser alertadas diuturnamente sobre os perigos que as ameaçam e chamadas à luta contra o envio de soldados brasileiros, de gêneros e matérias primas para a agressão imperialista, à luta contra as leis celeradas, contra o estado de sítio ou de emergência e contra a fitadura fascista. E para isso é preciso saber fundir essas lutas com as lutas diárias das massas pelas reivindicações mais sentidas e saber educar pacientemente as massas para ganhá-las para as lutas revolucionárias pelo Poder democrático popular.

Mas, qualquer que seja o êxito que obtenham essas lutas e campanhas de massas, elas não atingirão seus objetivos revolucionários, não progredirão até a luta pela derrubada do Poder caduco e oprimir das classes do-

minantes e a organização do novo Poder democrático popular, se à frente dessas lutas não se colocar, com sua valentia e abnegação, a classe operária unida e organizada; se a organização e a unidade do proletariado não lhe garante uma direção efetiva e direta de todo esse movimento revolucionário das massas.

A classe operária tem lutado, sem dúvida, nesses duros anos de miséria e opressão crescentes. Suas lutas comprovam sua aptidão para o combate e para desempenhar o papel dirigente que ocupa no movimento de libertação nacional e social de nosso povo. Mas, temos de constatar que nós, os comunistas, ainda trabalhamos pouco no seio das massas operárias, ainda trabalhamos defeituosamente para unir e organizar suas fileiras, ainda estamos muito atrasados na mobilização das grandes massas operárias em torno do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional.

E, na verdade, se as lutas operárias não atingiram, ainda, em nosso país, à altura das ações revolucionárias requeridas pela gravidade da situação presente e não chegam a exprimir em toda a sua intensidade o profundo descontentamento do proletariado, a sua aspiração a uma vida nova, a responsabilidade é nossa, exclusivamente nossa, que somos sua vanguarda e seus dirigentes políticos.

Que nos tem faltado?

Tem nos faltado audácia para levantar, infatigavelmente, no seio das massas operárias suas reivindicações diárias e organizá-las na luta por essas reivindicações. Mas nos tem faltado, sobretudo, a audácia revolucionária para educar sistematicamente a classe operária, com as experiências de suas lutas, denunciando no seio dela a ligação existente entre a miséria e a fome dos trabalhadores e a política das classes dominantes, desmascarando os politiquieiros através de fatos concretos e vívidos pelas próprias massas, e, enfim, chamando-as às manifestações e à unidade de ação em defesa da paz e pela libertação nacional, organizando-as nos Comitês de Libertação.

E' esta vacilação em apontar a classe operária o caminho da luta revolucionária, através do trabalho diário por suas reivindicações econômicas e políticas, que precisa ser liquidada, a fim de que possamos organizar e unir rapidamente as fileiras do proletariado, organizar as lutas e ações de massas em defesa da paz, por pão, terra, liberdade e contra o imperialismo, levantar rapidamente em todo o país a Frente Democrática de Libertação Nacional e marchar, com as massas, para os combates decisivos contra o regime feudal-burguês e pela Democracia Popular.

Contribuição de Stálin à Literatura

FLORIANO GONÇALVES

Nenhuma literatura, até hoje, exerceu influência tão profunda e tão ampla, sobre a humanidade, como a literatura soviética. A imensa população chinesa, despertada pela revolução e em marcha para o socialismo, ama o livro soviético como uma arma poderosa para sua luta ideológica, a classe operária e o povo trabalhador das novas democracias populares da Europa traçaram como uma das tarefas de seu desenvolvimento revolucionário, a assimilação e a divulgação do romance soviético. A classe operária e os intelectuais progressistas dos países ainda sob a exploração e o jugo do capitalismo saudam na literatura soviética a mais alta expressão de qualidade artística e elevação de sentimentos.

Esta arte tem influência tão ampla e tão poderosa porque se enraíza profundamente na alma do povo, procura na riqueza criadora dos trabalhadores a fonte e a grandeza de seus temas. Isto foi possível porque a arte e a literatura soviéticas desenvolveram-se à luz dos ensinamentos de Lenin sobre literatura e arte de Partido.

Desenvolvendo o fundamento ideológico da tese leninista, Stálin definiu a cultura revolucionária como uma cultura socialista pelo conteúdo e nacional pela forma, abrindo a mais fecunda perspectiva para o florescimento da arte soviética. Educados e estimulados por Stálin os romancistas, os músicos, os pintores, os críticos começaram a criar, indo buscar na herança cultural os elementos democratas e populares, ao mesmo tempo em que se embriam da rica energia criadora do povo. Este trabalho levou o escritor e o artista a mergulhar no coração do povo, a sentir sua serena confiança no futuro, a aquecer-se ao calor de seu heroísmo, a confiar em sua imensa solidariedade, a confiar nele como seu grande mestre e guia Stálin sempre confiou.

Conhecendo como irmão o seu leitor, com o coração pulsando ao mesmo sentimento que o dele, amando a grande pátria soviética como ele a ama, os artistas foram criando uma arte em cujo conteúdo se dignifica o trabalho forjador do grandioso futuro da Pátria e em que se reflete a realidade soviética em movimento, mostrando no saudável e fecundo labor de cada dia, a elaboração das formas raiadas do futuro da humanidade livre e feliz. Uma arte em cujo conteúdo brilha um romantismo que se vai fazendo realidade cada dia, um romantismo forjador de heróis que realizam seus sonhos que são sonhos de um povo. Uma arte que enriquece a forma aprendendo com o povo o modo simples, direto, límpido de expressar-se, dando à simplicidade e a clareza de expressão uma qualidade altamente artística. Com seu conteúdo enriquecido e com sua forma de alta qualidade artística, a arte soviética, sob os ensinamentos e o estímulo de Stálin, realizou o sonho de Lenin de uma arte popular e de massas, profundamente enraizada na alma do povo.

As páginas dos romances soviéticos povoaram-se de uma humanidade perpetuamente em movimento, banhada na luz da perspectiva sem par da era comunista, a alegria do trabalho diário nascendo do coração dos homens como um canto e o sonho poético do comunismo começando a tornar-se realidade hora a hora. Era a rica e multiforme realidade soviética refletida na obra de seus artistas. Stálin define esta arte, que encontra os germes do sonho na própria realidade concreta e o mostra como a forma da realidade no futuro, como uma arte realista socialista. Aos criadores desta arte ele chama de engenheiros de alma humana. Nunca nenhum artista recebeu um título tão glorioso, nem nunca foram tão profundamente definidas as responsabilidades do artista em face do seu povo. Chamando de rea-

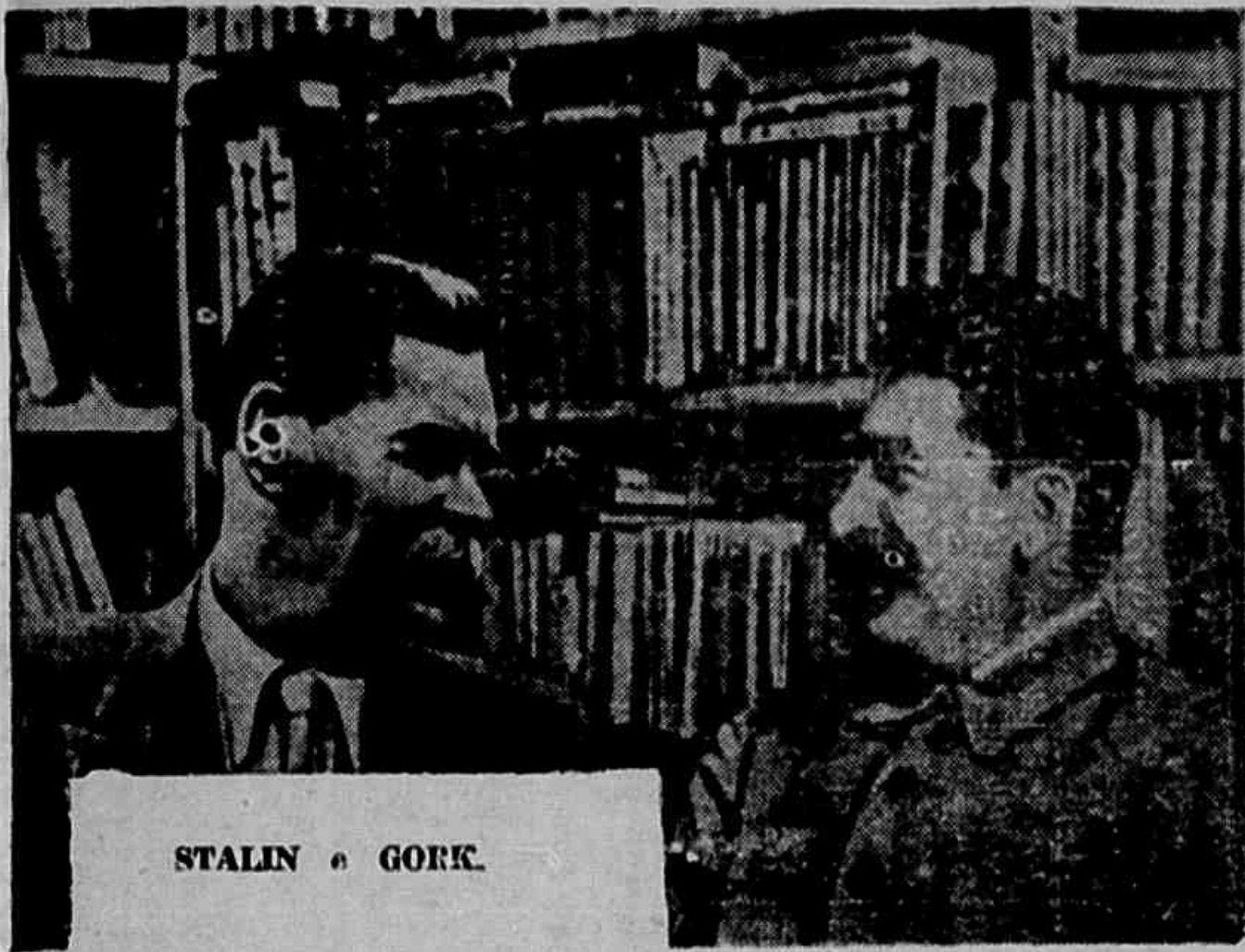
lismo socialista o método de criação artística do proletariado, Stálin definiu geralmente a seu conteúdo ideológico e traçou o rumo de seu desenvolvimento e suas tarefas.

O escritor tem que mergulhar na realidade, estudá-la, compreendê-la e refleti-la em sua obra. Para compreender uma realidade é preciso ver o que há nela de novo e em movimento, sentir que esse novo é a marcha do povo para o futuro, sob a direção da classe operária. Somente assim, pode o escritor tirar da vida os seus heróis, cantar o seu trabalho, exaltar a grandeza e a elevação de seus sonhos. Isto é generalizar a experiência e a grandeza das lutas do povo, dar a cada um a consciência do nobre fim de seu trabalho, ajudar a construir a consciência política de novo homem, com a grandeza com que Gorki o amava. O grande educador da consciência do povo soviético é o Partido Bolchevique e Stálin é o pai, o chefe, o educador do Partido. Quando a arte reflete o movimento das grandes massas guiadas por Stálin adquire conteúdo ideológico, transforma-se numa arte popular e de massas, numa arte de partido e mostra aos homens como eles vão construindo o comunismo. Isto é cumprir a tarefa de ser engenheiro de almas, indicada por Stálin.

E nós, escritores brasileiros, não poderemos aprender as lições de Stálin aos escritores soviéticos e criar, nas condições em que vivemos, uma arte realista socialista de rico conteúdo político e ideológico, voltada para as amplas massas de nosso povo e sermos também engenheiro de suas almas? Podemos e devemos. Para isto precisamos penetrar em nossa realidade, ver o homem como vive, trabalhar e lutar, compreender o que há de novo e vivo nesta realidade. O novo é o movimento de luta do povo de norte a sul do país contra a guerra, apondo cinco milhões de assinaturas ao Apelo de Estocolmo, é a luta dos camponeses pela posse da terra e dos operários e trabalhadores por melhores condições de vida, é a luta pela liberdade e pela independência nacional, contra a exploração imperialista. É o Partido Comunista, sob a direção de Prestes, como o sangue e o coração destas lutas, educando o povo e conduzindo-o para a Frente Democrática de Libertação Nacional, para a tomada do poder em suas próprias mãos.

Ver, ouvir os homens que animam estas lutas, sentir o que há de grandioso e de puro em seus corações, caminhar com eles, lutar com eles, arder juntos na certeza da vitória que os estimula e refletir em nossas obras de arte a tenaz e silenciosa construção desta vitória. Arrancar de nossa realidade concreta, como pedaços vivos, os nossos heróis como Rossi, Marma, William, Lambari, Agildo e o grande Prestes, vibrarmos com a beleza de seus sonhos e povoar nossas páginas com a serena confiança em sua realização, mostrando a todos que a luta de cada um engrossa a onda em cujo bojo vem a libertação e a felicidade do povo brasileiro.

Isto é ajudar a educar a consciência política do homem, isto é ser engenheiro de almas, é realizar o realismo socialista que Stálin definiu. Nossa arte passará a ser uma arte de massa e popular e a pertencer ao nosso Partido, transformando-se em elemento da cultura revolucionária de que a União Soviética é a mais alta expressão e cuja influência se estendeu em todo o mundo, sob a orientação de Stálin, como nunca antes na história da humanidade. A força dessa irradiação está em que a arte realista socialista reflete o enorme trabalho de construção do mundo para a felicidade do homem, e todos os homens simples compreendem este elevado conteúdo artístico. Quem trocará esta radiante perspectiva pelo triste e miserável arte a serviço do passado, da exploração e da morte?



STALIN e GORKI.

«Viver com alegria e lutar no país onde o grande saber e a vontade de ferro do seu chefe, Josef Stálin, libertam para sempre o homem dos hábitos e dos preconceitos malditos do passado»
MAXIMO GORKI

Devemos a Stálin a definição clássica: os escritores são os engenheiros da alma humana. Os escritores, com seus livros, ajudam a criar uma nova consciência no homem. Quantas pessoas não adquiriram essa consciência nova lendo «A mão», de Gorki e acompanhando a alegria daquele jovem revolucionário de «O espíada», tão puro e tão cheio de fé, em contraste com o primo, um secreta, desgraçado e sujo dos pés à cabeça?

Quando Stálin, ao saudar os operários do plano quinquenal, afirmou que eles eram os grandes e verdadeiros homens de nossa época, os novos heróis, estava indicando aos escritores o caminho da nova criação literária e artística. Esses heróis é que são os personagens do romance, do teatro, da música, da pintura, do cinema e da poesia na União Soviética. E Stálin, para maior força dos novos princípios em arte e literatura, nos deu também o ensinamento de que de todos os capitais o mais precioso é o homem. Assim, os comunistas criam o novo humanismo com que os escritores e artistas mostram a vida e os heróis na sociedade soviética e na luta, aqui fora, pela derrubada da velha sociedade capitalista.

Como engenheiros da alma humana, como portadores do novo humanismo, os escritores comunistas aprendem com Stálin a aplicar o método do realismo socialista na literatura e na arte. O principal na obra literária ou artística é mostrar o novo e o novo está no homem que transforma a vida. Está no homem, nos operários de vanguarda, no povo, o «capital mais precioso», a «reserva de ouro» com que se elaboram as grandes obras artísticas e literárias. Stálin ensinou aos escritores e artistas a ter confiança nas grandes massas, vendo nelas a maior e inesgotável fonte de inspiração e da exaltação do homem. Stálin nos mostra que é nas pessoas simples, na vida do operário, no trabalho, que a arte e a literatura encontram a sua

AS LIÇÕES DE STÁLIN AOS ESCRITORES E ARTISTAS

DALCIDIO JURANDIR

força e o segredo de construir uma nova alma humana.

A «literatura» burguesa, mesmo na sua melhor época, nunca pôde ensinar o homem a lutar contra o sofrimento e a exploração. Sempre fechou ao homem as portas da felicidade. Os personagens da literatura burguesa se eram sadios e fortes, se tinham idéias e queriam lutar, terminavam fracassando, perdidos no inferno da luta pela vida e pelo dinheiro. O dinheiro era a chave do sucesso. Tudo no romance burguês gira em torno do dinheiro. Diante deste, tombam as esperanças, prostra-se o amor, liquida-se a verdade. A moral do capitalista é o princípio que dirige a literatura burguesa. O homem é um pobre ser que não se governa e que, na maioria das vezes, vale mais por suas baixezas que por suas qualidades. A mulher, na literatura burguesa, ou é uma prostituta ou flor de salão ou vampiro ou uma ingenua infeliz. Ou é Manon ou Madame Bovary. Ou é a filha desalmada que expulsa o pai, o velho Gorki, de casa ou é a máquina da hipocrisia, do cálculo, da sedução pura e simples como se vê em Capitu, no «Dom Casmurro». Ou aparece sempre vítima como Eugénia Grandet, irreal como Dulcinea ou absurda e corrompida como as mulheres de Proust, de Joyce, de Somerset Maugham já na decadência da literatura burguesa.

Por que isso? Porque essa literatura é o retrato da vida burguesa dentro da exploração do homem pelo homem, em que a mulher não passa de uma serva quando deixa de ser boneca de salão ou mercadoria humana a preços tabelados.

Na literatura revolucionária, na época do socialismo, os heróis transformam a vida, a mulher conquista o seu lugar na sociedade. No regime soviético, o homem triunfa nas grandes tarefas stalinianas de construção socialista. Sua psicologia é a de um vitorioso, de uma criatura que não gira mais em torno do dinheiro e da exploração. A luta pela vida não é o homem matando ou explorando o outro homem, não é a mulher vendendo-se. É a luta pelo bem de todos, contra a natureza, contra os velhos obstáculos que possam ainda impedir a ampla e harmoniosa expansão da vida livre. A felicidade do homem soviético consiste em ver os seus semelhantes felizes e é por isso que o grande povo soviético quer a paz.

Stálin nos guia na criação da nova literatura. O seu ensinamento sobre a política de quadros aplicada ao trabalho literário, no estudo da realidade e do novo homem, o homem comunista: «Cuidar dos quadros como a reserva de ouro do Partido e do Estado, dar-lhes importância, respeitá-los. Conhecer os quadros, estudar minuciosamente as qualidades e os defeitos de cada um dos militantes, saber em que posto, o dado militante pode desenvolver melhor suas capacidades.»

Aí está todo um método a aplicar na psicologia do romance revolucionário, na descrição da vida dos combatentes, da luta dos comunistas. Quanta lição nessas palavras! E assim Stálin nos mostra o caminho do humanismo socialista. Ensina-nos a conhecer o homem profundamente e, por isso, a exaltá-lo, a ver a sua grandeza.

Stálin e a Revolução Chinesa

DE MAO TSE TUNG SOBRE STALIN

Stálin é o líder da revolução mundial. Trata-se de uma questão de suma importância. É um grande acontecimento o fato da humanidade possuir Stálin. Uma vez que o temos, as coisas podem marchar bem. Como vocês todos sabem, Marx já morreu e também Engels e Lênin. Se Stálin não existisse, quem haveria para nos orientar? Mas desde que o temos, trata-se efetivamente de um acontecimento feliz. Atualmente existe no mundo uma União Soviética, um Partido Comunista e um Stálin. Sendo assim, as questões mundiais podem marchar bem. É nosso dever aplaudir-lo, apoiá-lo e aprender com ele. Devemos aprender com ele em dois sentidos: a sua teoria e a sua obra. No passado, o marxismo-leninismo deu uma direção teórica à revolução mundial. Agora, alguma coisa mais foi acrescentado, isto é, uma ajuda material pôde ser dada à revolução mundial. Este é o grande mérito de Stálin.



PREVISÕES E ENSINAMENTOS DE STALIN SOBRE A CHINA

1 — FORÇAS ILIMITADAS (1925)

As forças do movimento revolucionário na China são ilimitadas. Ainda não se manifestaram devidamente. Mas ainda se manifestarão no futuro. Os governantes do Oriente e do Ocidente que não virem essas forças e não contarem com elas no necessário grau, sofrerão as consequências disso.

2 — DIREÇÃO DO PROLETARIADO (1926)

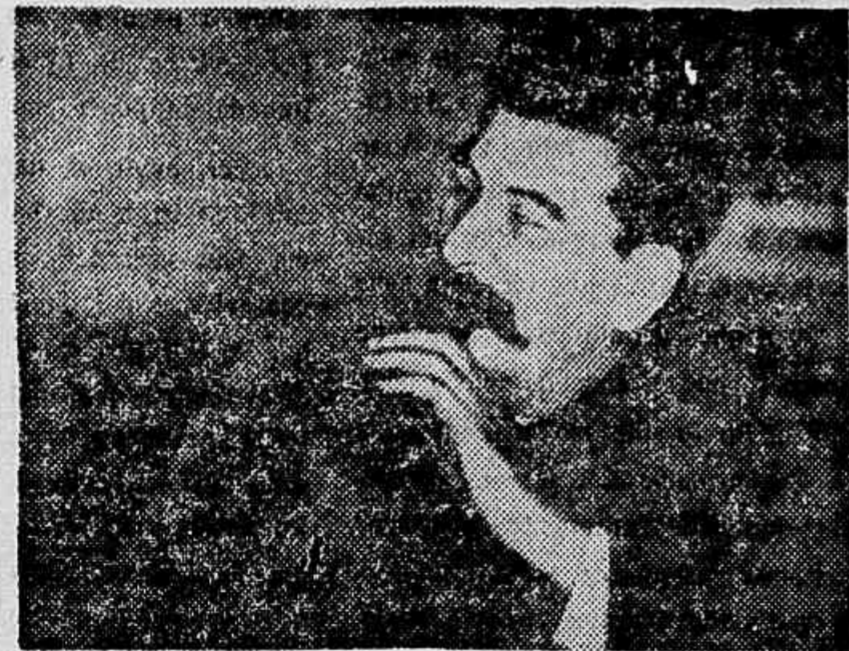
O papel de iniciador e de dirigente da revolução chinesa, o papel de dirigente do campesinato chinês, caberá inevitavelmente ao proletariado chinês e ao seu Partido.

Ao lado da China existe e se desenvolve a União Soviética, cuja experiência revolucionária e ajuda não podem deixar de facilitar as lutas do proletariado chinês contra o imperialismo e contra os restos feudais e medievais na China.

3 — O EXERCÍTO REVOLUCIONÁRIO (1926):

Os exércitos revolucionários da China constituem o fator mais importante de luta dos operários e camponeses chineses pela sua libertação.

Anteriormente nos séculos 18 e 19, as revoluções começavam geralmente com a insurreição do povo, na maior parte desarmado ou mal armado, que se chocava com o exército do velho regime e que ele tratava de desagregar, ou, pelo menos, atrair parcialmente



te para o seu lado. Era a forma típica das explosões revolucionárias no passado. O mesmo ocorreu em nosso país, na Rússia, em 1905. Na China, as coisas se passaram de outro modo. Na China, não é o povo desarmado que se levanta contra as tropas do velho governo, e sim o povo armado, representado pelo seu exército revolucionário. Na China, a revolução armada luta contra a contra-revolução armada. Esta é uma das particularidades e uma das vantagens da revolução chinesa. Nisto consiste a importância especial do exército revolucionário na China.

4 — DEVER DOS COMUNISTAS NO EXERCÍTO REVOLUCIONÁRIO (1926)

Mas disto resulta que os comunistas devem prestar uma atenção especial ao trabalho no exército.

Em primeiro lugar, os comunistas da China devem reforçar por todos os modos o trabalho político no exército e conseguir que o exército se torne o porta-bandeira efetivo e exemplar das idéias da revolução chinesa.

Em segundo lugar, os revolucionários chineses, inclusive os comunistas, devem tomar a peito o estudo da arte militar. Não devem encarar a arte militar como uma questão de segunda categoria, pois ela, na China, é atualmente o fator mais importante da Revolução chinesa. Os revolucionários chineses e, por conseguinte, também os comunistas, devem estudar a arte militar a fim de avançar gradualmente e ocupar no exér-

cito revolucionário os postos dirigentes. Esta é a garantia de que o exército revolucionário na China seguirá pelo caminho justo, diretamente para o objetivo. Sem isto, as hesitações e vacilações no exército podem tornar-se inevitáveis.

5 — CARÁTER DO PODER REVOLUCIONÁRIO NA CHINA (1926)

Penso que o futuro poder revolucionário na China lembrará por seu caráter, o poder sobre o qual se falou em nosso país em 1905, isto é, algo no gênero da ditadura democrática do proletariado e do campesinato, com a diferença, porém, de que será um poder anti-imperialista por excelência.

Será um poder de transição para o desenvolvimento não capitalista, ou, com mais exatidão, socialista da China.

6 — A REVOLUÇÃO E OS CAMPESESES (1926)

Quais os caminhos e atalhos pelos quais devem ir os revolucionários chineses, a fim de levantar os milhões e milhões de camponeses da China para a revolução?

Penso que, nas cogitações atuais, só é possível falar sobre três caminhos.

O primeiro caminho é o da formação dos comitês camponeses e a penetração dos revolucionários chineses nesses comitês para influenciarem o campesinato...

O segundo caminho é exercer influência sobre o campesinato por intermédio do aparelho do novo poder popular revolucionário. Sem dúvida, mas novas províncias libertadas será criar o novo poder, segundo o tipo do poder de Cantão. Sem dúvida, este poder e o aparelho deste poder, se ele quer realmente impulsionar a revolução para a frente, deve tratar de satisfazer as reivindicações mais urgentes do campesinato. E a tarefa dos comunistas e, em geral, dos revolucionários da China, consiste em penetrar no aparelho do novo poder, aproximar esse aparelho das massas camponesas e ajudá-las, por intermédio do mesmo aparelho,

"VOZ OPERÁRIA" HOMENAGEIA PRESTES

O número 84 de VOZ OPERÁRIA será dedicado ao aniversário de Luiz Carlos Prestes que transcorre a 3 de janeiro.



Desejamos assim homenagear o líder querido do proletariado brasileiro, o homem que tem toda sua grande vida de lutas heroicas e incessantes pela libertação da Pátria e pela felicidade do nosso povo.

Mas, para que esta homenagem seja completa todos os patriotas e militantes ativos do movimento operário devem redobrar seus esforços visando aumentar a divulgação do nosso jornal, fazendo com que cada operário, cada camponês, cada jovem conheça a vida e a luta de que Prestes é uma bandeira e cujos episódios marcantes estarão refletidos nas páginas do próximo número de VOZ OPERÁRIA.

Faça desde logo, amigo e agente da VOZ, o seu pedido de aumento da cota de distribuição que lhe cabe. Será esta uma maneira de homenagear Luiz Carlos Prestes.

a satisfazer suas reivindicações essenciais, tomando as propriedades rurais ou diminuindo os impostos e o arrendamento — segundo as circunstâncias.

O terceiro caminho consiste em exercer influência sobre o campesinato por intermédio do exército revolucionário. Já falei sobre a importância importantíssima do exército revolucionário na revolução chinesa. O exército revolucionário da China é a primeira força que penetra nas novas pro-

vincias, e a primeira que penetra nas massas mais compactas do campesinato e, por intermédio delas, antes de tudo, o camponês faz um julgamento sobre o novo poder, sobre suas boas ou más qualidades. Depende, sobretudo, do procedimento do exército revolucionário, de suas relações com o campesinato e com os proprietários rurais, de sua boa vontade em auxiliar os camponeses, a atitude do campesinato em face do novo poder... e em geral da revolução na China.



STALIN e DIMITROV têm seus nomes indissolúvelmente ligados à Libertação do povo chinês. Durante sua gloriosa existência, a Internacional Comunista soube traçar a linha política que dirigiria o proletariado chinês pelo caminho certo. (Na foto, Stálin e Dimitroff, os dois grandes camaradas dirigentes do proletariado, ao saírem de uma reunião da I. C.)

Tiro ao Alvo

EGYDIO SQUEFF

Guerrilheiro de Seul, capricha na pontaria. Talvez hoje não tenhas razão, e tua garganta arde de sede. Mas repara como o céu está limpo, um céu de primavera em plena nevada de tua querida Coréia. O inimigo está fugindo. Vai amanhecer.

Segura firme a tua arma como nunca a seguraste. E capricha na pontaria, guerrilheiro — hoje é o aniversário de Stálin.

Combatente da Maláia, sá da floresta. Os teus companheiros estão festejando, festejando à sua maneira, combatente, com a mira no alvo. Os esportadores de cabeça, da missão civilizadora do Império Britânico, sabem que este é um dia particular. Capricha na pontaria, guerrilheiro — hoje é o aniversário de Stálin.

Guerrilheiros do Viet-Nam e das Filipinas, bravas mulheres da luta clandestina,

dinamitadores, artilheiros pilotos e infantes, marinheiros, no alto mar ou nas planícies, nas emboscadas, na boca das ruas ou da crista das montanhas, firmes na pontaria — Stálin faz anos hoje.

Mas neste momento lembro-me particularmente de vós, homens e mulheres do nosso povo. Lembro-me de ti, trabalhador. E me lembro de Alaíde, que ontem morreu de desespero. Os jornais disseram que Alaíde, de 18 anos, foi despedida. Onde iria dormir? Onde iria comer? Seu namorado a abandonara. Bateu em duas, três casas. Não havia emprego. Então Alaíde subiu a pedra, sessenta metros

de subida, e despenhou-se do alto como um passarinho sem azas.

Pobre Alaíde! As mães, as esposas, as noivas, as mulheres saídas do povo não aceitam o teu gesto, mas o compreendem. E lutam também para elimina-lo da face da terra.

Vê a diferença, Alaíde. No ano passado, quase na mesma data, um grupo de homens também subiu o morro como tú. Mas não iam para morrer, a vida é que os impulsionava. Escalavam o monte com o coração transbordante de alegria. Enfrentaram sorrindo perigos e riscos, por amor à humanidade sofredora de que fazes

parte, por amor dos homens que lutam e esperam. No alto cravaram a sua bandeira, a bandeira dos povos: — STALIN! Lá em baixo a cidade dormia confiante.

Não, Alaíde, não adianta morrer assim. Certa vez passou pelo Brasil uma mulher argentina que nos dizia: — «Vocês são felizes porque têm Prestes». Sim, mas os homens e os povos do mundo inteiro são felizes por terem Stálin. Ele vela pelos mineiros do Chile e pelos camponeses de Porecatú. Vela como um pai. Ele pensa nos párias da Índia e nas esfarrapadas e famintas multidões desta pobre América. Não ha um coração onde ele não chegue, um pensamento que o seu genio não abrigue.

Sob o seu olhar e a sua vigilância, a humanidade confia, espera e luta. Ele é o grande general da vitória.

STÁLIN: A ESPERANÇA De Milhões de Trabalhadores

OS méritos de camarada Stálin aos olhos dos trabalhadores de mundo inteiro, dos povos da União Soviética e, em particular, do povo russo, são imensos. Sua atividade social e política deve ser conhecida das amplas massas, porque ela é o exemplo de uma vida inteiramente consagrada a uma grande ideia.

A simples relação cronológica da atividade prática, exterior, visível, do camarada Stálin, é suficiente para mostrar a imensidade da obra que realizou pelo desenvolvimento revolucionário na Rússia e, em consequência, no mundo inteiro.

Um jovem de 17 anos consagrou sua vida à tarefa de libertar os oprimidos, quebrando as cadeias do capitalismo e todas as formas de opressão. Ele se voltou inteiramente a essa tarefa. Toda sua vida foi comandada por esta ideia, e somente por esta ideia.

Os ambiciosos subestimam, às vezes, o trabalho rotineiro, consideram que este trabalho rotineiro e, principalmente, o trabalho técnico, os tolhe, enterra seu desenvolvimento, reduz seu horizonte. A atividade social do camarada Stálin é uma ilustração viva do fato que, quando está impregnado de uma grande ideia, o trabalho mais simples torna-se uma grande obra política.

Ao abandonar o seminário, ao romper todas as ligações com a legalidade e com sua família, ao entrar na clandestinidade, perseguia os camaradas Stálin fins pessoais, procurava ele um trabalho que contribuísse unicamente para a ampliação de seu próprio horizonte? (tais «revolucionários» renunciavam rapidamente à clandestinidade, que não lhes satisfazia pelo trabalho «pesado» que comportava). Não, a tarefa que o camarada Stálin se fixava era a de se tornar o mais útil possível ao movimento revolucionário operário.

Todo trabalho que ajudava a este movimento, era precioso a seus olhos e, por isso mesmo, de alto nível ideológico. Por isso, vemos o camarada Stálin praticar todas as formas de trabalho revolucionário. É o organizador de círculos clandestinos, desperta a energia revolucionária dos operários e os orienta para a vida revolucionária em comum. Redige folhetos que ele mesmo imprime e distribui. Dirige greves, marcha à frente dos manifestantes, expõe-se aos maiores perigos como dirigente. Escreve artigos de fundo concitando a que se edifique um partido revolucionário operário, artigos que denunciam e fustigam o oportunismo sob todas as suas formas e em todas as suas manifestações.

Assim, durante toda a sua vida, passando por prisões e deportações, enviado pelo Partido de cidade em cidade, em toda a parte em que o Partido tinha particular necessidade de militantes de um devotamento a toda prova, e camarada Stálin cria, constrói, educa, com Lenin, o nosso Partido. Com Lenin, dirigiu o Partido, o movimento revolucionário e a insurreição armada durante as jornadas de Outubro.

A afecção do camarada Stálin por Lenin é inimitável, esta afecção decorre organi-

camente de sua comunidade de fins e de aspirações. Para ele, a autoridade de Lenin é indiscutível.

Se é permitido evocar uma analogia histórica, a relação do camarada Stálin para Lenin lembra a de Lenin para Marx, com a única diferença de que o camarada Stálin trabalhou durante longos anos em contacto direto com Lenin.

M. KALININ

Trecho de um artigo escrito há dez anos por Mikhail Kalinin (1875-1946), que era então

presidente do Presidium do Soviet Supremo, por ocasião do 60.º aniversário de J. Stálin.

O camarada Stálin estudou profundamente Lenin, conheceu, à perfeição, não somente todas as suas obras

mas ainda as razões do aparecimento de cada uma delas. E' fora de dúvida que Stálin teve uma grande in-

fluência sobre Lenin.

Lutando tenazmente, depois da morte de Lenin, contra os inimigos do Partido e do leninismo, o camarada Stálin soube manter a integridade do Partido e alicear suas fileiras na base do marxismo-leninismo. Ele sustenta bem alto a bandeira de Lenin, que chamamos justamente a bandeira de Lenin e Stálin. E' sob esta

bandeira que o povo soviético edifica o comunismo.

Pensa-se involuntariamente nas palavras de Herodoto descrevendo os homens de 14 de dezembro de 1825 (1), como uma falange de heróis, como «gigantes forjados de puro aço, da cabeça aos pés...» O camarada Stálin é desses homens.

Os trabalhos teóricos do camarada Stálin constituem uma contribuição considerável ao tesouro do marxismo-leninismo, e seu estudo abre amplas perspectivas. Lembremos somente as conferências do camarada Stálin conhecidas sob o título «Os princípios do leninismo». É uma obra única na literatura marxista-leninista, por sua concisão, sua clareza, sua unidade e sua profundidade. Compreende-se que esta obra seja o livro de cabeceira de milhões de homens.

A doutrina do camarada Stálin sobre o Estado da ditadura proletária, sobre seu papel como poderoso instrumento nas mãos da classe operária na edificação da sociedade comunista, constitui um grande progresso para a teoria marxista-leninista.

A questão nacional é uma parte muito importante da teoria marxista-leninista da ditadura proletária e da revolução socialista. A teoria bolchevique sobre a questão nacional foi elaborada por Lenin e Stálin muito antes de Outubro. Em janeiro de 1913, o camarada Stálin redigiu a célebre brochura «O marxismo e a questão nacional», que forneceu o fundamento clássico da teoria bolchevique sobre a questão nacional e a palavra de ordem bolchevique sobre o direito das nações de dispor delas mesmas. Estes princípios permanecem até o presente como os princípios diretores da política nacional do nosso Partido.

Foi por iniciativa e com a participação mais direta do camarada Stálin que foi redigida a «História do P.C. (b) da U.R.S.S.». O grande valor desta obra teórica para o desenvolvimento do pensamento marxista é evidente para todos aqueles que se esforçam por compreender e assimilar o marxismo-leninismo.

O camarada Stálin domina à perfeição o método do marxismo-leninismo, que defendeu e elaborou na luta contra numerosos inimigos, que concretizou e desenvolveu na base da rica experiência da edificação do socialismo dentro do cerco capitalista, na luta pela passagem ao comunismo.

Durante mais de cinquenta anos, o camarada Stálin combate incessantemente pela causa do proletariado. Com Lenin, abriu uma brecha na frente capitalista e criou o Estado da ditadura do proletariado. Desde 1924, ele está à frente do Partido Comunista e do povo soviético. É a esperança, a estrela — guia de milhões de trabalhadores do mundo. Quando o povo diz, com amor e respeito, «Lenin-Stálin», exprime a unidade de seus grandes pensamentos.

A humanidade possui em sua história grandes homens de gênio, mas Lenin e Stálin não têm igual. Não

(Conclui na 10ª pag.)



Um dos feitos com que o povo brasileiro homenageou o 70.º aniversário de Stálin, foi a escalada heróica do Pico dos Dois Irmãos. Ali ficará por muito tempo gravado o nome do Campeão da Paz e da Independência dos Povos. Ação histórica que conquistou repercussão mundial, a «Gazeta Literária» de Moscou chamou-a de «exemplo de vontade ferrea na luta pela paz». No 71.º aniversário de Stálin, outras iniciativas da mesma envergadura devem ser tomadas pela classe operária e o povo brasileiro que vêm no grande Stálin o Chefe dos Povos.

OPERAÁRIA NÚMERO ESPECIAL
DO 71.º ANIVERSÁRIO DE STÁLIN
RIO, 21 DE DEZEMBRO DE 1950 (2.ª Secção)
Esta secção não pode ser vendida separadamente

COMO AS GRANDES MASSAS DO BRASIL CELEBRAM O ANIVERSARIO DE STÁLIN

Reportagem de MAURICIO VINHAS DE QUEIROZ

NENHUM homem recebeu em todo o mundo tantas e tão grandes homenagens espontâneas como Stálin ao completar 70 anos. Isto porque ele é autenticamente um homem de urdidura especial, o maior dos comunistas, o chefe do primeiro Estado de operários e camponeses, o dirigente de todos os povos oprimidos em luta pela sua libertação, o mais alto baluarte da paz. As comemorações do septuagésimo aniversário de Stálin foram, acima de tudo, uma poderosa manifestação de internacionalismo. Era, como descreveu nosso grande irracionalista, uma avalanche de emoção, sincera e pura, de proporções jamais vistas, que não conheceu fronteiras nem distâncias de raças ou idiomas, que une a todos os corações generosos por cima de todos os opressores, que liga todos os operários apesar de todas as proibições, que atravessa os muros das prisões capitalistas, entra nos quartéis onde atinge o coração dos soldados, e vai penetrar nos mais distantes latifúndios semi-feudais e escravagistas em cujo recesso ecoa como alvorada de um mundo feliz nos corações doloridos de milhões de camponeses.

ALVISCADA

A 21 de dezembro de 1949, mal o sol vinha nascendo, foguetes riscaram os céus das cidades brasileiras, ouviam-se nos bairros estampidos festivos, trechos de música, exclamações, sorrisos. A terrorista ditadura de Dutra mostrava-se impotente para sufocar a profunda alegria do povo. Por toda a parte haviam se realizado, durante a noite, festas em que se reuniam em casa de um conhecido dezenas de patriotas para comemorar a grande data. Quando o dia clareou, de Manaus a Porto Alegre, de Recife a Corumbá, podiam-se ver nas ruas inscrições de saudação a Stálin, e bandeirinhas. Em muitas portas de fábricas, colava-se com letras douradas o nome de Stálin, e muitos operários, antes de en-

trar para as oficinas reuniam-se e soltavam balões.

O MORRO STÁLIN

O Pico dos Dois Irmãos é uma bruta pedra nua, que se levanta quase vertical centenas de metros acima do nível do mar, nos arredores do Rio. Extraordinária jancha de alpinistas anônimos, apareceu bem lá no alto uma enorme inscrição: STÁLIN. Os operários das Javelas do Pinto e do Canigalo, do Parque Proletário da Gávea, ao se levantarem para o serviço deram com os olhos risonhos naquela palavra mágica. Mais tarde, nas ruas elegantes de Ipanema, Leblon e Lagoa formaram-se grupos de pessoas que olhavam para cima e comentavam o fato. Alguns grunhidos mostravam-se irritados e assustados. Era geral a admiração.

Durante uma semana a polícia, os Bombeiros, a Prefeitura e até o Exército se mobilizaram para apagar a inscrição. Esta tinha uns quarenta metros de um extremo ao outro; cada letra, dez metros de altura. Imagina agora o esforço dos que no escuro de noite galgaram a montanha e, seguros nas anfractuosidades da rocha, dependurados em longas cordas, realizaram a proeza.

Todos os jornais diariamente publicavam fotografias, descreviam as providências do governo, discutiam o caso. Dos mais longínquos subúrbios vinha gente para ver com seus próprios olhos a palavra. E esta não conseguiu ser apagada. Ainda está ali até hoje, desafiando os ventos, as chuvas e a sanha impotente da ditadura. O Pico dos Dois Irmãos é agora o «morro Stálin».

O feito deu a volta ao mundo. A «Gazeta Literária» de Moscou publicou em sua primeira página uma notícia ilustrada.

MENSAGENS

Enviaram mensagens a Stálin, por ocasião de seu 70º aniversário, os dirigentes comunistas brasileiros, os líderes sindicais, os escritores e

artistas de maior expressão, como um Graciliano Ramos, um Pancetti, um Oduvaldo Vianna, Poetas como Aydano, Rossini, Zora, Osvaldino, Medaunar, Carrera Guerra, Nair Batista, Ana Montenegro, fizeram versos. Telegramas e cartas foram escritas em todo o Brasil.

«Deus que reproduza esta data por muitos anos. Seu nome, Stálin, é a esperança da classe operária e de um mundo melhor para nossos filhos», disseram as exploradas tecelãs da Fábrica Concórdia, na Bahia. Uma jovem camponesa do interior de São Paulo, Romilda Silva Costa, louvava Stálin porque este «sempre lutou pelos pobres sofredores, inclusive por mim que vivo aqui no campo, com meus pais».

OS PRESENTES

Como os povos de todos os países, o povo brasileiro também enviou inúmeros e valiosos presentes a Stálin. Luiz Carlos Prestes e seus companheiros da direção do glorioso Partido Comunista mandaram um aparelho de café, com chicaras embutidas em peças de madeira de lei e colheres fabricadas com prata de moedas antigas brasileiras. Velhos militantes do movimento operário escolheram uma pasta de couro de jacaré. Os dirigentes comunistas gaúchos ofertaram um jogo completo de chimarrão com ornamentos em prata. Os jornalistas populares, uma caixa de jacarandá para fumo. Os dirigentes comunistas do Ceará enviaram uma jaqueta em miniatra, de madeira e metal. Pintores paulistas e cariocas deram quadros representando aspectos da vida brasileira. Os trabalhadores baianos, arreios típicos do sertão. Camponezes de São Paulo, um saco

de café escolhido. Democratas de Goiás, flechas e instrumentos dos índios. Os trabalhadores do rádio do Rio, uma coleção de discos de música popular brasileira. Os presos políticos do Rio, uma espátula de agata. Os trabalhadores pernambucanos, figuras de cerâmica popular do Nordeste. O povo de Uberlândia, uma canoa feita de chifre e ricamente trabalhada em prata. Crianças brasileiras, uma coleção de borboletas. Trabalhadores do Brasil Central, uma rede de fibras de palmeira buriti, tecida pelos índios camaturá, remanescentes tupis. Os trabalhadores de Volta Redonda, uma estatueta de bronze.

E esta é uma relação incompleta dos valiosos presentes enviados a Stálin.

A MEDALHA DE GUERRA

Gesto impressionante e significativo foi a do marinheiro Orlando Alves Lima, que pegou da medalha que havia ganhado por serviços de guerra e ofereceu-a a Stálin. Na mensagem que mandou junto, friz que tal presente encerrava «a lembrança e a recordação dos dias em que, como aliados, soviéticos e brasileiros e outros povos do mundo lutaram contra o nazi-fascismo». E o homem do mar continua: «E hoje estou compreendendo melhor as coisas, e me sinto cada vez mais honrado de ter participado na luta da qual tu eras o comandante...»

«A enviar-te este presente — conclui, — uma condecoração de guerra, participo-te que estou convencido da justiça das tuas mensagens de paz e de que a paz só será efetivamente garantida se provocarmos a derrocada dos governos que estão a serviço dos provocadores de guerra, os imperialistas tanques.»

CARTA DO SABIO MICHURIN AO CAMARADA STÁLIN

IVAN MICHURIN, o criador da biologia soviética, que hoje desenvolvida pelo seu continuador Lyssenko, revoluciona a ciência agrônômica da URSS dirigida em 1934 a seguinte carta a Josef Stálin

Caro camarada Josef Vassarionóvitch

O poder soviético transformou a pequena sementelra onde eu comeci, há sessenta anos, uma miserável nésga de terra, e criou novas variedades de plantas frutíferas e de bagas, de novos organismos vegetais, num vasto centro de culturas frutíferas industriais, de culturas científicas, um centro à altura da URSS, que conta milhares de hectares de jardim, magníficos laboratórios e gabinetes de trabalho, e onde se encontram dezenas de colaboradores científicos altamente qualificados.

O poder soviético e o Partido que dirigiu também fizeram de mim, pesquisador solitário que a ciência oficial e os funcionários do Departamento de Agricultura czarista não conheciam e ridicularizavam, um dirigente, um organizador de experiências com centenas de milhares de plantas.

O Partido Comunista e a classe operária me deram tudo o que eu necessitava, tudo o que um experimentador pode sonhar para seu trabalho. A aspiração de toda a minha vida está prestes a realizar-se; as novas variedades de preciosas plantas frutíferas criadas por mim passam dos terrenos de ensaios, não mais entre os ricos kulaks, mas nos vergéis dos kolkozos e dos sovkozos, onde substituem as velhas variedades de qualidade inferior e de fraco rendimento. O governo soviético, que deu à cidade de Kozlov o nome de Michurinski, me concedeu o que todo cidadão de nossa pátria não pode deixar de considerar como a mais alta das recompensas: distinguiu-me com a Ordem de Lênin, editou luxuosamente minhas obras.

Caro Josef Vassarionóvitch, eu já tenho 80 anos, mas a energia criadora que transborda em milhões de operários e camponeses da União Soviética, dá também ao velho que eu sou a sede de viver e trabalhar sob a vossa direção para o bem da edificação socialista de nosso Estado proletário.

I. MICHURIN



I. MICHURIN

35 Por Cento da População Assinaram o Apêlo de Estocolmo

Contribuição do Proletariado

Juvenil, com 10.500. As crianças conseguiram 4.300 assinaturas. Além dessas, outras organizações-esportivas, religiosas, casas comerciais, pequenas indústrias e bairros produziram 22.037 assinaturas pela interdição da bomba atômica.

Ritmo de Coleta

Quanto ao ritmo de coleta de assinaturas, foi assinalado o recorde no mês de setembro, quando a campanha do Apêlo de Estocolmo coincidiu com a campanha eleitoral. Nesse mês foram recolhidas 23 mil assinaturas, enquanto os outros meses assinalam os seguintes resultados: Maio, 3.230; Junho, 2.634; Julho, 3.745; agosto, 6.864; outubro, 10.622; novembro (até o dia 22), 9.886.

Isto mostra que quando há mais audácia em atingir as grandes massas, infalivelmente, os resultados se multiplicam.

Mauá 200. Nestas empresas trabalham 14 mil operários e foram coletadas 5.025 assinaturas. Isto é 35% do total de operários.

Esta cifra não foi mais alta, em parte, devido a debilidades do trabalho de coleta, mas em parte devido a perseguições policiais, demissão de operários e obstáculos à penetração dos coletores de assinaturas nas empresas. Algumas dessas dificuldades foram vencidas pelos comandos nas portas de fábricas e nas vilas e bairros operários. Nas vilas e bairros 90 por cento das famílias operárias assinaram o Apêlo de Estocolmo.

Finalmente, deve-se assinalar como uma vitória da Campanha o fato de cerca de 35 por cento da população dos três municípios terem assinado o Apêlo de Estocolmo, pois tanto representam as 60 e tantas mil firmas para a população calculada de 200.000 habitantes dos municípios citados.

(N. da R. — Os dados para esta reportagem foram tirados de uma correspondência enviada à nossa Redação pelo partidário da paz Henrique de Silva, de Eto. André)

A Emulação na Literatura

«Por que se levam tantas vezes à cena as peças de Bulgakov?»

Sem dúvida porque nos faltam peças NOSSAS. bôas para ser representadas. Em reino de cegos, mesmo Bulgakov, com sua peça «Os dias de Turbine», é rei. Com dúvida é muito fácil «fazer críticas» e exigir a interdição da literatura não proletária. Mas não se pode considerar que o mais fácil seja o melhor. Não se trata de proibir, mas de eliminar, passo a passo do teatro a velha e a nova escamoteação não-proletária, pela emulação, pela criação de peças verdadeiramente interessantes, artísticas e de caráter soviético. Quanto à emulação, é alguma coisa de grande e séria, pois não é senão num ambiente de emulação que poderá se constituir e cristalizar nossa literatura proletária.

(Trecho de uma carta de Stálin a Bill-Bi- lotserkovski, autor dramático de origem proletária, sobre a questão da formação da literatura soviética. Esta carta foi escrita em 1926).

A COTA de assinaturas do Apêlo de Estocolmo para os Municípios de Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo, foi de 45 mil assinaturas.

Essa foi coberta em 8 de outubro, quando estavam recolhidas 45.144 assinaturas. Foi então traçada novo plano, tendo por objetivo passar a 60 mil firmas. O entusiasmo pela vitória conquistada e o fato dos ativistas da campanha já terem entrado em contacto com as massas decidiram a cobertura desse total: a 22 de novembro eram conseguidas 60.033 assinaturas contra a bomba atômica. Decidiu-se, em seguida, alcançar as 70 mil até o fim de novembro, resultado que ainda não foi computado.

A coleta de assinaturas pelos três municípios foi feita na seguinte proporção: Santo André — 37.333; São Caetano do Sul — 21.200; São Bernardo do Campo — 1.500.

As mulheres na Vanguarda

Na campanha de assinaturas, nestes três Municípios, as ativistas femininas se destacaram, dando, até agora, o primeiro lugar para a União Feminina, com 12.300 assinaturas. Em segundo lugar vem a União dos Trabalhadores com 10.534 assinaturas, seguindo-se o Departamento



Stálin. Amigo do Povo Chinês

MAO TZE TUNG

NOTA DA REDAÇÃO: — Este artigo foi escrito pelo presidente Mao, há anos, no Yenan. Além de seu valor histórico como um documento importante na história da amizade sino-soviética, reproduzimo-lo aqui para lembrar ao mundo que não é recente a grande amizade dessas duas grandes

nações. Embora escrita há dez anos, essa mensagem manifesta o mesmo amor e respeito pelo dirigente dos trabalhadores de todo o mundo que o povo chinês hoje está expressando. Esta amizade foi provada pelo tempo e pelas crises e tormentas internacionais — e suportou bem a prova

Viva a Fraternidade Internacional

NOTA DA REDAÇÃO — Em fevereiro de 1905, o governo czarista provocou sangrentos incidentes entre os tartaros e os armênios de Bakú. O Comitê de Tiflis (hoje Tbilissi) do Partido operário social-democrata difundiu, a 13 de fevereiro, o seguinte Manifesto, redigido por Stálin

CIDADÃOS! O movimento revolucionário do proletariado se desenvolve e as barreiras nacionais, esboroam! Os proletários das nacionalidades da Rússia unem-se num só exército internacional, os diversos rios do movimento proletário fundem-se numa só torrente revolucionária. As vagas desta corrente sobem; elas castigam com força acrescida, o trono do czar e o governo czarista deceptivo vacila. Nem a prisão, nem as galés, nem a força, nada detem o movimento revolucionário: ele não deixa de crescer.

Eis que agora o governo czarista inventa «novo» meio de consolidar seu trono. Ele semeia a discórdia entre as nacionalidades da Rússia, excita uma contra as outras. Esforça-se para fracionar o movimento geral do proletariado em movimentos minúsculos e joga-os uns contra os outros, organiza «pogrons» de judeus, de Armênios, etc. Tudo isso para dividir as nacionalidades da Rússia por meio de uma guerra fratricida e para derrotá-las, isoladamente e sem esforço, após tê-las reduzido à impotência.

DIVIDIR PARA REINAR, tal é a política do governo czarista. E' assim que ele age nas cidades da Rússia (lembrai-vos dos «pogrons» de Gomel, de Kichinev e de outras cidades) e é isto o que repete agora no Caucaso. O covarde! E' com o sangue e o cadáver dos cida-

dãos que procura consolidar seu trono odioso! Os estertores dos Armênios e dos Tartaros que agonizam em Bakú; as lágrimas das esposas, das mães e das crianças; o sangue, este sangue inocente de cidadãos honestos, mas inocentes; os rostos terrificados de homens indefesos fugindo à morte; as casas destruídas, os armazéns pilhados, e o silvar terrível e incessante das balas, eis de que modo o czar, assassino de cidadãos honestos consolida seu trono.

Sim, cidadãos! São eles, são os agentes do governo czarista que lançaram Tartaros inocentes contra os pacíficos Armênios! São eles, os lacaios do governo czarista, que lhes deram armas e munições, que vestiram de Tartaros a policiais e cossacos e lançaram-nos contra os Armênios! Durante dois meses, os serviços do Tzar prepararam esta guerra fratricida, e ei-los agora atingindo seus bárbaros objetivos. Maldição e morte ao governo czarista!

Agora, estes miseráveis escravos de um czar miserável esforçam-se, também entre nós, em Tiflis, para desencadear uma guerra fratricida. Eles querem vosso sangue, eles vos querem dividir a fim de dominar-vos! Sede vigilantes, Armênios, Tartaros, Georgianos, Russos! Sê tendei-vos as mãos, servi vossas fileiras e dai às tentativas divisionistas do governo esta resposta unânime: Abaixo o governo czarista, o único responsável pelos assassinatos de Bakú!

Que vossas palavras de ordem sejam:
ABAIXO A DISCORDIA ENTRE AS NAÇÕES!
ABAIXO, O GOVERNO TzarISTA!
VIVA A FRATERNIDADE DOS POVOS!
VIVA A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA!

O SEXAGESIMO aniversário do camarada Stálin é a 21 de dezembro deste ano. Pode-se afirmar com segurança que pelo mundo afóra toam os revolucionários que têm conhecimento disso comemoram esse acontecimento com calor e entusiasmo.

Comemorar o aniversário de Stálin não significa realizar um ato solene. Significa homenageá-lo e a seu trabalho; homenagear a vitória do Socialismo; homenagear a direção que ele apontou para a humanidade; e homenagear nosso melhor amigo. Isto porque a maioria da humanidade atravessa dificuldades e somente com a orientação de Stálin, com a ajuda de Stálin, podemos conseguir um alívio para nossos sofrimentos.

Nós, o povo da China, vivemos num período histórico doloroso em que estamos muito necessitados de ajuda.

NO LIVRO DE ODES está escrito: «Quando os pássaros arrulham, estão procurando amizade». E' exatamente nesta condição que estamos.

Mas, quem são nossos amigos?

Alguns pretensos «amigos» posam de amigos nossos, e há entre nós quem os aceite como tal, sem muita meditação. Mas esses amigos são do tipo de Li Lin-fu, o primeiro ministro da dinastia Tang, que era conhecido como um homem que tinha a boca doce como o mel, e o coração mdu como uma espada. Esses nossos «amigos» são exatamente do mesmo tipo. Quem são eles? São um setor dos imperialistas, que manobram para serem simpáticos à China.

Há outros tipos de amigos cuja simpatia por nós é verdadeira e que nos tratam como irmãos. Quem são eles? O povo da União Soviética, juntamente com Stálin.

Nenhum país estrangeiro, exceto a União Soviética, abriu mão de suas prerrogativas na China.

Durante a Expedição do Norte, de 1927, os imperialistas eram todos contra nós. Só a União Soviética nos ajudou. Desde o começo da guerra de resistência contra o Japão, nenhuma nação imperialista nos ajudou sinceramente. Só a União Soviética nos tem ajudado com homens, materiais e fundos.

Isto não está claro?



Um verdadeiro auxílio para a libertação da China e para o povo chinês só pode provir do país socialista, do dirigente socialista, do povo socialista; dos pensadores, estadistas e trabalhadores socialistas. Sem

sua ajuda, não podemos levar nossa luta à vitória final, Stálin é o amigo fiel da luta de libertação do povo chinês. O amor e o respeito que o povo chinês nutrem por Stálin e sua

amizade pela União Soviética são inteiramente sinceros. Quaisquer tentativas de nos afastar por meio de boatos ou de calúnias terminarão fracassando.

STÁLIN E O COMPENDIO DE "HISTORIA DO PARTIDO COMUNISTA (b) DA URSS"

Em 1937, o camarada Stálin dirigiu a seguinte carta à Comissão encarregada de redigir a «História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS»:

Na minha opinião, os manuais de história do Partido Comunista da URSS são pouco satisfatórios por três motivos principais. Pouco satisfatórios porque expõem a história do Partido Comunista da URSS sem a relacionar com a história do país; ou porque caem na narração, numa simples descrição dos acontecimentos e fatos da luta das correntes políticas sem dar a explicação marxista necessária; ou porque são errôneos em seus planos, errôneos em seu agrupamento dos acontecimentos em períodos.

Para evitar estes erros, os autores devem levar em conta as considerações seguintes:

Em primeiro lugar, é necessário preceder cada capítulo (ou parte) do manual de uma breve notícia histórica sobre a situação econômica e política do país. Sendo, a história do Partido Comunista da URSS terá o aspecto não de uma história mas de uma narrativa su-

perficial e incompreensível das coisas do passado.

Em segundo lugar, é preciso não somente expor os fatos que mostram a abundância de correntes e frações no seio do partido e da classe operária no período do capitalismo na URSS, mas também dar explicação marxista desses fatos, mostrando: a) a presença, na Rússia de antes da Revolução, tanto de classes novas, modernas do ponto de vista do capitalismo, como de classes antigas, pre-capitalistas; b) o caráter pequeno-burguês do país; c) a composição heterogênea da classe operária. E' necessário mostrar estas coisas como condições que favoreciam a existência de uma multidão de correntes e frações no partido e na classe operária. Do contrário, a abundância de frações e correntes será incompreensível.

Em terceiro lugar, é preciso não somente

expôr num tom de simples narração os fatos da luta encarniçada das correntes e frações, mas também dar explicação marxista desses fatos, indicando que a luta dos bolcheviques contra as frações e as correntes anti-bolcheviques era uma luta de princípios pelo leninismo; que, nas condições do capitalismo e, de uma maneira geral, nas condições de existência de classes antagônicas, as contradições e divergências internas do partido são coisa inevitável; que não se podem desenvolver e consolidar os partidos proletários, nas condições indicadas, sendo vencendo essas contradições; que sem uma luta de princípios contra as correntes e grupos anti-leninistas, sem os vencer, nosso partido teria inevitavelmente degenerado, como degeneraram os partidos social-

democratas da II Internacional, que não aceitavam esta luta. Seria oportuno analisar uma carta muito conhecida de Engels e Bernstein (1882), que citei no primeiro capítulo de meu informe à VII sessão plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista (O DESVIO SOCIAL-DEMOCRATA NO PARTIDO COMUNISTA DA URSS) e meus comentários a respeito. Sem estas explicações, a luta de frações e correntes na história do Partido Comunista da URSS surgirá como uma série de incompreensíveis disputas e os bolcheviques como incorrigíveis e enfadonhos questionadores e disputantes.

E' preciso, finalmente, dar ordem, na divisão por períodos, dos acontecimentos da história do Partido Comunista da URSS.

AÇÃO em defesa da PAZ

A Causa da Paz Vence Uma Batalha

MARIO SCHEMBERG

A DECISÃO dos partidários da Paz triunfou sobre a torpe sabotagem do governo de Mr. Attlee. Em tres dias milhares de representantes dos partidários da paz de todo o mundo se concentraram em Varsóvia para realizar este extraordinário II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Mr. Attlee julgou poder impedir o Congresso, fechando à ultima hora as portas da Inglaterra aos partidários da paz. Quis também encerrar ao povo pacífico do seu país a pujança do movimento mundial contra a guerra fracassou redondamente em ambas as suas objctivas.

A Polónia martyr, que se libera e nascimento da paz em Wroclaw há pouco mais de dois anos, tornou a desempenhar a sua magnifica hospitalidade aos homens e mulheres de 80 países que queriam confrontar os seus pontos de vista e encontrar os melhores meios para livrar a humanidade de uma nova hecatombe. O entusiasmo inquebrável do povo de Varsóvia ressurte nos seus cumprimentos melhor do que nunca, a importância da causa sagrada que nos trouxe de todas as partes do mundo.

Em Wroclaw havia apenas algumas centenas de intelectuais, muitos ainda duvidosos da necessidade de iniciar o combate contra os fomentadores de guerra. Alguns meses depois, no I Congresso Mundial dos Partidários da Paz de Paris, compareceu o movimento, sem par na historia, de luta organizada dos povos contra a guerra. Em meados de 1949 ainda eram os homens de boa vontade que não acreditavam na iminencia do perigo de guerra, apesar de já existir o monstruoso Pacto de Atlantico. Em novembro de 1950 ninguém podia mais ter qualquer duvida sobre o perigo, depois da invasão da Coreia e da China pelas forças yanques, fomentadas do Exército das Nações Unidas. Enquanto as representantas dos povos se dirigiam para Varsóvia, Mac Arthur lançava suas hordas assassinas contra as fronteiras da Manchuria e da Sibéria: O clamor das mulheres, crianças e homens massacrados pelas super-fortalezas de Truman e Mac Arthur ecoava nos corações de toda a humanidade, atônita ante a reedição dos crimes nazistas de Rotterdam, Coventry e Varsóvia.

O II Congresso Mundial dos Partidários da Paz reuniu-se após o sucesso incomparavel do Apelo de Estocolmo, assinado por mais de quinhentos milhões de homens e mulheres, a metade da população adulta do globo. Não resta a menor duvida que se deve ao Apelo de Estocolmo o não emprego da bomba atomica contra a Coreia e a China até o momento atual. Cabia ao II Congresso ampliar a luta iniciada com o Apelo de Estocolmo, exigindo a

proibição de todas as armas de destruição coletiva, atomicas, bacteriologicas, radiativas, quimicas e de qualquer outra natureza e a condenação como criminoso de guerra de governo que as empregasse primeiro. Não se limitaram, porém, as armas de destruição em massa os congressistas de Varsóvia. Definiram de maneira inequivoca o objetivo final dos partidários da paz como sendo o desarmamento geral e completo. Assim ficou nitidamente caracterizada a oposição entre o objetivo dos partidários da paz e o dos fomentadores de guerra, que, hipocritamente, preconizam a paz armada e a criação de situações de guerra. Sabiam todos os pensos honrosos que a corrida aos armamentos sempre conduzia à guerra e nunca à paz pelo equilibrio de forças, como apregoam os imperialistas anglo-americanos.

Nas condições atuais seria utópico exigir imediatamente o desarmamento geral e completo. Esse objetivo só poderá ser atingido por etapas sucessivas. O II Congresso exigiu que a primeira etapa consistisse na proibição imediata e total de todas as armas de destruição em massa e na redução de todas as demais armas e das forças de terra, mar e ar numa proporção de um terço à metade, nos anos de 1951 e 1952. Assim seria posto um termo à corrida aos armamentos e os argumentos de todos os governos ficariam consideravelmente aliviados, tornando possível uma melhoria apreciavel das condições de vida dos povos esmagados pelas despesas militares. A redução das armas e forças armadas seria efetuada simultaneamente e na mesma proporção por todos os países, de modo e que nenhum se pudesse considerar prejudicado.

A proibição de todas as armas de destruição em massa e o controle da redução de todas as demais armas e forças armadas só poderiam ser asseguradas por uma Comissão Internacional de Controle, disposta de inspetores qualificados e autorizados a verificar, sempre que necessário, se as informações transmitidas pelos governos eram veridicas. O II Congresso exigiu que as atas a qualquer momento e inspeções pudessem ser feitas apenas em relação às armas, forças armadas ou fábricas de armas declaradas pelos governos, como também em relação as que fossem supostas pela Comissão Internacional de Controle e não declaradas pelos governos. O II Congresso exigiu que a Comissão Internacional de Controle funcionasse junto ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. A existencia de uma Comissão Internacional de Controle com poderes tão amplos representaria o fim de todos os segredos militares e criaria imediatamente uma atmosfera de confiança

internacional. O II Congresso Mundial dos Partidários da Paz reconheceu a existencia de três perigosos focos de guerra: 1) O conflito coreano, agravado pela presença de tropas estrangeiras. 2) A intervenção das forças armadas dos Estados Unidos na ilha chinesa de Formosa. 3) A guerra movida pelo governo da França contra a Republica do Viet-Nam.

O II Congresso exigiu a retirada da Coreia das forças armadas estrangeiras e a cessação da intervenção americana em Formosa e da guerra contra o Viet-Nam. Para a solução pacifica do conflito entre as duas partes da Coreia o II Congresso exigiu que o caso fosse entregue ao Conselho de Segurança completo, incluindo os representantes do governo da Republica Popular Chinesa, e com a participação de representantes da Coreia do Sul e da Coreia do Norte.

Em Varsóvia os representantes dos povos exprimiram a profunda inquietação que reina em todo o mundo, ante as tentativas de rearmamento da Alemanha e do Japão, em violação flagrante dos acordos internacionais. O II Congresso condenou veementemente essas tentativas, que constituem uma das maiores ameaças à paz mundial, e exigiu a conclusão de tratados de paz com uma Alemanha unida e com o Japão, desmilitarizado, assim como a retirada de todas as tropas de ocupação desses países.

Uma das resoluções mais importantes do II Congresso foi o reconhecimento de que o colonialismo se transformou a ameaça continua à causa da paz, em virtude das violências desencadeadas para manter os povos coloniais em estado de dependência.

Os representantes dos partidários da paz reunidos em Varsóvia julgaram-se mo

stramente obrigados a proclamar o direito dos povos coloniais à liberdade e à independência. Com isso o II Congresso demonstrou que a luta pela Paz é também a luta pela liberdade e a independência de todos os povos. O II Congresso adotou sua resolução contra a opressão colonial, condenando de todas as formas de discriminação racial, que constituem fonte e odio entre as nações e como modo comprometem a paz.

Concluindo os seus trabalhos, o II Congresso criou o Conselho Mundial da Paz. O Conselho Mundial da Paz é um organismo representativo de todos os povos do mundo, formado no âmbito da ONU, aceita na ONU ou de sua exclusão, independentemente da colonização. O Conselho Mundial da Paz não pretende substituir a ONU, organismo das Nações, e propõe para que a ONU cesse efetivamente a existir para a qual foi criada e satisfazer as grandes esperanças que os povos nela depositaram e, infelizmente, ainda não realizadas.

O II Congresso Mundial dos Partidários da Paz representa uma grande e decisiva vitória dos povos sobre os seus peiores inimigos, os incendiarios de guerra. Em Varsóvia confraternizaram homens e mulheres de todas as cores, de todas as religiões, de todas as opiniões politicas e de todas as classes sociais. Operarios, estudantes, camponeses, indus-triais, sacerdotes, homens politicos, poetas, mães de familia, militares, cientistas e homens de negocios participaram dos trabalhos com maior entusiasmo, vencendo os limites da resistência humana, em dias e noites a fio. Conscientes da tremenda gravidade do momento historicos que vivemos, não duvidamos de que os povos podem destruir os fatores de guerra e preservar o seu bem máximo, a Paz.



DUAS HISTORICAS DECLARAÇÕES DE STALIN SOBRE A POLITICA DE PAZ DA U.R.S.S.

No seu Informe sobre a atuação do Comité Central do Partido ante o XVIII Congresso do Partido Comunista Bolchevique da URSS, em 10 de Março de 1950, disse o camarada Stálin sobre a politica exterior soviética:

A politica exterior da União Soviética é clara e compreensível:

1 — Somos pela paz e pelo fortalecimento de relações praticas com todos os países; ocupamos e continuamos a ocupar essa posição, na medida em que esses países se mantenham nas mesmas relações com a União Soviética, na medida em que estes não tentem lesar os interesses de nosso país.

2 — Somos pela manutenção de relações pacificas de aproximação e boa vizinhança com todos os países que têm fronteiras comuns com a URSS; ocupamos e continuamos a ocupar essa posição, na medida em que esses países se mantenham nessas mesmas relações com a União Soviética, na medida em que não tentem lesar, direta ou indiretamente, os interesses da integridade e inviolabilidade das fronteiras do Estado soviético.

3 — Somos pelo apoio a todos os povos que são vítimas da agressão e lutam pela independência de sua patria.

4 — Não tememos as ameaças dos agressores e estamos dispostos a responder com dois golpes a cada golpe dos incendiarios de guerra que procurarem atentar contra a inviolabilidade das fronteiras soviéticas.

Esta é a politica exterior da União Soviética.

A CAUSA DO PERIGO DE GUERRA

Em Março de 1936, o jornalista norte-americano Roy Howard, presidente da Scripps Howard-Newspapers, voltou a União Soviética e entrevistou Stálin.

Elis um dos principais trechos da sua longa entrevista. Consta uma definição da politica de paz da União Soviética.

Howard — Em que medida que consiste a causa principal do atual perigo de guerra?

Stálin — No capitalismo.

Howard — Em que manifestações de capitalismo, especialmente?

Stálin — Em suas manifestações imperialistas e agressivas. Deveis lembrar-vos de como irrompeu a primeira guerra mundial. Foi a consequencia do desejo de se fazer uma nova repartição do mundo. Hoje, é o mesmo o fundamento da questão. Existem Estados capitalistas que se consideram lesados na ultima distribuição das esferas de influencia, dos territórios, das fontes de materias primas, dos mercados, etc. e que desejam redistribui-las em seu proveito. O capitalismo, em sua fase imperialista, é um sistema que considera a guerra como um método legitimo para resolver os antagonismos internacionais, método esse legitimo, senão de direito, pelo menos de fato.

Howard — Não achais que, nos países capitalistas, possa existir igualmente a apreensão de que a União Soviética se decide a impôr pela força suas teorias a outros povos?

Stálin — As apreensões dessa natureza são absolutamente destituídas de fundamento. Se acreditais que os cidadãos soviéticos pretendem e, além do mais, pela força, mudar o regime dos Estados que o circundam, enganai-vos redondamente. Os cidadãos soviéticos desejam, naturalmente, que os regimes dos Estados circundantes se transformem, mas esse é um negocio que diz respeito aos Estados em questão. Não consigo compreender qual o perigo que os Estados circundantes podem ver nas ideias da União Soviética, uma vez que esses Estados se encontram seguros de si mesmos.

Stálin, amigo das crianças, camião da paz

Stáline e as Lutas da Classe Operária

DEMOSTENES LOBO

ESTE ano comemoramos o aniversário de Stálin tendo diante de nós a tarefa de levar à prática o histórico Manifesto de Prestes.

Levar à prática o Manifesto de Prestes significa levar à luta a classe operária e o povo brasileiro. Significa multiplicar essas lutas, elevar seu nível, ampliá-las cada vez mais. Significa unir essas lutas numa frente única, a Frente Democrática de Libertação Nacional. Significa realizar a revolução agrária e anti-imperialista e conduzir nosso povo pela larga estrada da paz, da democracia popular e do socialismo.

Por isso mesmo, a melhor maneira de homenagearmos o camarada Stálin é nos colocarmos à frente das lutas de nosso povo e, particularmente, das lutas da classe operária. Por certo não há melhor presente para oferecer ao camarada Stálin do que mostrar-lhe que estamos trilhando o caminho da libertação, este caminho que ele ilumina com o exemplo de sua vida de revolucionário e com os ensinamentos de sua obra de teórico do marxismo-leninismo.

Sim, para que possamos conduzir nosso povo à vitória, é indispensável que sigamos os ensinamentos do camarada Stálin. Temos que aprender com ele a ciência de conduzir grandes massas, de convencê-las da necessidade da revolução, pois, como o próprio Stálin nos diz, não se trata de que a vanguarda adquira a consciência de que é impossível manter a antiga ordem e inevitável sua derrocada. Trata-se de que as massas, as massas de milhões de homens, compreendam a inevitabilidade desta derrubada e manifestem que estão dispostas a apoiar a vanguarda.

No Brasil, nós, os comunistas, estamos convencidos da necessidade da revolução. Compreendemos que é impossível a solução dos problemas de nosso povo dentro dos marcos do regime atual. Sabemos que a única saída é a derrubada do poder das classes dominantes, a instauração de um novo poder, o Poder Popular. Mas a verdade é que se a vanguarda está convencida disso, se é esta a saída que apresentamos a nosso povo, devemos reconhecer que esta solução ainda não ganhou as amplas massas, que o nosso povo ainda não está convencido de que esta é a única saída para sua situação.

Que fazer? O camarada Stálin nos ensina que as massas só podem compreender isto através de sua própria experiência. E mais ainda, o camarada Stálin nos indica a maneira de ganhar a classe operária e o povo para o caminho revolucionário. Diz Stálin:

«Dar às massas de milhões de homens a possibilidade de reconhecer através de sua própria experiência que é inevitável a derrubada do poder antigo, adotar métodos de luta e formas de organização que facilitem às massas, por sua própria experiência, o trabalho de discernir a justeza das palavras de ordem revolucionárias: eis aí o que se procura!»

O que precisamos, portanto, para aplicar este ensinamento do camarada Stálin, é de intensificar as lutas de nosso povo, multiplicar suas possibilidades de se convencer, pela própria experiência, da justeza do Manifesto de Prestes. E principalmente as lutas da classe operária precisam merecer de nós maior atenção. Sabemos que só a classe operária, sob a direção de seu destacamento de vanguarda, pode dar consequência às lutas populares. Sem que a classe operária assuma a liderança de todas as outras camadas do povo nas lutas pela paz, pelas liberdades, pela libertação nacional e pela democracia popular, não se pode falar de revolução. Daí a importância das lutas da classe operária, de suas greves, que precisam se intensificar em todo o Brasil. Milhares de trabalhadores brasileiros precisam participar de greves, de manifestações, precisam enfrentar, em inúmeros combates parciais, a violência da ditadura das classes dominantes. Dessa maneira, por sua própria experiência, compreenderão a necessidade da revolução, se convencerão de que não há outra saída, e de que é necessário derrubar a atual ditadura para que possam viver livremente, desfrutando o produto de seu trabalho, numa sociedade onde reine a felicidade e o bem estar para todos.

Não é por outro motivo, aliás, que o camarada Stálin deu sempre uma importância extraordinária às lutas da classe operária. Inclusive quando fala de sua formação como quadro dirigente do Partido Bolchevique, quando se refere às três fases de sua vida que forjaram sua tempera de revolucionário, por duas vezes Stálin destaca sua atividade entre as massas trabalhadoras do Cáucaso.

«Em dezembro de ano de 1898 — diz Stálin — quando pela primeira vez me enviaram para dirigir um círculo operário das oficinas ferroviárias... Foi lá, ao meio daqueles ca-

maradas, que recebi, então, meu primeiro batismo de fogo revolucionário... Meus primeiros mestres foram os operários de Tiflis.»

A atividade de Stálin entre os operários do Cáucaso está marcada por grandes lutas organizadas e dirigidas por ele, muitas das quais, pela sua importância, passaram à história, do movimento operário russo. Neste caso está a manifestação em comemoração ao 1.º de Maio de 1901, em Tiflis, assinada pela «Iskra» leninista como um grande feito revolucionário. Está a manifestação operária de Batumi, onde o camarada Stálin realizou a fusão da greve com a manifestação política. Está a grande greve dos operários petrolíferos de Baku, levada a efeito em 1904, e que o compêndio da História do Partido Comunista (b) da U.R.S.S. relaciona com a revolução de 1905, dizendo: «Essa greve foi, em vésperas da grande tempestade revolucionária, como o raio que precede a tormenta.»

Depois da derrota da revolução de 1905, voltando a Baku, o camarada Stálin passa dois anos entre os operários da indústria petrolífera, dois anos que, em sua opinião, temperaram-no «como lutador prático e como um dos dirigentes práticos. «É este período de Baku, em que trabalhou intensamente, organizando greves e manifestações, conduzindo os trabalhadores a vitórias em suas reivindicações imediatas, combinando habilmente a luta econômica com as lutas políticas, que o camarada Stálin considera como o seu «segundo batismo de fogo revolucionário.»

Não é por acaso que Stálin fala em «batismo de fogo revolucionário», quando se refere às lutas em que tomou parte naquela época. É que as greves e manifestações por ele dirigidas tinham um profundo conteúdo revolucionário. O camarada Stálin não se contentava em levar a classe operária à luta, em organizar greves e mais greves. Dava uma grande importância às lutas, mas cuidava também para que elas não tivessem um caráter reformista, não se perdessem pelos caminhos do oportunismo, do economismo estreito, que em vez de educar e organizar o proletariado para a revolução, morrem entre promessas e enganos dos demagogos a serviço das classes dominantes.

Não, esta não era a característica das greves dirigidas pelo camarada Stálin. Para ele, as lutas operárias não eram apenas um meio para a conquista de aumento de salário

e outras reivindicações, logo escamoteadas pela máquina do Estado capitalista. As greves, para Stálin, antes de tudo eram um poderoso instrumento de educação e de organização da classe operária para a revolução, para a luta revolucionária pela derrubada do Poder das classes dominantes.

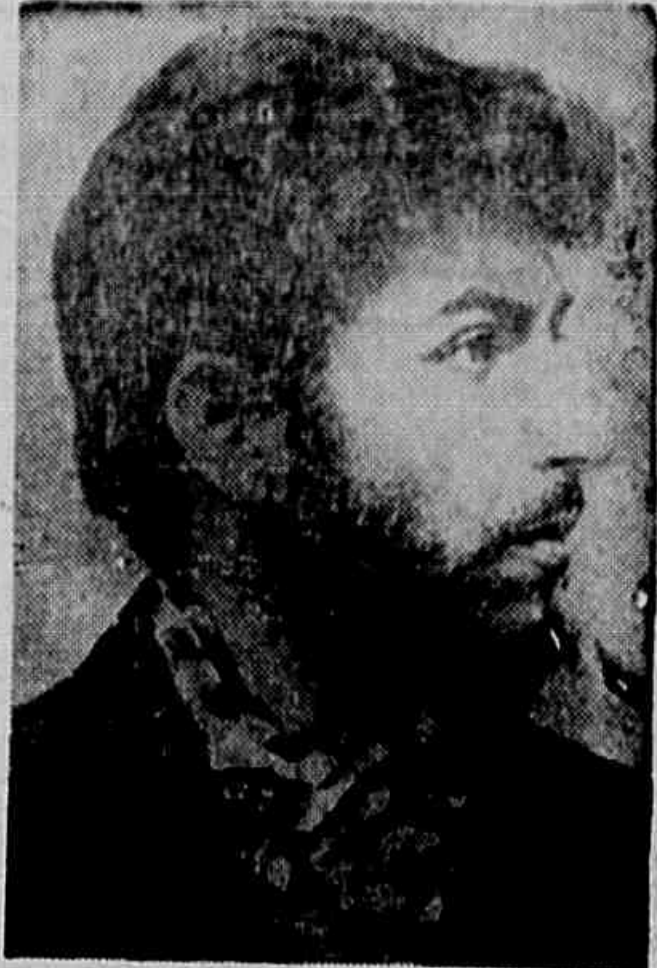
Em sua obra, «Sobre os Fundamentos do Leninismo», o camarada Stálin nos fornece a explicação do profundo conteúdo revolucionário das greves que dirigiu. Trata-se magistralmente a linha divisória entre a tática revolucionária e a tática reformista, ele nos ensina:

«O revolucionário aceita as reformas com o fim de utilizá-las como meios para combinar o trabalho legal com o ilegal, com o fim de aproveitá-las como um bônus, para intensificar o trabalho ilegal encaminhado à preparação revolucionária das massas para a derrubada da burguesia.»

Eis aí a essência da orientação stalinista na direção dos movimentos grevistas: não perder nunca de vista os objetivos revolucionários, imprimir a cada movimento operário por reivindicações imediatas uma direção tal que a transforme em mais um passo para a revolução, para a conquista do poder.

Tal orientação exige de nós saber combinar as lutas econômicas com as reivindicações políticas gerais, estabelecendo a ligação existente entre a miséria e a opressão em que vive o proletariado, e o regime das classes dominantes que é preciso derrubar. Exige de nós que saibamos aproveitar cada greve, cada manifestação, no sentido de fortalecer a organização da classe operária, pois a perspectiva revolucionária torna indispensável um movimento sindical forte e combativo, para que a classe operária possa desempenhar o papel que lhe cabe à frente de nosso povo, na luta pela paz, pela libertação nacional e o Poder Popular.

Somente assim, desencadeando lutas e mais lutas, utilizando estas lutas para educar e organizar a classe operária e o povo, é que estaremos pondo em prática o Manifesto de Prestes, forjando a Frente Democrática de Libertação Nacional, é que estaremos conduzindo nosso povo pelo caminho já trilhado pelos povos que se libertaram da opressão colonial e capitalista e que, tendo a frente a gloriosa e invencível União Soviética, marcham para o socialismo, guiando-se pelos ensinamentos do grande Stálin.



Stálin, quando estava entre os operários de Baku (1904)

UM VELHO METALÚRGICO FALA SOBRE STÁLIN

I. KOROBOV

Em dezembro de 1934 o camarada Stálin recebeu os metalúrgicos soviéticos. Vindos de Stalino, de Makeievka, de Magnitogorsk, de Kuznetsk e de outras cidades industriais de nosso país, eles se reuniram no Kremlin, às seis horas da tarde. Stálin entrou na sala acompanhado de outros dirigentes do Partido e do Governo. Ouvimos sua intervenção com a máxima atenção. Stálin fixou para nós uma série de novos objetivos visando o desenvolvimento da siderurgia. Ele nos indicou que era preciso cuidar dos trabalhadores mais dedicados e ajudar a sua formação. É preciso amparar os homens, disse Stálin, como o jardineiro ampara a árvore frutífera rica de promessas.

Stálin falava com um sorriso nos lábios e fazendo frequente: graças. Isto nos punha tão à vontade que depois de Stálin falar cada um de nós teria gostado de tomar a palavra.

A reunião durou, sem interrupção, até 1 hora da manhã. Quando terminou, o camarada Ordjonikidze me chamou, juntamente com meu filho mais velho, Paulo, que era então chefe de uma oficina de altos fornos na usina metalúrgica de Dniepropetrovsk, e nos apresentou a Stálin:

— Este é o velho metalúrgico Kórobov, camarada Stálin. Ele tem três filhos, todos metalúrgicos.

Stálin me apertou a mão e me felicitou: — Vês como é bom teres sabido criar filhos assim!?

Eu respondi: — Camarada Stálin, o mérito não cabe só a mim. Sem o poder soviético e sem o Partido Comunista, jamais poderia ter educado os meus filhos como educou.

Realmente, é um orgulho possuir três filhos e vê-los fazer seus estudos no Instituto de Aço de Moscou.

Em 1937 tive novamente a felicidade de ver e ouvir o camarada Stálin, numa recepção organizada no Kremlin em homenagem aos dirigentes e aos stalinovistas da indústria carbonífera e da metalurgia. Stálin ergueu então um brinde à aqueles que, no setor da economia, ocupavam um posto de direção de média ou pequena importância. Ele se lembrou também de mim e beben à saúde de toda a família de metalúrgicos Kórobov. Em resposta, prometi a Stálin fazer tudo o que fosse possível para ultrapassar os outros metalúrgicos.

Toda a minha família trabalha com entusiasmo pelo bem-estar do povo soviético. Paulo, meu filho mais velho, é hoje Vice-Ministro da indústria metalúrgica. O segundo, Nicolau, segue um curso de técnico, e o terceiro, Ivã, é diretor da usina metalúrgica Petróvsk, em Dniepropetrovsk. Tenho também uma filha, Klávdia, é artista de cinema. O governo soviético concedeu já à minha família oito Ordens de Lênin.

Em nosso país, mais de uma família operária foi educada da mesma maneira.

Por ocasião do seu aniversário, dirijo ao camarada Stálin, ao grande comandante, minhas saudações mais calorosas. Desejo-lhe saúde e longa vida, para felicidade e alegria de todas as pessoas simples do mundo.

Voz das Fábricas

DEBATER E APLICAR A RESOLUÇÃO SOBRE O TRABALHO SINDICAL

Neste momento em que se abre a perspectiva de grandes lutas operárias, com a vigorosa mobilização de massas que está realizando a campanha pelo Abono de Natal, os comunistas devem prestar uma atenção maior e mais constante à Resolução do Comitê Nacional do P. C. B. sobre o trabalho sindical, publicado em nossa edição de 7 de outubro deste ano, n.º 72, sob o título — «AS TAREFAS ATUAIS DOS COMUNISTAS PARA A ORGANIZAÇÃO, A UNIDADE E AS LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA.»

Na verdade, somente levando à prática a Resolução do C.N., tornando-a conhecida e compreendida das massas é que as lutas que surgem ou se esboçam no seio da classe operária poderão concorrer para a unidade e a organização de suas fileiras e levá-la a assumir, impetuosamente a vanguarda das lutas de libertação nacional e social de nosso povo. Somente levando à prática a Resolução Sobre o Trabalho Sindical é que as lutas operárias em nosso país ganharão uma forma consequente e poderão rapidamente se elevar à altura da gravidade da situação nacional e internacional.

A Resolução sobre o Trabalho Sindical demonstra que há todas as condições favoráveis para organizar e unir rapidamente as fileiras da classe operária e levá-la a cumprir o seu papel de dirigente da luta de libertação de nosso povo.

As grandes massas trabalhadoras não aceitam a situação de miséria que aí está e desejam lutar por uma vida melhor. E têm lutado, muitas vezes até espontaneamente, mesmo sem preparação, sem direção experimentada e sem organização.

Diante disso crescem imensamente as responsabilidades dos comunistas em face da classe operária, que é a sua classe. Surge uma série de tarefas urgentes no seu trabalho no seio da classe operária, que são as tarefas traçadas na Resolução do Comitê Nacional:

1.º) os comunistas devem atuar diária e infatigavelmente no seio das massas trabalhadoras, levantando suas reivindicações mais sentidas e imediatas e mobilizando-as para lutar por elas;

2.º) os comunistas devem aproveitar cada luta que surja, seja o início de um movimento reivindicatório através de baixo-assinados, seja uma greve, para organizar e unir

os operários, em comissões de fábricas, em associações profissionais e para criar ou reforçar as uniões sindicais nos municípios, nos Estados e a C. T. B.;

3.º) os comunistas devem planificar e organizar no seio das massas o desencadeamento de lutas, levantar um programa de reivindicações em cada fábrica, setor profissional e município, ligando-o ao Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional e procurando dar, assim, um caráter permanente a cada organização que surja nas lutas diárias da classe operária;

4.º) os comunistas devem atuar no seio da classe operária como sua vanguarda política, o que significa que, participando ativamente das lutas pelas reivindicações e das organizações sindicais criadas em cada empresa ou setor profissional, não devem confundir essas organizações com a célula de empresa, a qual precisa trabalhar planificadamente no sentido de aproveitar as experiências que as massas estão adquirindo nessas lutas para esclarecê-las pacientemente sobre as questões políticas da ordem do dia, para mobilizá-las para as manifestações em defesa da paz, pelas liberdades democráticas e a independência nacional, para organizar os comitês da Frente Democrática de Libertação Nacional.

Os Quadros, Camarada Angelina, os Quadros!

P. ANGELINA

Todo mundo, na U.R.S.S., conhece Pacha Angelina, tratorista emérita. Por seu trabalho, foi honrada com o título de Heroína do Trabalho Socialista e com um prêmio Stalin. E, além disso, deputada do Soviet Supremo da U.R.S.S. Ela escreveu sua autobiografia «Páginas de uma vida». Ao resumo seguinte, ler-se-á o resumo de seus encontros com Stalin.

É possível, verdadeiramente, que eu vá a Moscou, ao Kremlin, que veja Stalin? Tal era o pensamento que me agitava profundamente nesta manhã de fevereiro de 1935.

... Eis-me num compartimento de carro dormitório do trem Stalino-Moscou. O trem rodava rapidamente, mas me parecia que avançava com dificuldade. Até então, jamais tinha abandonado Staro-Bechevo. Olhava curiosamente pela janela o desfilé das postes telegráficos, das aldeias, das estações. A tempestade de neve fugitiva raiosamente a escapa. Nosso somboio seguia adiante. Por momentos, o apito da locomotiva lançava seu estridente apelo na planície branca.

Meus vizinhos dormiam há muito tempo. Quanto a mim, não cessava de pensar em Moscou. Veria o camarada Stalin? Teria ocasião de encontrá-lo? E então, o que lhe diria? Enfim, eis-me em Moscou... Praça Vermelha. Emocionada, passo ao lado do mauoleu Lenin... Ele sonhara dar 100.000 tratores à Rússia. Sonho que não conhecia ainda quando, na primavera de 1930, subi pela primeira vez a um trator, mas que meu coração sentia...

Devia estar, sem dúvida, muito perturbada, porque os transeuntes me fitavam com ar surpreso. Não pude deixar de murmurar do mesmo e sem que pessoa alguma me ouvisse: — Vladimir Ilich!

Entre no palácio do Kremlin. Como era magnífico em sua sobriedade. A passos lentos, percorri a entrada das salas, olhando com intensa emoção as altas abóbodas, os lustros que brilhavam, as obras de arte em madeira...

... Joseph Vissarionovitch Stalin entrou na sala e tomou lugar na tribuna do Prédium. Olhei para ele, meu coração batendo de emoção. Aplaudimo-lo freneticamente. Acclamamos nosso querido Stalin para lhe exprimir nosso amor e nosso reconhecimento por tudo o que ele tinha feito por nós, camponeses...

A meu lado, uma velha camponesa, em pé, batia palmas. Ela se rejubilava ruidosamente, com alegria, e seus olhos brilhavam de felicidade.

Joseph Vissarionovitch aplaudia conosco. Dava homenagem a nosso trabalho kolkosiano, estava contente com nosso sucesso, com nossa felicidade. Ele nos olhava e sorria e uma ternura maravilhosa emanava de seus sorrisos fraternais.

Finalmente, o silêncio se fez na sala. Kolkosianos e kolkosianas, jovens e velhos, búscios e Ucrânianos, Georgianos e Armênios, Tchecos e Kazáchos, se sucedia na tribuna, pronunciando seus discursos. Pessoa de todas as nacionalidades falavam das vantagens do sistema kolkosiano, de sua felicidade de viver e trabalhar sob a direção do maior homem de nossa época, o camarada Stalin. Os homens de vanguarda do campo prestavam contas de seus trabalhos do alto da tribuna do Kremlin.

Em nosso nome, eles recordaram as etapas principais de nosso desenvolvimento, do grande autêntico aos dias presentes. Evocaram nossa vida isolada, indigente, sob o jugo dos kulaks; apresentavam nossos agradecimentos à classe operária que nos havia ajudado. Falavam da mecanização da agricultura, da ciência introduzida nos kolkoses e do grande organizador deste movimento, o Partido do Lenin e Stalin. Stalin ouvia atentamente. Ele escutava, sorria e aplaudia.

Com a palavra Pacha Angelina, chefe da primeira equipe de mulheres tratoristas de nosso país, anunciou o presidente da sessão. Tomada de uma emoção intensa, subí à tribuna. Lá fiquei, gelada, fixando nos olhos o camarada Stalin, incapaz de proferir uma palavra...

Mas da mesa do presidium, uma voz doce docemente: — Coragem, Pacha, coragem! Esperando minha emoção, comeci a falar de minha equipe de tratoristas, da fábrica de minhas amigas, do ensino agrícola, da vida nova de nosso campo, e de um golpe me senti segura de mim mesma...

... O II Congresso dos Kolkosianos de nosso país continuava seus trabalhos. Joseph Vissarionovitch o assistia. Ouvia, intervindo por vezes, ora com palavras, ora com condura, mas de cada uma de suas intervenções emanava...

um cordial aperto; e o orador que estava na tribuna, encorajado pelas palavras de Stalin, esboçava audaciosamente seu sonho, construía vastos planos para o futuro.

Foi durante um intervalo de sessão. Eu estava num grupo de delegados ao Congresso. Falávamos, graciosamente, ríamos...

De repente percebi Stalin. Tendo me localizado, Joseph Vissarionovitch me chamou. Minha conversa com o camarada Stalin não foi longa. Falei-lhe de minha aldeia, das dificuldades de outrora que meus pais conheciam. Stalin queria dados sobre nossa vida de tratoristas: estávamos abrigados e a comoção em nossas carretas (1), em que empregávamos nossos fazeres, que livros líamos, recebíamos regularmente os jornais? Foi nesta ocasião que, em nome de todas as minhas amigas, prometi ao camarada Stalin trabalhar ainda melhor, e obter de cada trator U.T.K. um rendimento de 1.200 hectares.

— Está bem, camarada Angelina! disse-me Stalin. Despedindo-se, ele me apertou a mão e me encarregou de transmitir suas calorosas saudações a todos os tratoristas e kolkosianos de nossa aldeia.

Em dezembro do mesmo ano (1935) fomos, minhas amigas e eu, convidadas à Conferência dos kolkosianos do choque em Moscou. Ao entrar no palácio do Kremlin, minhas companheiras se sentiam intimidadas, como eu da primeira vez. Procurei acalmá-las mas eu estava mesmo emocionada. Tomamos lugar na primeira fila.

O presidente da sessão me deu a palavra. Foi para a tribuna com um passo seguro. A sala aplaudia. Falei dos novos progressos de minha equipe; dos artigos que inseríamos em nosso jornal mural; das flores com que ornávamos nossa carreta; das canções que cantávamos; de nossas colheitas; de nossa emulação com as outras equipes de tratoristas. Tudo isto eram fatos simples, fatos de todos os dias, de nossa vida quotidiana. O camarada Stalin ouvia atentamente e eu sentia bem que tudo lhe interessava, que tudo tinha importância para ele. Quando terminei, Joseph Vissarionovitch perguntou:

— Quantas são em sua equipe? — Nove, respondi, o apontando com o dedo para a primeira fila, acrescentei: Estão todas ali!

— Qual o rendimento por trator? perguntou ainda o camarada Stalin. — 1.225,5 hectares em média.

Acrescentei ainda que, embora tivéssemos ultrapassado largamente as normas, nos sentiríamos felizes em saber que nossos concorrentes obtiveram ainda melhores resultados.

Os quadros, camarada Angelina, os quadros! disse o camarada Stalin. Do alto da tribuna do palácio do Kremlin, dei minha palavra de obter um rendimento de 1.600 hectares por trator e de organizar no distrito de Staro-Bechevo dez equipes de mulheres tratoristas.

Passamos muitos dias em Moscou, visitando as curiosidades da capital, indo aos museus e aos teatros. Tínhamos pena de abandonar nossa Moscou amada.

Na manhã de nossa partida, os jornais da capital publicaram um decreto do governo concedendo-nos, a mim, com a Ordem de Lenin, e as outras tratoristas de minha equipe, com a ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho.

No mesmo dia fomos chamadas ao Kremlin, onde Mikhail Ivanovitch Kalinin, o atual presidente do Presidium do Soviet Supremo nos entregou as condecorações. Depois da cerimônia, Mikhail Ivanovitch nos anunciou que o camarada Stalin estava para chegar e que fomos ser fotografadas juntamente com ele. Não tivemos que esperar muito. Logo vimos entrar o camarada Stalin seguido de seus companheiros.

Stalin! Este nome cercado do respeito e do amor infinitos do povo, eu o levei no fundo de meu coração. O grande Stalin me ensinou, a mim, simples camponesa, filha de um antigo criado de fazenda, a viver e a trabalhar para a felicidade de meu país, de meu povo.

Os quadros, camarada Angelina, os quadros! Estas palavras de Stalin abriram-me amplos horizontes, deram uma nova orientação a meus pensamentos. Desde então, é com outros olhos que vejo o mundo que me rodeia.

(1) Trata-se de carretas que, no campo, servem de abrigo às equipes durante a estação de trabalho intenso (2) de R.

GIGANTESCAS CONSTRUÇÕES DE PAZ

As Maiores Centrais Elétricas E o Maior Canal do Mundo

UM NOVO PERÍODO DA SOCIEDADE SOCIALISTA: O COMEÇO DA PASSAGEM AO COMUNISMO

Enquanto o governo de guerra e fascismo de Truman anuncia quase semanalmente novos bilhões de dólares para armamentos, para a bomba atômica, para custear invasões armadas como na Coreia e preparar a terceira guerra mundial, a União Soviética fortalece as bases da felicidade de seu povo com novas e gigantescas construções de paz. A 21 de Agosto deste ano, o Conselho de Ministros da União das Republicas Socialistas Soviéticas decidiu a construção em Kubichev, nas margens do rio Volga, respectivamente em 1955, 1956 e 1957.

AS DUAS CENTRAIS DO VOLGA

As duas grandes usinas hidro-elétricas do rio Volga — a de Kubichev e a de Stalingrado — fornecerão juntas quase 4 milhões de quilóates de energia elétrica. Rússia czarista e metade da produção total de energia elétrica da União Soviética em 1938.

Essa corrente continua de energia será repartida da seguinte maneira: 10 bilhões de quilóates-hora para Moscou; 6 bilhões e 500 mil para as regiões de terra negra e as regiões ribeirinhas do

a França — a República da Turcomenia não tem mais de 1 milhão e 300 mil habitantes, concentrados ao pé das montanhas do sul do país e nos oásis. O imenso deserto de Kara-Kum ocupa 80% do seu território. O ar é seco e tórrido. Ventos tempestuosos trazem constantemente nuvens de pó sobre os campos cultivados, os canais e as cidades. São necessárias plantas de raízes longas para fixar dunas móveis. Mas as plantas exigem água. E a água é rara na Turcomenia.

No entanto, na fronteira entre a Turcomenia e o Uzbequistão, um rio magnífico, com 2.500 quilômetros, rola suas águas tumultuosas. É o Amu-Dariá, que vem do Pamir, levando cada ano para o Mar de Aral 45 a 60 milhões de metros cúbicos de água, que se perde sem proveito.

É esse rio o caminho da solução do problema da água na Turcomenia e da transformação da natureza nessa parte da União Soviética.

Ora, sabe-se que o Amu-Dariá se lançava outrora não no Mar de Aral, mas no Mar Cáspio. Há apenas alguns séculos, a massa de água do rio lançava-se no Mar de Aral pelo Araxe e no Mar Cáspio pelo Oxus. Posteriormente, no século 16, os Khans do Khorezme, um velhíssimo reino situado ao sul do Mar Aral, desvelaram o rio Oxus para terem sob seu domínio as populações da Turcomenia estabelecidas às suas margens. Os turcomenes se tornaram então nômades, e seu desejo apaixonado de possuir água se perpetuou em proverbios tais como o que diz: «Um povo é rico quando possui terra e água» e «Uma gota d'água é um diamante».

O Estado Socialista vai agora realizar o sonho secular dos turcomenes trazendo novamente as águas do Amu-Dariá para o Mar Cáspio. O Canal Principal Turcomen será o maior do mundo. Terá um percurso de 1.100 quilômetros.

Seu volume d'água será de 350 a 400 metros cúbicos por segundo. A quantidade de terra carregada pelo Canal Principal e seus derivados será de 300 milhões de metros cúbicos.

O Grande Canal — também chamado Canal da Felicidade — irrigará 7 milhões de hectares do deserto de Kara-kum, desenvolvendo assim e fixando a criação de gado, até hoje nômade, permitindo a agricultura em larga escala, particularmente a do algodão, cuja colheita nessa região aumentará de 7 a 8 vezes, e o rendimento por hectare será superior ao do vale do rio Nilo, graças à fertilidade das novas terras irrigadas.

Cidades que hoje se abastecem de água doce através de encanamentos de mil quilômetros, terão água fácil e fartamente. Com ela virá também a eletricidade, que transformará as condições gerais de vida e trabalho. Enfim, graças ao Canal Turcomen, uma grande via navegável ligará o Mar Cáspio ao Mar Aral e, pelo Amu-Dariá e Syr Dariá, ao coração da Ásia Central.

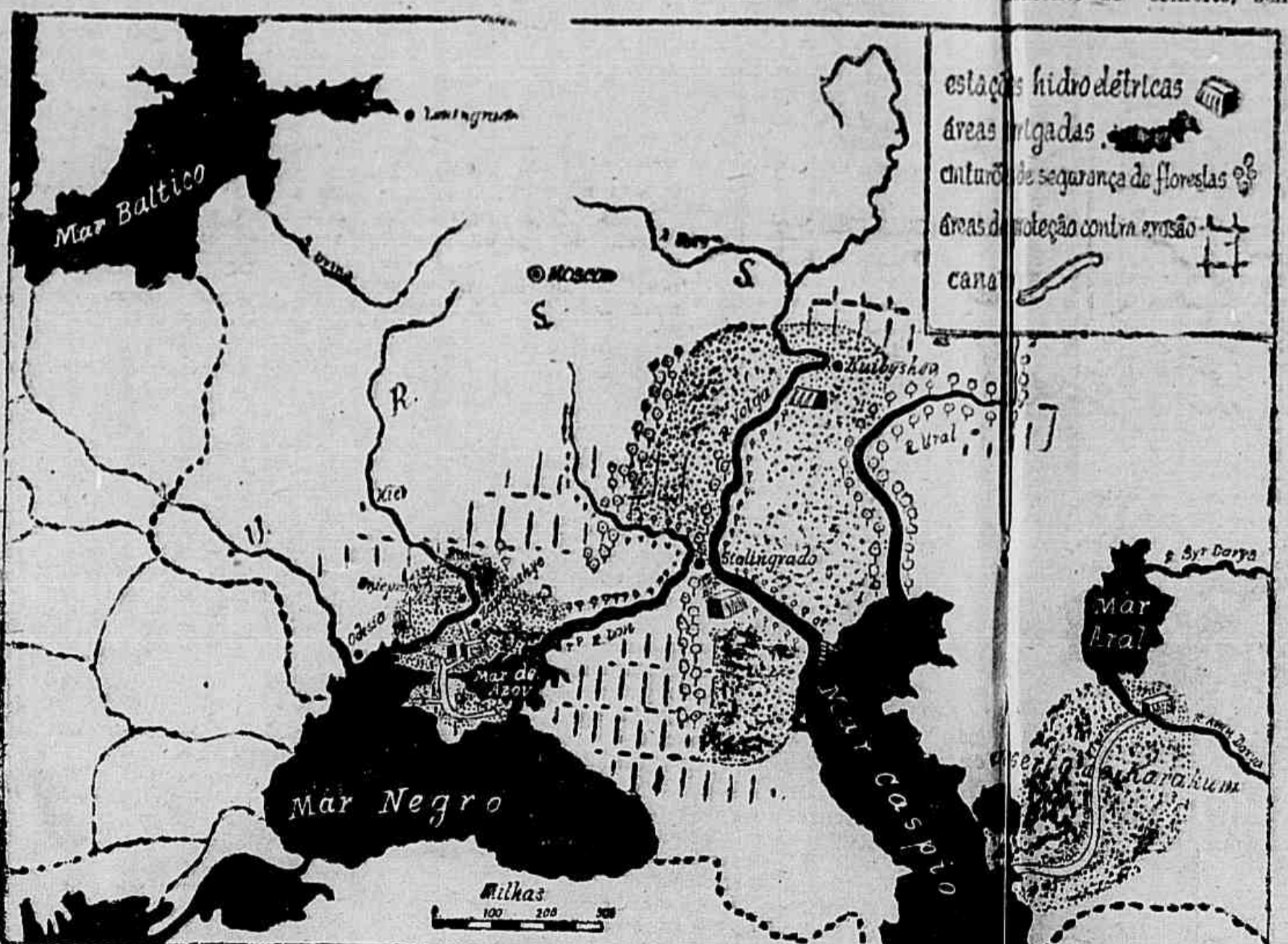
As grandes obras socialistas levarão água a um total de 22 milhões de hectares de terra — duas vezes o total de terras irrigadas do maior país capitalista, os Estados Unidos. Permitirão uma colheita de trigo tão grande quanto a do Canadá, sem falar no algodão e outros cultivos ou na criação de gado.

Não se trata somente de um novo plano mais vasto que os precedentes, de uma usina elétrica mais poderosa e de um canal mais extenso. O Dnieproguós correspondia ao período da construção socialista da economia nacional soviética. As novas obras atuais correspondem às possibilidades gigantescas de um período novo, aquele onde se acaba a edificação da sociedade socialista e ao mesmo tempo começa a passagem à sociedade comunista, caracterizada pela fórmula: A CADA UM SEGUNDO SUAS NECESSIDADES.

As vitórias da economia socialista da U.R.S.S. exercem uma influência crescente sobre a política internacional. Milhões de pessoas simples vêm, nos gigantes trabalhos de construção do país do socialismo um novo e claro testemunho da política de paz seguida pela União Soviética sob a firme e sábia direção do grande líder dos trabalhadores — Josef Stalin.

Stalin, durante a inauguração do canal de Volga, uma das maiores realizações da engenharia soviética e que põe à prova o heroísmo socialista dos homens soviéticos.

Com 455 mil quilômetros quadrados — maior do que



Através deste mapa da parte principal da União Soviética se vê a localização das gigantes obras destinadas a transformar a natureza, aumentar a riqueza do País do Socialismo e o bem-estar dos povos soviéticos. Os dois grandes canais hidro-elétricos — de Kubichev e Stalingrado — localizam-se no Rio Volga. Desviando o Rio Amu-Dariá do Mar de Aral para o Mar Cáspio, está o grande Canal Principal Turcomen, de 1.100 quilômetros, o mais longo canal do mundo e que determinará a irrigação do deserto de Kara-Kum e sua transformação numa região fértil e produtiva.

da maior usina elétrica do mundo. Essa usina fornecerá 2 bilhões de quilóates — 10 bilhões de quilóates-hora de energia elétrica por ano. Sua produção de energia elétrica será portanto 3 vezes maior do que a da famosa represa do rio Dnieper (Dnieproguós), a maior da Europa.

Elas fornecerão cada ano 20 bilhões de quilóates-hora, isto é, 10 vezes mais que todas as centrais elétricas da

ca. Elas fornecerão cada ano 20 bilhões de quilóates-hora, isto é, 10 vezes mais que todas as centrais elétricas da

Além disso, a energia elétrica produzida servirá para alimentar a eletrificação de Moscou, Kubichev, Sarátov, Stalingrado e outras cidades, e mesmo tempo que transformará as condições gerais de existência dos trabalhadores soviéticos. Permitirá também aumentar a eletrificação dos transportes ferroviários. Outra parte da energia elétrica irá para as fazendas coletivas, fazendo progredir mais rapidamente os trabalhos agrícolas. A este respeito, basta saber-se que cada quilóate de energia elétrica utilizada na agricultura libertará 8 trabalhadores manuais, que isto para outros mistérios.

Essas obras notáveis do socialismo soviético são sem precedente na história e sem equivalentes no mundo capitalistas.

«Se depois de Lênin o povo soviético resolveu vigorosamente suas tarefas estratégicas e táticas, internas e externas, e tornou tão poderoso o seu Estado e, ao mesmo tempo tão ligado espiritualmente aos trabalhadores do mundo inteiro, este grandioso êxito histórico cabe, principalmente ao grande chefe de nosso Partido, ao camarada Stalin, à direção stalinista.»

Com 455 mil quilômetros quadrados — maior do que

Um Encontro com Stálin

S. KOVPAK

(General de guerrilheiros, herói da União Soviética)

Quando os alemães invadiram a Ucrânia, um homem de 65 anos — Kovpak — decidiu permanecer nas regiões ocupadas, para combatê-los. Como ele forma o primeiro destacamento de guerrilheiros com cerca de 20 homens, como esse destacamento cresce, como ele vai semear o terror nas hostes inimigas a mil quilômetros do seu ponto de partida, tudo isso figura nas memórias de Kovpak como uma sequência de extraordinários feitos de armas. A energia, a fria resolução de Kovpak e de seus companheiros fazem incríveis prodígios.

Um dia, um avião vindo de Moscou aterrissa nas proximidades do campo onde se acham os guerrilheiros. Foi buscar Kovpak, a fim de levá-lo a Moscou. Lá, nosso herói encontra outros comandantes, chegado como ele por via aérea. Uma conferência se reúne no Kremlin em torno de Stalin. Eis a descrição que Kovpak nos faz:

Antes de chegar ao gabinete de Stalin, atravessamos diversas peças. Eu dizia para mim mesmo: vou vê-lo de surpresa. Stalin estava todo o tempo diante dos meus olhos, tal qual eu o conhecia pelos retratos. E foi bem assim que ele apareceu quando se abriu a porta. Tive a impressão de que já o tinha encontrado varias vezes e de o conhecer pessoalmente. Ele estava no meio da sala, trajando a roupa que todo o mundo conhece, aquela dos retratos. Perto se achava Voroshilov, com o uniforme de marechal.

Ah! eis aí Kovpak, disse o camarada Voroshilov. Stalin me sorriu. Apertou-me a mão, cumprimentou cada um de nós e convidou-nos a sentar-nos. Meu vizinho na mesa parecia ser Molotov. Não percebi a presença de Vlasov, Mikhailov senão depois que eu estava sentado perto dele. Não posso compreender como eu não o notei logo. O camarada Stalin estava sentado na mesa quase em frente a mim. Pensei que a recepção duraria muito pouco, porque os tempos estavam duros; o camarada Stalin tinha enormes afazeres e estava preocupado com a solução de muitos problemas importantes. Não obstante, ele não se apressou a falar sobre as questões que nos levaram à sua presença; fez-nos perguntas sobre nossas famílias, se nós continuávamos a manter as relações com eles e de que maneira. As vezes ele era obrigado a se interromper, a fim de atender ao telefone.

Ao voltar, retomava a palavra, dirigindo-se tanto a um quanto a outro. Quando ele me falava, eu tinha a impressão de que me tocava docemente pela mão para me aproximar de si. Cada qual experimentava por certo o mesmo sentimento; entre tanto todos repetíamos seus sentimentos e permaneciam calmos. Provavelmente Stalin percebia isso e então dirigiu a entrevista para as questões que tinham respeito às guerrilhas. Antes de tudo pediu-me para falar sobre nossas relações com o povo e da maneira por que a população se comportava em relação a nós. Eu tinha a intenção de fazer-lhe um informe, mas ele me pediu para continuar sentado e responder às perguntas que me ia fazer.

Stalin me pôs bem a par dos problemas. Em resposta à primeira pergunta, contei-lhe como tínhamos estabelecido ligação com o povo e como este nos ajudava. Stalin fez-me sentir então que isto era o essencial e que emprestava a isso grande importância. Balançou varias vezes a cabeça, como se dissesse: — Bem, bem, é muito bom que estejas em estreita ligação com o povo.

O camarada Stalin despertou em seguida nossa atenção para diferentes pontos e abordou outros rapidamente. Quando nossa entrevista versava sobre nossa ligação com o povo, ele me havia perguntado se tínhamos bastantes comissários em nossos destacamentos de guerrilheiros. Quando lhe respondi que o comandante não dirigia a mim, disse-me como se me tivesse seguido permanentemente e ao mesmo tempo admiradamente os nossos trabalhos. — Por favor, ou vos ouço, camarada Kovpak. — Pensei, camarada Stalin, — respondi — que podemos nos transportar para a margem direita do Dnieper.

De que necessitais para isso? — perguntou Stalin. Respondi que precisávamos principalmente de canhões, de metralhadoras e de fuzis antitank. — Teria tudo isso — disse Stalin, pedindo-me para redigir ali mesmo uma lista de que era necessário para um raid sobre a margem direita. — Fiz uma lista, depois a qual o número de aviões que seriam necessários para transportar tudo que eu pedira; fiquei assombrado com o alto; parecia-me enorme. Podia-se pedir tanta coisa agora? Final, depois de receber minha lista, agora grandemente diminuída. Embora eu tenha conseguido a esmaecer a Stalin, acrescentei que ele me disse, também o camarada Kovpak, tendo os braços cruzados, que eu não poderia passar um centavo do contrário do que eu tinha imaginado. Depois de ouvir as minhas palavras, ele me disse: — Isto chegou para tudo? Quando eu confesso que não tinha ouvido pedir mais, ele me restituiu a lista e me pediu que a refizesse.

Podemos fornecer tudo que seja necessário. Ao refazer a lista, pensei que seria bom receber botas para os nossos combatentes, mas acreditei que seria exagerado pedir e, em lugar de botas, eu pedi calçados. Stalin, depois de haver lido minha nova lista, riscou a palavra calçados. Muito bem! e eu que queria pedir botas, pensei. Tive apenas o tempo de me censurar a mim mesmo, pois que sobre a palavra calçados que ele havia riscado Stalin tinha escrito de sua própria mão a palavra calçados.

Conversava ainda conosco como se dispusesse de muito tempo; não nos dava pressa, deixava-nos pôr em ordem nossos pensamentos enquanto ele decidia toda imediatamente, diante de nós, não deixando nada para o futuro seguinte.

Ao nos descer: boa viagem, e camarada Stalin nos disse como se fosse um adeus: — Bobretó, camaradas, conservai solidamente a disciplina e a ordem.

Assine o Apêlo de Estocolmo



Assine o Apêlo de Estocolmo. Este é um apêlo para a paz e a liberdade. Assine-o e ajude a manter a paz no mundo. O apêlo foi lançado em Estocolmo, Suécia, em 1948. O texto do apêlo é o seguinte: «A paz é o bem mais precioso que temos. Sem a paz, não podemos viver. Assine o apêlo de Estocolmo e ajude a manter a paz no mundo. Assine-o e ajude a manter a paz no mundo. Assine-o e ajude a manter a paz no mundo.»

OS PRESENTES DO POVO BRASILEIRO A STALIN

PEDRO MOTTA LIMA

Na data de mais um aniversário de Stálin, recordo os presentes de que fui portador até à Europa, enviados por pessoas nascidas deste lado do Atlântico, em diferentes regiões do Brasil.

Levava comigo apenas uma parte das três remessas de artigos ofertados por mãos brasileiras ao construtor do mundo novo. Era uma grande bagagem. Peças várias saídas de Volta Redonda e outras fundições, miniaturas de truques fabricados nas oficinas de nossas grandes estradas de ferro, bolsas de couro de tati, a nota típica do sertão nordestino ou das coxilhas do sul em trabalhos de couro, cortes de preciosas fazendas, têxteis com desvelado amor pela grande família dos têxteis cariocas, paulistas e mineiros, lembranças dos portuários e marítimos, livros e poemas, quadros a óleo, músicas de composições populares, prendas de labor doméstico, bordados representando centenas de dias de tarefa de moças do interior, debruçadas ao tear com o pensamento mais carinhoso posto naquele a quem dedicavam a maravilha de sua habilidade e paciência, como a um acervo distante.

Não esquecerei outras provas de afeto. O espanto inicial dos funcionários aduaneiros em diversos países capitalistas, ao segurarem na valise aberta com toda confiança a estranha variedade de artigos. Cada presente era acompanhado de cartas com dedicatórias, votos de felicidade em vários tons. O nome de Stálin assim repetido em cada volume poderia criar falsas ideias ao viajante, numa época em que os «gangsters» do imperialismo lanque estendem a rede de espionagem e contrabando policial-fascista por todos os países privados de sua soberania, sujeitos ainda a governos títeres. Mas por toda parte encontramos a solidariedade e a identidade de sentimentos nos homens do povo. Essa solidariedade, essa identidade de sentimentos era o que podíamos ler no olhar amigo e no sorriso de simpatia com que os funcionários das alfândegas de tantos países marshallizados fechavam a valise dos presentes a Stálin, agitando o sinal de giz ou o carimbo de livre trânsito.

São os homens simples, trabalhadores do Brasil, da América, do mundo inteiro, as maravilhosas bordadeiras cearenses, os ferroviários, marítimos e portuários que se negam a transportar e descarregar armamentos, os vaqueiros de Mato Grosso, os pastores de ovelhas, os camponeses que já lutam de armas na mão contra Lunardelli e outros ladrões de terra, os jovens, as mães, as esposas e as noivas em guarda contra as monstruosas ameaças do assassino Truman, os poetas e os músicos, os escritores, os educadores, os sacerdotes, os quinhentos milhões de aderentes ao Apelo de Estocolmo, os operários e camponeses, oficiais, soldados e marinheiros que enviam de todos os ângulos da terra presentes a Stálin o ano passado, são os mesmos e muitos mais que festejam agora o seu 71.º aniversário. Festejam pensando em oferecer-lhe o melhor presente, que é a notícia de nossa própria libertação.

Celebramos assim este dia de festa internacional porque honramos na figura máxima de nossa época, homem símbolo do partido que lhe deu tempera de aço, cabeça vigorosa de sábio, pulso de soldado e construtor, toda uma obra de redenção e felicidade, de paz e gigantesco progresso, que ele tão bem encarna, à frente de uma já invencível comunidade de povos e nações livres. Festejamos com amor e devoção essa vida que nos é tão cara, porque na experiência de seus 71 anos medimos também o formidável salto histórico do gênero humano. A distância que medeia do modesto filho de sapateiro recrutado pela revolução ao genial arquiteto de um mundo sem miséria, sem injustiça, sem opressão, é a que separa os tempos bárbaros do zarismo do mundo comunista de igualdade e fraternidade, o mundo da energia atômica empregada para remover montanhas, desviar o curso de rios, transformar terras desérticas em prados floridos, em bosques, em campos aráveis. Admiramos e amamos em Stálin a força incontestável dos povos em marcha, transpondo a fronteira sombria da pré-história da sociedade dividida em classes, para a verdadeira e luminosa história do homem civilizado, dominando a natureza em seu próprio benefício, organizando e prolongando a vida em bases racionais e justas.

Dessa força insuperável dos povos, que Stálin simboliza e dirige, nove décimos da humanidade esperam, confiantes, a vitória final nestes dias de ameaçadora tensão. Pôde ela em sua primeira fase de desenvolvimento retardar a segunda guerra que os imperialistas começaram a tramar desde 1918. Pôde ela esmagar a Hitler e suas serpentes nazistas no covil de Berlim. Será capaz de triturar os sucessores de Hitler, os criminosos de guerra que premeditam a ruína total da humanidade num duelo de armas atômicas. E, mais ainda, terá, com o apoio crescente dos amigos da paz, o suficiente poder de impedir que os Franksteins do capitalismo, os monstros da marca do sinistro Harry Truman passem do bombardeio de populações civis na Coreia, da matança impiedosa de mulheres e crianças, da agressão aberta aos povos que lutam por sua libertação nacional e social à conflagração universal.

Para isso, é mister que os partidários da paz em geral e particularmente os que estamos festejando por toda a face da terra o 71.º aniversário de Stálin, compreendamos nossa responsabilidade no atual momento histórico e passemos dos votos, dos anelos, das palavras à ação. É conquistando a nossa própria liberdade e independência nacional que nos somaremos da maneira mais efetiva às forças da paz e do progresso, mostrando-nos dignos de pertencer a esse mundo novo, honrando a época que Stálin constrói e representa.

Leia - Divulgue e Assine
PROBLEMAS

PORQUE EXIGIMOS RELAÇÕES COM A URSS.

RUI FACO

Em toda a nossa história, o povo brasileiro nunca alimentou animosidade contra qualquer nação. Não há um só exemplo no nosso passado, até a Revolução Socialista de 1917 na Rússia, de ignoramos durante decênios e existência de qualquer país. Assim é que estabelecemos rapidamente relações diplomáticas e comerciais com os novos Estados europeus surgidos depois da primeira guerra mundial.

Pergunta-se então: por que se mantém em nosso país uma atitude oficial de ignorar a União Soviética com seus 200 milhões de habitantes sobre uma sexta parte do globo terrestre?

A resposta é evidente: as apodrecidas classes dominantes do Brasil, amarradas de pés e mãos aos banqueiros dos Estados Unidos e em vias de desaparecer para sempre, temem o contacto com a realidade, com a luz do dia, com a vida. Mergulhadas no obscurantismo medieval próprio das classes decadentes, timbram em desconhecer o primeiro Estado Socialista da história.

Mas é claro que isso apenas denuncia fraqueza, medo do futuro, ódio mortal à libertação da classe operária e das massas camponesas pobres de nosso país.

No entanto, se existem insofismáveis estes fatores internos, não menos poderosos são os fatores externos que impõem essa situação anormal. Estes últimos podem ser resumidos na pressão direta que exercem os imperialistas

norte-americanos para impedir que mantenhamos relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética.

Só os ingênuos ignoram que o governo de D. O. rompeu relações com o governo da URSS depois de um breve período em que pela primeira vez elas haviam sido entabuladas — por ordem direta do Departamento de Estado do governo dos Estados Unidos. Era uma decorrência do agravamento da situação internacional, causada pelos preparativos de guerra e pelos planos expansionistas norte-americanos, e resultado de um novo e mais exacerbado programa de colonização lanque dos países da América Latina.

Para os imperialistas, nossas relações com a URSS colocariam em perigo sua posição de monopolistas do nosso comércio exterior e do próprio desenvolvimento da economia nacional brasileira.

Significaria, para nós, o estabelecimento de relações diretas com a URSS, libertar-nos, pelo menos parcialmente, das imposições odiosas dos monopolistas de Wall Street.

Estabelecer-se-ia, de maneira flagrante, a diferença entre as imposições ditadas pelos financistas norte-americanos e o tratamento em igualdade de condições ao Estado soviético. A URSS seria um novo e vasto mercado para os nossos produtos, a começar pelo café, que vive à mercê do jogo da bolsa de Nova York, como acontece

em geral com as nossas matérias primas, dada o algodão e a borracha até os minérios.

Ainda no terreno das relações puramente econômicas, é chocante a diferença que existe entre as nossas relações com os Estados Unidos e as relações da União Soviética com seus vizinhos.

Enquanto somos reduzidos pelos imperialistas norte-americanos a simples fornecedor de matérias primas para suas indústrias e mercado para seus produtos manufaturados, a poderosa economia soviética, livre de crises, promove o desenvolvimento industrial em larga escala de países como a Tchecoslováquia, Polónia, Rumânia, Hungria, Bulgária, Albânia, ajudando-as a recuperar-se rapidamente das destruições da guerra e favorecendo o bem-estar e a felicidade de seus povos. Através de importantes acordos com a República Popular da China, a União Soviética está fornecendo ao povo chinês milhares de tratores para o cultivo dos seus campos, perfuratrizes para seus terrenos petrolíferos, refinarias para seu combustível, instalações completas para a produção de máquinas que vão ajudar o povo chinês a libertar-se de um negro passado de atraso e miséria com que o esmagaram durante séculos os colonizadores estrangeiros, particularmente os norte-americanos.

Enquanto isso, somos reduzidos pelos Estados Uni-

dos a uma situação de colônia, e um governo de tração nacional como o de Dutra rompe relações com a URSS para que fiquemos mais submissos ainda ao imperialismo lanque. Destina 50 milhões de cruzeiros em gêneros para alimentar a agressão lanque contra a Coreia quando o nosso povo sofre privações de toda sorte. Consciente que a Armour, a Swift, e a Anglo exportem carnes para os exércitos de Truman enquanto o câmbio negro da carne campeia no país inteiro, inacessível às camadas pobres da população.

É um crime permitir que tal situação se prolongue, pois há todos os indícios de que as classes dominantes querem prolongá-la e agravá-la ainda mais. Isso está perfeitamente claro das declarações do velho ditador Getúlio Vargas, que se confessa vendido aos traficantes de guerra norte-americanos para levar-nos a participar das agressões que os Estados Unidos desencadeiam na Ásia.

Resistir e lutar — é nosso dever de patriotas. Lutar defendendo a paz, recusando derramar nosso sangue pelos banqueiros de Nova York, e lutar pelo mais alto objetivo que temos em vista: a conquista de um governo democrático popular que seja defensor consequente da paz e da colaboração amistosa com todos os povos, particularmente com a grande Pátria de Stálin, a gloriosa e invencível União Soviética, que amamos e seguimos como a estrela polar de nossa luta de libertação nacional.

O Camarada Stalin e a Participação Das Mulheres na Construção do Socialismo

LOURDES SILVA

LOURDES SILVA

Uma vez mais o mundo comemora o aniversário do grande Stalin, e os corações das mães do mundo inteiro se enchem de júbilo ao reverenciarem a figura do maior guardião da Paz.

Stalin completa 71 anos e são 71 anos dedicados à classe operária. Uma vida de trabalho intenso pelo bem de seu povo e pelos mais puros ideais de toda a humanidade, dedicados à edificação do socialismo.

Na construção dessa obra imensa, Stalin, assim como Lenin, compreendeu a importância decisiva da participação mais efetiva das mulheres. Compreendeu-a como uma grande força que representava a metade da população, vendendo na sua condição de companheira do homem, de mãe, tendo condições especiais de colaboração na grande tarefa que o socialismo se propunha realizar, da educação da infância para a formação de uma juventude sábia.

Compreendeu por outro lado o entrave que ela poderia constituir se não lhe fossem asseguradas, na prática, condições materiais e morais que favorecessem a sua cooperação.

«Ela pode ser de utilidade imensa, se libertada das trevas da ignorância. E, ao contrário,

pode frear a obra inteira, se continuar escrava da ignorância», disse Stalin. Compreendeu ainda que era indispensável libertá-la da escravidão das atividades domésticas, que a traziam «presa ao fogão e ao quarto dos filhos».

Ao se lhe assegurar direitos iguais aos do homem em todos os setores da vida, fazia-se necessário que se executassem medidas práticas que garantissem de fato o gozo desses direitos e permitissem à mulher viver a vida econômica, política e social de seus pais. Além disso, era preciso tornar possível o seu desenvolvimento cultural, no terreno das letras das artes e das ciências.

Esse problema foi resolvido e essas medidas postas em prática, através de uma vasta rede de creches e jardins de infância, onde a mulher pode deixar seus filhos durante todo o tempo em que se ocupa com o trabalho ou o estudo. Assim, a mulher soviética, dando sua contribuição valiosa para o progresso de sua Pátria, não desce da primeira tarefa que o Estado lhe impõe: educar seus filhos. Ela participa da discussão dos trabalhos escolares das organizações de assistência e educação realizadas pelos Comitês de País. Através da educação orientada que ela lhe ministra no lar, auxiliada pelos ensinamentos

de eminentes pedagogos, as mães soviéticas preparam seus filhos, com mão segura, no caminho que conduz ao comunismo.

É assim que existem hoje na União Soviética meio milhão de mulheres deputadas aos Soviets locais e cerca de duzentas mulheres deputadas ao Soviet Supremo da URSS. Mais de 40% dos trabalhadores da economia nacional são mulheres e também o são 44% do total de especialistas com instrução superior. Centenas e centenas de mulheres são condecoradas com o título de herói do trabalho socialista.

Por outro lado, as mães de famílias numerosas merecem um carinho especial do governo soviético e recebem abonos que lhes facilitam satisfazer as necessidades de seus filhos. São também condecoradas com títulos de «Mãe heroica».

Nesses trinta e três anos de regime socialista, a mulher soviética teve condições e estímulo para ser a verdadeira mãe de seus filhos e a cidadã capaz de corresponder aos deveres que lhe impõe o Estado.

Isto é tudo o que sintetiza para nós o camarada Stalin: o objetivo que desejamos alcançar.

A luz de seu exemplo e sob sua orientação, as mulheres das Movas Democracias Populares já alcançaram também esse objetivo e as da grande Repú-

blica Popular da China já constroem ao lado de seu povo, o socialismo em sua Pátria.

Também nós, mulheres brasileiras, o alcançaremos, se seguirmos o caminho que elas seguiram. Os objetivos de emancipação da mulher brasileira e os seus anseios de uma vida melhor para seus filhos são reivindicações que só poderão ser obtidas com a abolição da propriedade privada da terra, com um governo popular e democrático, com a aplicação, enfim, dos 9 pontos do programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, apresentados pelo camarada Prestes no histórico Manifesto de 1.º de Agosto.

Eis porque a nossa luta, conservando o seu caráter específico, deve estar ligada à luta de nosso povo pela sua independência nacional, pela vitória do socialismo em nossa Pátria.

Eis o porquê da nossa luta pela Paz, visando assegurar a vida do mundo bom que já foi construído por nossas irmãs soviéticas, sob a liderança do camarada Stalin, luta que visa conseguir um ambiente pacífico onde nós também, e os povos de todo o mundo, poderemos alcançar o socialismo.

Asseguremos o desenvolvimento de nossa luta, intensificando nosso trabalho. Esse é o melhor presente que podemos dar a Stalin!

STÁLIN, HOMEM SIMPLES E JOVIAL

HENRI BARBUSSE

N. da R. — Nos últimos anos de sua vida, Henri Barbusse escreveu a biografia de Stalin. Cordeiro assim, de forma magistral, sua grande atividade de propagandista da nobre causa do socialismo e da paz. Barbusse, na biografia de Stalin, previu que a guerra era a única saída para Hitler, caracterizou o regime feudal-militarista japonês e assegurou que este também seria derrotado. E escreveu: «Mas há outro campo. Há as forças aéreas. Milhões de olhos se abrem sob a influência da luz. Todo o mundo dirige suas vistas para a União Soviética.»

Barbusse morreu em 1935. Mas nos seus livros já dava resposta ao grande problema de nosso tempo, a vitória do grande e novo mundo a cuja frente se acham o grande e novo mundo a cuja frente se acham o grande e novo mundo. Barbusse é ainda hoje o medão do intelectual combatente. Nas suas «Cartas do Ocidente», contra Lunatcharski que conversava certa vez com Lenin sobre Barbusse. Wladimir Illich tinha o olhar distante e o atalho de subite: «Sim! que repercussão tem a sua voz!» Tal era Barbusse, grande escritor francês, autor de uma das melhores biografias de Stalin, campeão da paz e chefe dos povos.

Este homem claro e luminoso é também um homem simples. Não é difícil falar com ele senão porque está sempre trabalhando. Quando se vai vê-lo numa das salas do Kremlin não se tropeça com mais de três ou quatro pessoas ao pé de uma escada e nas entradas. Esta simplicidade orgânica nada tem de comum com a simplicidade aparata de algum monarca escandinavo que se digna sair

pelas ruas ou de um Hitler que faz a sua propaganda apregoar que ele não bebe nem fuma. Stalin dorme regularmente as quatro da manhã. Não tem trinta e dois secretários como Lloyd George: só tem um, o camarada Proskobitchev. Não assina o que os outros escrevem. Entregam-lhe o material e ele o faz todo. Tudo passa por suas mãos. E isto não impede que responda ou faça responder todas as cartas

que recebe. Quando se o encontra, mostra-se cordial, familiar. Sua «franca cordialidade», diz Serafina Gopner; sua «bondade», sua «delicadeza», diz Barbara Djaparidze, que lutou a seu lado na Geórgia; sua «jovialidade», diz Orajelachvili. Ri como uma criança.

Na solenidade de encerramento do jubileu de Gorki, na Grande Ópera de Moscou, alguns dos personagens se reuniram nos entre-cos nos bastidores onde outrora comparavam o imperador ou algum grão-duque. E ali faziam um alvoroço infernal. Todos riem ruidosamente. Ali estavam Stalin, Ordjonikidze, Molotov, Voroshilov, Kagonovich e outros. Contavam anedotas da guerra-civil, recordavam fatos pitorescos. «Lembra-te de quando caíste do cavalo?» «Sim, Sei lá o que estava se passando com aquele maldito animal!...» E rebentava uma gargalhada hercúlea, uma jovialidade energética, um troar juvenil que fazia vibrar os adornos imperiais dos salões, breve e franco repouso dos arquitetos da grande construção.

Também Lenin sabia vir com todas as forças.

«Jamais vi um homem — disse Gorki — cuja rizada fosse tão contagiante quanto a de Wladimir Illich. Até parecia estranho que um realista

fosse austero, um homem que com tanta clareza via e tão profundamente sentia a influência das grandes tragédias sociais, um homem inquebrantável no seu ódio pela sociedade capitalista, pudesse rir assim, até derramar lágrimas, até perder a respiração. E Gorki conclui: «É preciso uma enorme, uma sólida saúde moral, para poder rir desse modo.»

Ele que ri como uma criança ama às crianças. Stalin tem três: o maior, Jacheká, e dois menores, Vassil, de quinze anos e Svetlana, de oito. Sua mulher Nadeia Abshilova, morreu no ano passado; sua filha Nina já não é mais que uma bela «figa nobremente plebéia» e um formoso braço de mármore branco destacando-se de uma grande cabeça no cenitério do Novo Devitchi. Stalin praticamente adotou a Antim Sergueiev, cujo pai morreu num acidente em 1921. Demonstrou uma solicitude paternal pelas duas filhas de Djaparidze, fugidas pelos ingleses em Bakú. E por quantos outros! Ainda parece que estão vendo a satisfação de Arnold Kaplan e de Boris Golstein, dois pequenos produtores de piano e de violino, quando me contavam como Stalin os havia recebido depois de seu triunfo no Conservatório, e inclusive lhes havia dado três mil rublos a cada, dizendo-lhes: «E agora que vocês são capitalistas, ainda falarão comigo encontrando-me na rua?»

Sobre o humor de Lenin e de Stalin, e por assim dizer na mesma categoria de fenômenos, deve-se situar sua ironia. Na menor ocasião, fazem dela um uso abundante. E com prazer de Stalin dá uma forma divertida ou satírica à expressão do seu pensamento.

Damião Bledny nos conta uma história preciosa. «Em vésperas das jornadas de julho de 1917 nos encontramos, Stalin e eu na redação da «Pravda». O telefone toca. Os marinheiros de Cronstadt consultam Stalin. «Deve-se ir à manifestação com fuzil ou sem fuzil?» «Que responder por telefone?», disse para mim mesmo, preocupado. «Isto de fuzil e coisa de vocês, camaradas.

Voz dos Campos

OS CAMPONESES E O ANIVERSARIO DE STALIN

O aniversário do generalíssimo Stalin é um dia de festa, de alegria e reforçamento da vontade de luta de todos os povos que desejam a liberdade, a paz, o progresso e o socialismo. Para as grandes massas oprimidas dos países capitalistas, das colônias e semi-colônias, especialmente, o nome e a obra de Stalin são uma certeza luminosa de que, por mais duras que sejam as lutas que tenham de enfrentar elas também conseguirão se libertar do jugo escravizador em que vivem e marchar, com os povos da URSS e das Democracias Populares, livres e felizes pelo caminho do socialismo.

Por isso, para os camponeses do Brasil, o aniversário de Stalin é um grande dia de festa e de lutas. Os camponeses brasileiros, que lutam pela terra e contra a escravidão semi-feudal dos latifúndios, encontram na grande obra de Stalin os ensinamentos e os exemplos para lutar, vitoriosamente, as suas lutas. Na pátria de Stalin, na União Soviética, já não existem camponeses sem terra, já não existem camponeses sem terras. E por que? Porque os camponeses russos, sob a direção do Partido Bolchevique de Lenin e Stalin, sob a direção da classe operária revolucionária, realizaram a revolução contra os capitalistas e os latifundiários, criando o Estado Socialista que deu a terra aos camponeses, que lhes deu máquinas agrícolas e eléctricas, sementes e assistência técnica — e que transformou a agricultura soviética na agricultura mais avançada do mundo e os camponeses soviéticos nos camponeses mais livres, mais prósperos e mais felizes do mundo.

É o mesmo caminho que os camponeses brasileiros têm de seguir para conquistar a sua liberdade, caminho que lhes aponta o grande Prestes, discípulo fiel de Stalin. Assim, festejando o aniversário de Stalin em cada vila e fazenda, os camponeses devem se reunir para por alguma coisa sobre a vida de Stalin, para ler e discutir o Manifesto de Prestes, organizar Comitês Democráticos de Libertação Nacional e organizar novas e novas lutas por suas reivindicações, pela tomada das terras dos latifundiários, pela paz e a independência nacional.

Nos, os escritores levantes sempre o lapis conosco. Naturalmente — conclui Bledny — diante da resposta de Stalin todos os marinheiros compareceram à manifestação com os seus «lapis».

Além disso, também sabe ser modesto. Quando Ludwig exclama, a propósito de uma resposta sua: «O senhor não responde gentilmente?», responde Bledny: «Que sabe? Pois não que o senhor me iderize um pouco? Em troca, quando o senhor me perguntar: «O senhor que se pode comparar com Pedro, o Grande?», eu respondo sem hesitar: «As comparações históricas são sempre antiepidicas. Boa noite».



Stalin em visita a um Kolkhoz, durante a batalha pela colectivização da agricultura, que transformou radicalmente a face do campo na U.R.S.S. De um país de pequenas explorações agrícolas, de pequeno rendimento, a U.R.S.S., com a transformação socialista no campo passou a ser o país da agricultura mais altamente desenvolvida, onde já não existem camponeses pobres.

UM INEDITO DE STALIN

O Partido Social Democrata da Rússia E Suas Responsabilidades Mais Urgentes

Contando apenas 22 anos de idade, Stalin funda o jornal georgiano ilegal «Brdzola» («A Luta»), que se coloca inteiramente nas posições de Lenin. O texto abaixo foi extraído de um grande artigo de Stalin, aparecido no número de novembro-dezembro de 1901.

O PENSAMENTO humano conhece muitas atribuições, sofrimentos e mudanças antes de chegar ao socialismo elaborado e fundado sobre uma base científica. Os socialistas da Europa Ocidental erraram durante longo tempo, como cegos, pelo deserto do socialismo utópico, antes de desbravar seu caminho, antes de estudar e de estabelecer as leis da vida social e, em consequência, a necessidade do socialismo para a humanidade.

Desde o começo do último século, a Europa produziu numerosos pensadores e sábios corajosos, devotados e honestos, que se esforçavam por determinar o que podia salvar a humanidade dos males que não fazem senão se multiplicar e se agravar com o desenvolvimento do comércio e da indústria. As tentativas de suprimir a opressão da maioria pela minoria fizeram desabar muitas tempestades e muitas ondas de sangue sobre a Europa Ocidental, porém o mal não foi vencido, as feridas continuavam abertas e os sofrimentos tornavam-se cada dia mais difíceis de ser suportados. Para isto havia uma causa principal o fato de que o socialismo utópico não revelava as leis da vida social, mas pairava acima da vida, dela se distanciando constantemente, quando se tornava preciso um sólido laço com a realidade.

A tarefa mais urgente em que se fixavam os utopistas era a realização do socialismo, numa época em que a vida não oferecia nenhuma base para esta realização; por outro lado, o que era ainda mais afilativo pelos seus resultados, os utopistas contavam ver realizar o socialismo pelos poderes deste mundo os quais, na sua opinião, podiam facilmente se convencer da justiça do ideal socialista. (Roberto Owen, Louis Blanc, Fourier, etc.). Esta concepção dissimulava inteiramente a realidade do movimento operário e da massa operária, única portadora natural do ideal socialista. Eis o que os utopistas não podiam compreender. Eles queriam criar a felicidade sobre a terra através do caminho legislativo, através de declarações solenes, sem a ajuda do povo, dos próprios operários. Eles não davam nenhuma atenção particular ao movimento operário e, frequentemente mesmo, lhe negavam importância. Em consequência, suas teorias permaneciam no estado de teorias e passavam à margem da massa operária, na qual, ainda que de modo inteiramente independente dessas teorias, a grande idéia proclamada no meio do século último pelo genial KARL MARX — «A libertação da classe operária não pode ser senão obra da própria classe operária... Proletários de todos os países, uni-vos!»

Destas palavras decorre esta verdade, hoje evidente mesmo para os cegos, de que a realização do ideal socialista exige a ação dos próprios operários e sua união numa força organizada, independentemente de sua nacionalidade e de seu país de origem. Era indispensável fundar esta verdade — foi o que MARX e seu amigo ENGELS realizaram magistralmente — a fim de lançar as sólidas bases do poderoso Partido Social Democrata que domina hoje, destino impiedoso, o regime burguês europeu e ameaça de destruí-lo e de edificar sobre suas ruínas o regime socialista.

Destas palavras decorre esta verdade, hoje evidente mesmo para os cegos, de que a realização do ideal socialista exige a ação dos próprios operários e sua união numa força organizada, independentemente de sua nacionalidade e de seu país de origem. Era indispensável fundar esta verdade — foi o que MARX e seu amigo ENGELS realizaram magistralmente — a fim de lançar as sólidas bases do poderoso Partido Social Democrata que domina hoje, destino impiedoso, o regime burguês europeu e ameaça de destruí-lo e de edificar sobre suas ruínas o regime socialista.

Estudar Stálin Para Assimilar e Aplicar o "Manifesto de Agosto"

Tribuna
de Discussão

EXPERIÊNCIA DE UM CAMARADA

COM o lançamento do «Manifesto de Agosto» a classe operária e as massas trabalhadoras do Brasil passaram a contar com um roteiro seguro na luta contra o imperialismo e o poder feudal burguês. Neste documento básico, Prestes, o chefe da revolução brasileira, traçou uma linha política justa, consequentemente revolucionária, que permite ao nosso povo, guiado pelos comunistas, empreender sem maiores delongas a luta por um governo democrático e popular, que liberte o país do jugo imperialista e o coloque entre as nações que defendem a paz e a democracia.

«O «Manifesto», entretanto, por si mesmo não basta. Ele só se torna uma força à medida em que é assimilado pelas massas e se transforma em ações revolucionárias de massas. Nossa linha política se desenvolve, assim, ao ser comprovada na prática, nas lutas populares parciais contra a reação. Os comunistas, ao lutarem pela aplicação do Manifesto junto às massas, vão compreendendo melhor e enriquecendo ainda mais o seu conteúdo político. Desse modo, nossa linha política vai adquirindo raízes sempre mais vigorosas, a luta ad-

quire contornos cada vez mais nítidos e as próprias bases teóricas de nossa posição política vão sendo aprofundadas e desenvolvidas.

A realização desta grandiosa tarefa, porém, exige, por outro lado, o estudo dos clássicos do marxismo-leninismo, sobretudo da obra do camarada Stálin, mestre genial da revolução nos países coloniais e dependentes como o nosso. E' nos livros de Stálin que vamos encontrar a grande fonte de ensinamentos para o controle e a generalização da experiência prática de nossas lutas.

A leitura e o estudo de obras como «História do Partido Comunista (b) da U.R.S.S.», «Fundamentos do Leninismo», «O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial» assume hoje, mais do que nunca, uma importância decisiva para a realização vitoriosa da revolução democrática em nosso país. Todos os revolucionários verdadeiramente conscientes têm o dever de estudar não somente aquelas obras como também os trabalhos de Stálin que a revista «Problemas» vem publicando ultimamente. Nesses trabalhos Stálin nos apresenta modelos insuperáveis de análises de situações concretas, nas qua-

is extrai generalizações teóricas preciosíssimas, que fazem da arte de direção da revolução nos países coloniais e dependentes uma verdadeira ciência. Neles aprendemos ensinamentos sobre o papel do movimento de libertação nacional na revolução proletária mundial, e o desmascaramento do nacional-reformismo e do nacionalismo burguês, a luta contra o oportunismo de toda espécie, sem falar das valiosas indicações para a luta pela paz e contra os provocadores de guerra.

Particularmente nos escritos de Stálin sobre a China encontramos uma série de questões abordadas e resolvidas de maneira genial, que conservam hoje uma atualidade que só não podemos dizer impressionante porque compreendemos que Stálin é um marxista criador, que Stálin faz ciência. Basta referir aqui, por exemplo, a formulação e generalização que nos dá Stálin de alguns princípios táticos do leninismo, em seu trabalho «Comentários Sobre Temas Atuais». Falando do segundo desses princípios, a utilização obrigatória, pelo proletariado, de todo e qualquer aliado de massas, por

VICTOR KONDER

mais vacilante que seja, Stálin referindo-se ai aos adversários da revolução chinesa, nos transmite este ensinamento de ouro para a hora presente:

«A fim de derrotar esses adversários poderosos, são necessários, além de tudo o mais, uma política flexível e bem meditada do proletariado, a capacidade de utilizar cada brecha no campo dos adversários, a capacidade de encontrar aliados, mesmo que estes sejam aliados vacilantes, pouco seguros, com a condição de que sejam aliados DE MASSAS, QUE NÃO RESTRINJAM a propaganda revolucionária e a agitação do Partido do proletariado, NÃO RESTRINJAM o trabalho deste Partido na organização da classe operária e das massas trabalhadoras.

Esta política é exigência fundamental do segundo princípio tático do leninismo. Sem esta política, é impossível a vitória do proletariado.»

Exemplo brilhante da capacidade de previsão científica de Stálin, encontramos, entre outros, no trabalho «Sobre as perspectivas da Revolução na China». Stálin define ai, escrevendo em 1926, o caráter fundamental

que teria o futuro poder na China, exatamente como o é hoje a República Popular da China dirigida por Mao Tsé-Tung: «Penso que o futuro poder revolucionário na China lembrará, em geral, por seu caráter o qual se falou em nosso país, em 1905, isto é, algo no gênero da ditadura democrática do proletariado e do campesinato, com a diferença, porém, de que será um poder anti-imperialistas por excelência.

Será um poder de transição para o desenvolvimento não capitalista ou, com mais exatidão, socialista da China.»

Hoje sabemos que este também será fundamentalmente o caráter do poder em nosso país, quando, guiados pelos ensinamentos de Stálin e sob o comando de Luiz Carlos Prestes, derrubar-mos o poder do imperialismo e sua ditadura feudal-burguesa.

Será preciso mais para nos convencermos definitivamente que é obrigação nossa divulgarmos por todos os modos os trabalhos de Stálin, que devemos promover a leitura e o estudo de seus livros e de seus artigos publicados em «Problemas»?

Não é esta uma das formas mais justas de comemorarmos o 71º aniversário do grande Stálin?

Quando incluíamos os comandos de difusão da VOZ OPERÁRIA encontramos certas dificuldades. Algumas decorriam de incompreensão nossas. Pensávamos: será que o povo não compreende o jornal? E uma série de perguntas iguais nos assaltava. Ultimamente, porém, chegamos à conclusão de que nós é que não sabíamos interessar o leitor, não sabíamos apresentar o nosso jornal. Levávamos a nossa cota da VOZ OPERÁRIA aos moradores dos morros, ficávamos nas generalidades quando oferecíamos o jornal, sem mostrar o seu verdadeiro conteúdo. Muitas vezes tínhamos até receio de dizer de que jornal se tratava.

Verificadas as nossas debilidades no próprio trabalho, concluímos que deveríamos apresentar o jornal como um órgão legal e defender o nosso direito de divulgá-lo abertamente.

Assim é que passamos a dizer ao leitor o nome do jornal que estavam vendendo e o fim a que se propõe.

Esta foi a nossa primeira etapa no sucesso dos nossos comandos da VOZ.

Ultimamente verificamos que devíamos conhecer o conteúdo do jornal antes de levá-lo para a rua. E assim fizemos. Passamos a ler pelo menos as matérias fundamentais, a começar pelo comentário nacional e pela manchete da primeira página.

Num dos nossos últimos comandos — o do número comemorativo do 27 de novembro de 1935 — lemos cuidadosamente, com antecipação, as principais matérias e nos sentimos melhor armados para enfrentar a tarefa. Chegando ao leitor provável, não lhe perguntamos se queria comprar o jornal, mas dizíamos que tínhamos ido levar-lhe o jornal, que era o número comemorativo do movimento nacional-libertador de 1935, e passávamos a explicar o significado da grande data do proletariado brasileiro.

Resultado: vedemos rapidamente todos os jornais que levávamos — depois de dobrada nossa cota normal — e fizemos ao mesmo tempo um trabalho de esclarecimento político entre os moradores do morro que visitamos.

Concluimos então que primeiro devíamos apresentar o jornal como órgão legal de defesa e esclarecimento político do trabalhador e do povo, sendo indispensável a nós mesmo conhecermos o conteúdo do jornal para melhor argumentarmos sobre sua importância, interessando ao leitor pelos diversos materiais nele contida.

JULIA



(Poxoreu — Mato Grosso)
J.S. Freire.

TREMENDA EXPLORAÇÃO NA FOGÕES DAHO

Trabalho na indústria de Fogões Daho. Nessa indústria os operários ganham uma miséria: Cr\$ 4,00 a Cr\$ 4,50.

Não temos um refeitório. Quando os patrões fizeram a transferência da fábrica de São Paulo para Campinas, prometeram diversas coisas, mas eu não vejo nada. Nossa comida, feita pelas primeiras horas da manhã, azeda com essa temporada de calor. Todos comem assim mesmo, porque não sabem e mais tarde vão ser prejudicados.

Os patrões fazem o horário de 7 às 11 e 12,30 às 17 ou 18. Se nós não fazemos uma hora de sobre tempo, perdemos o descanso remunerado. Isso acontece atualmente.

Sempre digo que nós devemos sair às 17 horas e ganhar o suficiente. Agora estamos lutando pelo abono de Natal. Outra coisa importante é que o patrão deu Cr\$ 1.000.000,00 para fazer o campo de futebol,

STÁLIN: A ESPERANÇA DE MILHÕES DE

(Conclusão da pag. 1)

Não somente grandes por si mesmos. Morgulham no mais profundo das massas. Encarnam o mais nobre ideal, as melhores aspirações das massas trabalhadoras do mundo. As massas querem que eles sejam grandes, porque, na grandeza destes homens, vêem sua própria grandeza. Eis porque todo o povo soviético, eis porque as massas trabalhadoras dos países capitalistas e toda a humanidade progressista dizem com orgulho: «O grande Lenin!» «O grande Stálin!» «Que viva muito tempo nosso querido e grande Stálin!»

(1) decabristas

propaganda esportiva e outras coisas, sendo que algumas não são necessárias. Portanto eles têm dinheiro para dar o abono. Mas diante da nossa exigência do abono, nem fizeram manifestação alguma. Nosso papel é continuar lutando, cada vez com mais disposição e audácia.

HA POUCOS DIAS ESTIVE EM ANGRADOS REIS

Estive no distrito de Mombocaba, em Angra. Lá reside perto de mil pessoas. Pois bem, em Mombocaba não existe nenhuma assistência médica. O único remédio que por lá se encontra são alguns comprimidos de Anti-Gripal. Segundo me informou um velho morador da localidade, a epidemia de sarampo vem matando muitas crianças. E também o impudismo, que o ditador Dutra diz ter acabado no Brasil. Conversando com a professora local ela me informou que as professoras não querem lecionar no distrito, porque fica distante da cidade e não possui condução. Os habitantes de Mombocaba devem lutar pela construção de um pequeno posto médico e para que a Prefeitura forneça uma lancha para o transporte de professoras.

Visitando o navio «Barroso», do Loid, ancorado no porto de Angra, e conversando com seus tripulantes, inclusive o comandante, disseram-me que enquanto dão as melhores cargas aos navios estrangeiros, aos nacionais só dão cargas ruins, ficando quase exclusivamente limitadas às cargas de sal.

F. SARMENTO
(Estado do Rio)

VOZ dos LEITORES

COM O PROGRAMA DE PRESTES OS CAMPONESES DE PARANAI

Como camponês pobre arrendatário de uma pequena gleba de terra na Fazenda Paranaí, juntamente com doze famílias que aqui trabalham só temos passado fome e miséria, porque este é o costume do nosso patrão, o Sub-Prefeito grileiro, capanga de Iris Spinardi, em Ouro Verde, Taurino Pereira Moreira. Quando as lavouras estão criadas eles cortam o fornecimento e nós temos que passar nos alimentando com feijão e mandioca assada na brasa ou feita beijú. As crianças daqui, de menos de um ano de idade, ficam sem leite e sem arroz para comer e, se nós, os pais, saímos para trabalhar um dia fora, para ganhar 15 cruzeiros e comprar leite para as crianças, os fiscais e os capangas vão nos buscar presos e nos entregam à polícia. Se nós criamos uma cabrita que dá leite às crianças, o fazendeiro toma dor dívida e mata para comer, tirando o leite da boca das crianças.

E assim que vivem os camponeses de Paranaí. A situação é de miséria e o único meio é pegar nas armas para lutar contra estes inimigos do povo. Li o Manifesto de 1º de Agosto publicado por Luiz Carlos Prestes e vejo que o Cavaleiro da Esperança nos aponta o caminho da revolução, que é justamente por onde devemos seguir. Vejo também que é necessário organizar os Comitês da Frente Democrática de Libertação Nacional e organizar o povo brasileiro para libertar o nosso país das mãos

sangrentas de Dutra, desse governo que recebe grande quantidade de dólares dos americanos a troco do sangue de nossa juventude.

Nós aqui estamos dispostos a lutar pelo Programa revolucionário que Prestes nos indica. Temos em vista o Ponto 4 do Programa do Manifesto que dá direito à entrega da terra a quem nela trabalha, a confiscoação imediata das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis nelas existentes, ferramentas, animais, veículos, etc. aos camponeses sem terra e possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura, abolição de todas as formas semi-feudais de exploração, abolição da meia, da terça, etc.

Nós já sabemos que o essencial é lutar e organizar os Comitês Democráticos de Libertação Nacional para arrancar nossa patria das mãos de Dutra, Ademar e Cia. que neste momento querem arrastar o nosso povo para carne de canhão nas aventuras de Truman, na infame agressão armada aos nossos irmãos da Coreia. Estamos dispostos a lutar por um governo democrático e popular que nos ajude a expulsar os invasores ianques de nosso país. Viva o Brasil independente. Viva a União Soviética! Viva o homem que nos aponta o caminho da revolução, Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança.

JOSE' G. DE ALMEIDA — Paranaí.

SOLIDÁRIO COM PRESTES O POVO DE POXOREU

Os traficantes de guerra do Brasil, querendo mandar para a Coreia a nossa mocidade para morrer na guerra de rapina de Wall Street contra o povo coreano e sentindo que estando Prestes e seus companheiros em liberdade essa tarefa se torna difícil, resolveram pedir a prisão preventiva dos melhores filhos da nova bra-

sileiro. Todos sabem. A prisão foi decretada porque onde anda outro tudo se alcança para essa gente, mas nós brasileiros e democratas que vemos em Prestes e seus companheiros a única esperança de melhores dias, serviremos de escudo contra a malta reacionária que quer prender o futuro do Brasil. Os patriotas de Poxoreu, Raizinha Coité, em assembleia, resolveram protestar contra esse crime e dizer que jamais irão lutar na Coreia. Protestamos também contra a verbe-

de 50 milhões de cruzeiros destinados a ajudar os invasores desse país de heróis amantes da sua independência. Fora com os intrusos da Coreia. Deixem esse povo em paz! Salve Prestes! Tú jamais serás preso. Precisamos compreender bem a importância da tua liberdade, nos organizar e lutar de verdade por ela e por ti.

(Poxoreu — Mato Grosso)
J.S. Freire.

AS OBRAS DE STÁLIN

GUIAM A LUTA PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL, PELO COMUNISMO

Expulso do seminário em 1899, iniciando depois de 1901 a vida heroica e cheia de abnegação do revolucionário profissional, Stálin está preparado a aderir entusiasmado às concepções de Lênin expostas na «Iskra»: necessidade de reunir num partido único da classe operária os círculos e organizações dispersos através da Rússia, de construir um partido unido ideologicamente, fortemente centralizado e disciplinado, ligado ao movimento operário, capaz de empreender a luta revolucionária da massa.

A PRIMEIRA OBRA TEÓRICA

No seio do Partido, Stálin dirige a luta intransigente dos bolcheviques contra os oportunistas de todos os tipos. Organiza de maneira incomparável as edições bolcheviques clandestinas do Cáucaso, cujo papel é decisivo na luta ideológica e política por um partido de novo tipo. Em incomparáveis artigos, Stálin se revela um notável polemista, um escritor e teórico eminente. Stálin escreve então trabalhos fundamentais sobre os princípios ideológicos, orgânicos e táticos do partido operário marxista, notadamente o intitulado «Panorama das divergências do Partido» (1905). Esse trabalho não é somente uma defesa brilhante das concepções de Lênin. Mais ainda: é uma notável contribuição ao marxismo-leninismo, ao tesouro ideológico do bolchevismo.

Entre os artigos essenciais que se destacam nessa obra fundamental, da qual se diz com razão que se coloca nas vizinhanças de «Que Fazer?» de Lenin, podemos citar: «A resposta ao social-democrata» e «A Classe dos proletários e o Partido dos Proletários».

A QUESTÃO NACIONAL

É nesse mesmo período, em dezembro de 1904, que se publica o artigo de Stálin intitulado «COMO A SOCIAL-DEMOCRACIA TRATA O PROBLEMA NACIONAL». Mais do que um comentário do Programa do Partido Operário Social-Democrata Russo — o partido operário marxista — esse trabalho é uma exposição genial da teoria marxista-leninista do problema nacional, onde, empregando com rara maestria o método do materialismo dialético, Stálin repele a estreiteza nacional e se coloca resolutamente nas posições do internacionalismo proletário. Em sua obra fundamental «O MARXISMO E O PROBLEMA NACIONAL», escrito entre 1912-13 completado antes, durante e depois da Revolução de Outubro, com informes, teses e artigos que são um enriquecimento precioso da questão, Stálin desenvolve seu famoso artigo de 1904.

STÁLIN E A HEGEMONIA DO PROLETARIADO

Quando da Revolução de 1905, Stálin sustenta com energia a linha leninista da HEGEMONIA DO PROLETARIADO na revolução.

Em seus artigos «A INSURREIÇÃO ARMADA E NOSSA TÁTICA» e «A REAÇÃO SE AGRAVA», Stálin defende com vigor a necessidade da insurreição armada para derrubar a plutocracia e instaurar a República Democrática.

A LUTA CONTRA OS LIQUIDACIONISTAS

Depois do fluxo, o refluxo da Revolução. A insurreição de dezembro de 1905 é esmagadora. A luta entre bolcheviques e mencheviques reinicia-se encarniçada. Nesse período, a defesa dos princípios teóricos do bolchevismo é a tarefa imediata do Partido. Contra o anarco-sindicalismo, Stálin escreve uma série de artigos notáveis sob o título «ANARQUISMO OU SOCIALISMO?». Contra os ataques abertos ou hipócritas com que o marxismo é crivado, ele expõe com grande clareza a TEORIA DO MATERIALISMO DIALETICO E DO MATERIALISMO HISTÓRICO em relação com as tarefas imediatas da luta revolucionária do proletariado.

Em suas «CARTAS DO CAUCASO», Stálin dirige um nutrido fogo contra os liquidacionistas, contra esta podridão que falta de princípios do traidor Trotski. Esse período termina em 1912 com o nascimento do Partido Bolchevique, partido de novo tipo, que conduzirá à vitória o proletariado da Rússia. Obra prodigiosa do grande Lênin e de seu fiel discípulo Stálin.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

A formação do Partido Bolchevique coincide com o fim do refluxo da Revolução, com o início de um novo progresso do movimento revolucionário, que se segue ao massacre do Lena (4 de abril de 1912), quando o tzar manda assassinar operários na praça pública, em Petrogrado. Por indicação de Lênin e iniciativa direta de Stálin funda-se o primeiro diário bolchevique de massa, a «PRAVDA», cujo primeiro número é preparado sob a direção de Stálin. O papel da PRAVDA no desenvolvimento da ação revolucionária e a influência dos bolcheviques decidem o curso desse período, afirmando Stálin, posteriormente, que «SOBRE A «PRAVDA» DE 1912 SE LANÇARAM OS ALICERCES DA VITÓRIA DO BOLCHEVISMO EM 1917».

Stálin era então seu redator-chefe, como era ao mesmo tempo redator-chefe do semanário do Partido, «ZVEZDA». Saldos de sua pena aparecem, ao lado dos artigos de Lênin, inúmeros trabalhos que constituem um capital precioso do marxismo-leninismo. Citamos especialmente o «MANDATO DOS OPERÁRIOS DE PETERSBURGO A SEU DEPUTADO OPERÁRIO», sobre o qual Lênin escreveu:

«Mandem-no sem falta. Não deixem borrar. É MUITO IMPORTANTE que esse documento seja conservado».



O movimento operário russo já havia atingido um alto grau de desenvolvimento quando estourou a guerra de 1914.

Desde fevereiro de 1913 Stálin estava no exílio, isolado do Partido. Mas sua posição era a de Lênin, era a de todo o Partido Bolchevique. A notícia da revolução democrático-burguesa de fevereiro de 1917 chega até ele em Atchinski. A 12 de março Stálin volta a Petrogrado, onde no mesmo dia retoma a direção da «PRAVDA». Na ausência de Lênin, que se encontrava na emigração, na Suíça, é a Stálin que cabe a pesada tarefa de dirigir o Comitê Central do Partido e o Comitê Bolchevique de Petrogrado. Stálin mostra que o caráter da guerra, injusta e de rapinagem, não mudou com a substituição do regime zarista pelo governo provisório burguês de Kerenski. Ele define a tarefa fundamental do Partido naquela hora:

«CONSOLIDAR OS SOVIETS, GENERALIZÁ-LOS, LIGÁ-LOS ENTRE SI, TENDO À CABEÇA O SOVIET CENTRAL DOS DEPUTADOS OPERÁRIOS E SOLDADOS, COMO ÓRGÃO DO PODER REVOLUCIONÁRIO DO POVO».

A 16 de abril de 1917 Lênin desembarca numa estação ferroviária da Finlândia, sendo recebido por uma delegação operária conduzida por Stálin e uma grandiosa manifestação popular. No dia seguinte, Lênin formula suas famosas «TESES DE ABRIL», adotadas alguns dias mais tarde pela Conferência do Partido, e que dão aos bolcheviques a tarefa de transformar a revolução democrático-burguesa em revolução socialista.

Ao lado de Lênin, Stálin, estrategista e tático de primeira grandeza, dirige o COMITÊ MILITAR que organiza a insurreição em Petrogrado e desempenha um papel imenso na Revolução Socialista de Outubro de 1917. Seus escritos, artigos e informes mais famosos dessa época estão publicados, assim

como os de Lênin, numa coletânea intitulada «A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917». Eis alguns títulos de seus trabalhos principais desse período:

«A TERRA AOS CAMPONESES», «DISCURSO NA VII CONFERÊNCIA» (de abril), «OS QUE TIRARAM ATRÁS DA REVOLUÇÃO», «CERRAI AS FILEIRAS», «INFORME SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA» «DE QUE PRECISAMOS NÓS?».

Assim, ao lado de Lênin, Stálin guia politicamente a Revolução.

Quando são a hora decisiva, Lênin o escolhe para dirigir a insurreição e a conduzir à vitória.

A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NUM SÓ PAÍS

Depois do fracasso da intervenção armada imperialista das 14 potências contra o jovem país soviético, está na ordem do dia a tarefa da reconstrução. O país se encontrava arruinado. O inimigo de classe, com os trotskistas à frente, tenta aproveitar-se da situação. Mas recebe uma resposta esmagadora. Todavia o Partido se une em torno das sábias propostas de Lênin e de Stálin. É o período da NEP, no curso da qual o Partido tem tempo de reagrupar suas forças tendo em vista uma nova e grande etapa: a construção do socialismo num país cercado por governos hostis que planejam uma nova intervenção armada.

Nessa época, Stálin não defende apenas a tese de Lênin da possibilidade de construir o socialismo num só país, isolado no mundo capitalista, mas também enriquece essa tese leninista, apontando-lhe a aplicação prática e imediata numa sexta parte do globo. E surge, no foro da luta, seus trabalhos fundamentais, que se destinam não só aos operários da Rússia mas de todos os países:

«RESPOSTA AOS CAMARADAS KOLKOZIANOS», mostrando que as reviravoltas ocorridas no campo são um salto, uma revolução equivalente à de outubro de 1917.

«INFORME DE 7 DE JANEIRO DE 1933», perante o Comitê Central, um balanço do primeiro plano quinquenal em todos os seus domínios.

«DISCURSO DE 11 DE JANEIRO DE 1933» perante o Comitê Central sobre o trabalho no campo.

«DISCURSO DE 17 DE NOVEMBRO DE 1935» na primeira conferência dos trabalhadores stakanovistas da URSS.

Também de capital importância é o «INFORME AO 18.º CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA (BOLCHEVIQUE)», no qual Stálin desenvolve, além do que teria sido possível a Lênin, pois as condições eram outras, a teoria marxista-leninista da construção do socialismo num país isoladamente. Apoiando-se na prodigiosa experiência dos dois primeiros planos quinquenais, Stálin mostra nesse importante trabalho teórico a possibilidade de construir o comunismo na URSS, mesmo nas condições do cerco capitalista.

Sabe-se agora, diante da própria realidade, que apesar das terríveis perdas sofridas pela URSS na sua guerra patriótica de 1941-45 enfrentando a invasão imperialista alemã, o país de Stálin entrou no caminho do comunismo, depois de haver edificado vitoriosamente o socialismo, abrindo à humanidade novos horizontes.

Todos esses trabalhos teóricos de Stálin, importantíssimos e indispensáveis para compreender a aplicação do marxismo na prática da construção socialista, estão reunidos na mais importante obra de Stálin: «AS QUESTÕES DO LENINISMO».

Nessa obra fundamental ainda se encontram:

«OS PRINCÍPIOS DO LENINISMO», «A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A TÁTICA DOS COMUNISTAS», «AS QUESTÕES DO LENINISMO».

A HISTÓRIA DO PARTIDO COMUNISTA (b) DA U.R.S.S.

Enfim, pouco antes do desencadeamento da segunda guerra mundial, é publicada na URSS, a obra mestra de Stálin, a «HISTÓRIA DO PARTIDO COMUNISTA (bolchevique) da URSS».

Seu aparecimento é um acontecimento da maior importância para toda a classe operária internacional. Esta enciclopédia do marxismo-leninismo é uma exposição genial da generalização da grandiosa experiência histórica do Partido Comunista bolchevique. Seu estudo tem um valor científico extraordinário. É a própria ciência do movimento revolucionário, e não se compreende que um verdadeiro comunista, em qualquer país, deixe de fazer da «História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS» seu GUIA PARA A AÇÃO.

Especialmente para o compêndio da História do Partido, Stálin escreveu «O MATERIALISMO DIALETICO E O MATERIALISMO HISTÓRICO». Nada semelhante existia ainda no domínio filo-

sófico. Esta obra de gênio, eleva a um novo grau, a um grau superior, o materialismo dialético.

Os últimos anos viram aparecer notáveis trabalhos de Stálin: sobre problemas ideológicos, políticos, militares, sobre lingüística, destacando-se seus discursos e ordens do dia da luta patriótica dos povos da URSS contra o invasor estrangeiro, reunidos sob o título «A GRANDE GUERRA SOVIÉTICA PELA SALVAÇÃO DA PÁTRIA».

Stálin é o Lênin da nossa época. É o campeão da causa da paz e da luta de libertação nacional de todos os povos, o guia e mestre do comunismo. Ler Stálin, estudar Stálin e aprender com o maior gênio político do nosso tempo, é atingir um novo horizonte de conhecimento humano, é romper com o atraso e o obscurantismo e caminhar resolutamente para o futuro de um novo mundo, cuja pedra fundamental é a gloriosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.



BIBLIOTECA STALIN — em homenagem ao seu 71.º aniversário

J.V. STALIN História do Partido Comunista (b.) da U.R.S.S.
O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial
Discurso aos Eleitores do Partido
Luta Contra o Trotskismo
Lenin e o Leninismo
Sobre o Problema da China
Sobre os Fundamentos do Leninismo
Sobre o Projeto da Constituição da U.R.S.S.
Constituição da U.R.S.S.

J.V. STALIN e V.I. LENIN Lenin, Stalin e a Paz
J.V. STALIN e H.G. WELLS Marxismo e Liberalismo

Instituto Max-Engels-Lenin STALIN — Biografia
A coleção toda por Cr\$ 50,00
FAÇA AGORA MESMO O SEU PEDIDO PELO REEMBOLSO POSTAL OU PEÇA PELO TELEFONE 22-1613 E ENTREGAREMOS A DOMICÍLIO
EDITORIAL VITÓRIA LTDA — Rua do Carmo, 6-a/1306 RIO DE JANEIRO

A Admiração e o Carinho Do Povo Brasileiro Por Stálin

Foi principalmente durante a segunda guerra mundial que cresceu e deu raízes mais profundas nos corações brasileiros a simpatia, a admiração por Stálin. Um novo centro de interesse se criou então com o despertar de grandes massas para os problemas políticos ligados à sorte da guerra e isso, em nosso país, fez com que novos milhões de pessoas voltassem sua atenção para o grande líder soviético. É compreensível que antes, devido a fatores diversos, o nome de Stálin não tivesse ainda a projeção extraordinária que então adquiriu, passando a ser a encarnação e o símbolo de uma luta decisiva de caráter histórico.

Na verdade a admiração e o carinho das mais amplas camadas de nosso povo pela gloriosa União Soviética e pelo seu chefe genial remontam aos dias da atuação de Litvinoff na Liga das Nações. Foi a palavra de Litvinoff, em nome do Estado Soviético, que despertou mais forte onda de simpatia pelo política da URSS nos círculos de pessoas que, não pertencendo à classe operária mas sendo honestas e bem intencionadas, eram levadas por um natural sentimento de justiça a formar ao lado da potência socialista na defesa da paz e do direito das nações. Sim! Foi a atitude consequente da URSS denunciando as violações do Tratado de Versalhes pela Alemanha hitlerista, sua firme posição em favor da independência da Abissínia e da Espanha invadida, da Áustria e da Tchecoslováquia, tudo fazendo para organizar a frente da paz e ao mesmo tempo mostrando ao mundo a política da cumplicidade dos círculos dirigentes da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos com o nazismo agressor, que estendeu a todo o nosso povo o entusiasmo pela URSS até então existente apenas entre os trabalhadores mais esclarecidos. Por isso é que, em 1941, quando a União Soviética foi traçoada e selvagemmente agredida pelos bárbaros hitleristas, pôde-se formar no Brasil uma torrente emocional antes desconhecida em relação a qualquer outro país. É que um motivo mais forte do que a consciência política ainda débil do proletariado do Brasil, oprimido pela ditadura estadonovista, atuava nesse sentido: o instinto da sobrevivência humana. Esse sentimento gerou a compreensão de que a URSS defendia as conquistas do progresso, todos os bens da civilização e da cultura. O povo brasileiro, traído por um governo que passava de juguete nas mãos do imperialismo germânico para as mãos do imperialismo ianque, atacado em seu território marítimo, golpeado pela ditadura que se aproveitava da guerra para lhe exigir mais penosos sacrifícios, compreendeu com maior rapidez através de sua própria experiência, o que a URSS significava para o mundo. A liberdade humana tinha ali a sua fortaleza.

Foi então que a figura de Stálin, o estre-mecido chefe do povo soviético, conquistou uma popularidade mais sólida e profunda no Brasil, foi então que o nosso povo que já admirava a sua sabedoria e coerência viu melhor na sua figura a personificação das grandes idéias de felicidade e bem estar de que a gloriosa classe operária russa se fez a portabandeira triunfante, ao romper para sempre as cadeias da escravidão capitalista. Foi então que o nosso povo começou a incorporar o nome de Stálin ao regime socialista soviético e às suas grandes vitórias.

Nos momentos mais difíceis da grande guerra patriótica, a confiança em Stálin não abandonou nosso povo e se exprimia em palavras simples e repassadas de carinho, saídas da boca de operários e populares. Assim, a admiração popular por Stálin veio crescendo e nas campanhas pela conquista das liberdades ou nos milhares de comícios em todo o país para festejar a vitória sobre o nazismo, nenhum nome de estadista foi mais aplaudido que o dele.

Passados os anos, o nome de Stálin, assim como simbolizava a vitória militar sobre os inimigos da humanidade, passou a simbolizar a esperança e os esforços pela paz, a luta dos povos pela paz. Das condições favoráveis para serem levadas a efeito as homenagens

com que os comunistas, à frente do nosso povo, celebraram o 70.º aniversário de Stálin. Contra o nome de Stálin, a popularidade de Stálin, a simpatia e o carinho que lhe dedica tradicionalmente o nosso povo nada puderam a mobilização policial e o terror, os insultos da imprensa venal a serviço dos incendiários da guerra naz-ianques. Por isso, o povo brasileiro rendeu vivas homenagens de amizade e so-

lidariedade ao grande Stálin na data que os povos fizeram uma data sua, uma data da humanidade.

As festas nos lares, as salvas de foguetes na madrugada, as inscrições murais, as palestras sobre a vida de Stálin, as edições especiais dos jornais da imprensa popular, os concursos de reportagens, as simples e sinceras cartas sobre a vida de Stálin, as iniciativas

dos operários nas fábricas e dos camponeses nas fazendas, os presentes vindos de todo o Brasil, a escalada heróica do Morro dos Dois Irmãos para no alto gravar o seu nome luminoso, feito cuja significação cresce de importância sob as condições de uma ditadura policial — mil coisas diferentes lembraram aos milhões que amam a paz e a independência e dia do aniversário de Stálin.

Entre as homenagens que traduzem o nobre sentimento de veneração por Stálin, o Homem da Paz e da Libertação Nacional, merecem especial destaque as cartas populares. Elas são como gritos que rebentam dos peitos, não têm artificios e falam uma língua simples. Expressam o anseio geral de paz e felicidade de nosso povo e o poderoso sentimento internacionalista que desabrocha e se expande na classe operária do Brasil.

Francisca, que declara ser mãe e mulher operária e na sua modestia omite o sobrenome, talvez para se identificar com os milhares de Francisca que vêem em Stálin a esperança de um futuro risonho para todos, escreve com emoção:

«Como brasileira que preza sua Pátria e quer o bem estar de toda a humanidade, eu jurei fazer alguma coisa boa, como contribuição à tua grandiosa obra. Jurei lutar com todas as minhas forças, para que no mundo reine a Paz!

Se para tanto fôr preciso o sacrifício de minha vida, disponha dela, é sua, outros já deram a sua, também a nossa infortunada Zélia tombou na luta para que outros possam viver dias melhores.

É minha dívida à nossa causa, Stálin!».

Miguel Pequini, de Piratuba, São Paulo, diz em carta:

«Ao comandante deste grande barco da paz, desejo que tenha vida longa para nos guiar com sua grande inteligência e pulso firme no leme, para tirar toda a humanidade deste mar de tempestade de guerra, fome e miséria».

Antonio Ribeiro Granja exclama com sinceridade:

«Quando se torna difícil dizer o que mais amamos e admiramos no camarada Stálin».

Outro popular, Jurandir Guimarães, de São Paulo, exprime sua revolta, comunicando-se com Stálin:

«Ganhando salários de fome, morando em cortiços sem conforto algum, às vezes sem ter luz para ler, não podendo a não ser com grandes sacrifícios comprar livros, as nossas dificuldades são grandes. A nossa instrução é pouca, a maioria de nós lê muito mal. Além disso temos que considerar os assaltos que a infame ditadura de Dutra, Ademar e C. prática em nossos lares, quando infalivelmente nos roubam os nossos livros tão custosamente adquiridos. Temem a ciência marxista-leninista-stalinista, porque sabem que ela nos ensina o caminho certo da luta de classes, das lutas de massas por Pão, Paz e Liberdade».

Milhares de cartas escreveram homenagens e mulheres de todo o Brasil ao grande Stálin, pelas colunas da imprensa popular, por ocasião do seu 70.º aniversário. Contaram a Stálin suas dificuldades de vida e sua certeza de melhores dias, porque têm Stálin, porque têm em Prestes seu fiel discípulo, porque vêem no Partido de Prestes a vontade férrea de seguir o caminho traçado por Stálin para a libertação dos povos coloniais e dependentes. E os homens e mulheres sem partido também escreveram a Stálin, porque Stálin é o denominador comum das aspirações humanas.

Agora, quando se comemora mais um aniversário de Stálin, uma nova oportunidade se apresenta ao nosso povo para mais profundas demonstrações de carinho e admiração pelo grande líder, pelo chefe dos povos, cuja obra gigantesca em defesa da paz e do bem estar humanos cresce com o passar dos dias. Longa vida ao grande Stálin, dizem todos os homens e mulheres dignos. A ele, que vela pela felicidade de todos, milhões de ardentes votos dos comunistas, da classe operária e do povo brasileiro.



STALIN E OS FUNDAMENTOS DA LIBERDADE

«Numa sociedade socialista cada um deve trabalhar, muito embora, por seu trabalho, não receba ainda segundo suas necessidades, mas segundo a quantidade e a qualidade do trabalho que forneceu. Eis por que os salários existem ainda e, além disso, salários desiguais, diferenciados. Somente quando chegarmos a criar uma sociedade em que os homens receberão a remuneração de seu trabalho, não de acordo com a quantidade e qualidade do mesmo, mas de acordo com suas necessidades, só então se poderá dizer que edificamos uma sociedade comunista. Dizis que, para edificarmos nossa sociedade socialista, sacrificamos a liberdade individual e sofremos privações. Nessa afirmação vejo que predomina a idéia de que a sociedade socialista nega a liberdade individual. Isso não

é exato. É certo que, para construir qualquer coisa de novo, precisamos fazer economias, armazenar recursos, restringir por algum tempo nossas necessidades, pedir emprestado a outros. Quando desejamos construir uma casa nova precisamos juntar dinheiro e limitar temporariamente nossas necessidades. Doutra forma, não chegaríamos a construir a nova casa. Esse fato é tanto mais justo quando se trata de construir uma nova sociedade humana, acumular os meios indispensáveis, mobilizar nossas forças. Foi precisamente dessa maneira que procedemos e foi assim que edificamos a sociedade socialista. Mas a verdade é que edificamos essa sociedade não para estrangular a liberdade individual, mas para que o indivíduo humano nela se sinta verdadeiramente

livre. Edificamo-la em nome da liberdade individual, da liberdade sem grilhões. A mim não é difícil compreender qual possa ser a «liberdade individual» de um sem-trabalho que passa fome e não sabe onde empregar sua capacidade de trabalho. A verdadeira liberdade só existe onde foi eliminada a exploração, onde não existe nenhuma opressão do homem pelo homem, onde não há desemprego, nem miséria, onde o homem não tenha receio de amanhã vir a ficar sem trabalho, sem teto, sem pão. Somente numa tal sociedade é possível existir a verdadeira liberdade, não a liberdade que existe no papel, mas a liberdade individual, assim como qualquer outra».

(Da entrevista de STALIN ao jornalista norte-americano H. Howard, a 1.º de março de 1936).